



*Rosie
Thomas*

SOL À MEIA-NOITE

TRADUÇÃO DE MARIA DA FÉ PERES





SAÍDA DE EMERGÊNCIA

TÍTULO: *Sol à Meia-Noite*

AUTORIA: *Rosie Thomas*

EDITOR: *António Vilaça Pacheco*

Esta edição © 2006 Edições Saída de Emergência Lda.

Título original Sun at Midnight, Copyright © 2004 Rosie Thomas Publicado originalmente no Reino Unido por HarperCollinsPublishers, 2004

TRADUÇÃO: *Maria da Fé Peres*

REVISÃO: *Rosa Vilaça*

COMPOSIÇÃO: *Saída de Emergência, em caracteres Minion, corpo 12*

DESIGN DA CAPA E INTERIORES: *Saída de Emergência*

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: *Guide - Artes Gráficas, Lda.*

1ª EDIÇÃO: *Dezembro, 2006*

ISBN: *978-972-8839-65-9*

DEPÓSITO LEGAL: *??????/06*

EDIÇÕES SAÍDA DE EMERGÊNCIA LDA.

Av. da República, 861, Bloco D, 1º Dtº, 2775-274 Parede

WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM



*Rosie
Thomas*

SOL À MEIA-NOITE

TRADUÇÃO DE MARIA DA FÉ PERES



Aos membros da XI Expedição Búlgara à Antárctida – Christo, Dimo, Dany, Elmira, Koko, Milcho, Niki, Roumi, Stanko e Valentin – com amizade e um reconhecido agradecimento.

‘sempre na nossa equipa’

Capítulo Um

O vento soprava da direcção da baía gelada. À sua passagem, levantavam-se fiapos de gelo, mas o homem que trabalhava na armação do telhado parecia não se dar conta do frio, nem dos salpicos de gelo que lhe batiam nos olhos. Tinha trepado para a asna de madeira descarnada, numa das extremidades do edifício, e estava agora escarranchado sobre a viga principal, bem acima da amálgama de lama e de neve que cobria todo aquele local. O hotel deveria abrir no início da curta estação de Verão, mas o tempo tinha estado agreste, mesmo para o que era costume de acordo com os padrões locais, e o trabalho avançava devagar, enfrentando diversos problemas. Os prazos já tinham sido ultrapassados. A um mês do final da obra, nem estava sequer concluída a primeira fase dos trabalhos. A equipa de operários era maioritariamente composta por mexicanos, o empreiteiro principal viera de Buenos Aires e todos odiavam o frio. O arquitecto trabalhava para um grande gabinete de Portland, em Oregon, e fora para a cidade, estando ausente há vários dias, sem regressar à base. A empresa hoteleira era de origem alemã e regia-se por um programa de desenvolvimento rígido e por uma estratégia que impunha a eliminação, pelo tutano, dos custos envolvidos com a construção.

No entanto, tudo isto fazia parte da rotina. Era o trabalho, a chatice da vida diária. James Rooker nem se dava à maçada de reflectir muito sobre o assunto.

Nesse momento, debruçava-se sobre a viga, lutando contra a corrente de vento e de neve, a observar os parafusos que prendiam as vigas destinadas a sustentar as asnas na devida posição. A madeira estava lascada e faltavam alguns parafusos. Só podia ser obra do Juan ou do Pepito, claro.

Lá em baixo soou o apito a marcar o final do dia. Nesse mesmo instante, o grupo de homens começou a dispersar-se pelo terreno a recolher as ferramentas e a pegar nos casacos.

Rooker olhou para o outro lado da baía e para as pistas de neve que se perfilavam ao longo do canal de Beagle. Corria o mês de Setembro e o único navio que se avistava no porto era um inestético quebra-gelos russo, preparado para seguir para Sul, mas dentro de poucas semanas chegaria o

Verão e então ver-se-iam navios de cruzeiro ancorados em cada uma dos molhes do cais de desembarque principal. A cidade iria encher-se de turistas com abafos de pele de carneiro e barcos de aluguer, entretidos em excursões marítimas, passeios pelos glaciares e visitas aos miradouros das cataratas, e ainda em caminhadas no Parque Nacional. Haveria também um pequeno comboio azul a circular pelas ruas, semelhante aos das feiras de diversão, com um funcionário da agência de turismo vestido com um pinguim gigante, que passava cinco horas diárias a posar para as fotografias e a estender a barbatana oferecendo apertos de mão. Em breve ia chegar a altura de partir para outro lado. Quando a ideia lhe surgiu, Rooker reparou que a neve cessara de cair. Por entre as nuvens, assomava-se uma faixa de céu e um feixe de luz prateada incidia obliquamente sobre o mar gelado.

Desprendeu-se da sua trave e desceu uma série de escadas até chegar ao solo. Quando ficasse concluído, o hotel iria apresentar um bonito revestimento em madeira, mas nesta altura não passava de um vulto pardo de tijolo, com buracos abertos nos sítios das janelas. Naquele dia, dois dos seus homens tinham começado a dedicar-se ao piso do rés-do-chão e às estruturas das janelas.

Descobriu Juan, entre um grupo de homens que se dirigiam para o portão do estaleiro, deixando atrás de si um rasto na camada de neve macia.

— Eh! — gritou Rooker. — Tu aí, Juan, preciso de falar contigo.

O homem deteve-se e ficou a aguardar. Era baixo e moreno, e um caso perdido. — *Sí?*

Rooker fez uma expressão intimidadora e apontou com o polegar para as traves do telhado. — Que porcaria é aquela ali em cima?

O carpinteiro encolheu os ombros. Estava habituado aos modos do encarregado. — Foi o mau tempo — disse entre dentes, num tom despido de emoção.

— Então vamos arranjar o maldito telhado como deve ser, *Mex*, para que todos possamos ter alguma protecção. De acordo?

— *Sí.*

— Trabalho ruim, não há *pesos*. *Comprendes?* — Rooker esfregava em simultâneo o polegar e o indicador, um no outro.

O homem assentiu com a cabeça e sacou da mochila de lona que trazia ao ombro. Era quarta-feira e os homens recebiam o salário às quintas-feiras, pelo que naquela noite não haveria bebidas. Juan apenas desejava voltar ao seu alojamento para poder comer, aquecer-se e depois ir dormir.

— Vai-te lá embora — disse Rooker, perdendo a paciência. O resto dos homens já tinha desaparecido e Pepito deveria estar entre eles. A luz acinzentada diminuía velozmente. O telhado e a sua reparação teriam de

ficar para o dia seguinte, o que equivalia a mais um dia. Juan arrastou-se em direcção à saída e Rooker fechou à chave o contentor de metal usado como ponto de apoio e depósito das ferramentas. Na altura em que acabava de colocar o cadeado no portão do gradeamento de ferro, a escuridão já o rodeava por completo. Naquela latitude, a noite chegava muito depressa.

Percorreu em passo acelerado o caminho de descida da colina, em direcção ao centro da cidade. Aquela zona ainda pertencia aos subúrbios e as estradas que convergiam para as ruas principais não tinham sido limpas. Havia neve amontoada e suja junto aos degraus que davam para as portas estreitas das casas. Os edifícios assemelhavam-se a blocos de metal ondulado pouco mais elaborados que o contentor do estaleiro, mas estavam pintados de cores garridas e na maior parte das janelas quase todas as cortinas estavam já corridas. À sua passagem, dois cães saltaram a rosnar por detrás dele, esticando as suas correntes de metal. Nesse momento, o frio já se intensificara fortemente. Ao virar à direita, sob a luz laranja e difusa de um candeeiro, Rooker avistou as luzes de um avião a sobrevoar o céu, a baixa altitude. Tratava-se do voo nocturno de Buenos Aires, prestes a aterrar no novo aeroporto.

O bar para onde se dirigia não era nenhum dos estabelecimentos profusamente iluminados, que se alinhavam na rua principal, paralela à amurada do porto. Esses locais estavam decorados com toalhas de mesa de xadrez e quadros nas paredes, e era aí que os turistas bebiam cerveja ou café a preços extraordinários, antes de se dirigirem para as churrascarias. O destino de Rooker ficava numa rua lateral, três degraus abaixo do nível do passeio e oculto por uma porta sem qualquer distintivo.

Ao entrar, várias pessoas desviaram os olhos das bebidas e algumas acenaram-lhe com a cabeça. Dirigiu-se ao balcão e uma empregada corpulenta deitou-lhe três dedos de whisky num copo, sem sequer lhe perguntar o que desejava.

— *Hola* — disse-lhe ela, entre dentes, fazendo deslizar o copo pelo balcão. Já tinha perdido as esperanças de que Rooker lhe prestasse qualquer atenção.

Este tomou o whisky em silêncio. O lugar não tinha qualquer atractivo, nem um ar confortável, munido apenas de bancos de madeira e um chão de tábuas corridas e nuas. Tratava-se de um local seco e quente, com bebidas baratas, e isso era o suficiente para quem quer que lá fosse. Era um bar para trabalhadores sazonais, pescadores, marinheiros e ajudantes de cozinha vindos do estrangeiro, um sítio lúgubre numa cidade fronteiriça no ponto mais longínquo do mundo. Ou quase o mais longínquo.

Rooker estava a terminar a sua bebida e a decidir se iria tomar outra, quando a luta começou. Surgiu sem qualquer aviso prévio, nem uma razão

plausível, como acontecia normalmente com as brigas típicas daquele lugar. De súbito, uma mesa ficou virada de pernas para o ar e um maço de cartas voou para o chão. Dois homens praguejavam e lutavam um contra o outro, parecendo ursos enraivecidos. Um deles agarrou-se ao pescoço do outro e abanou-o, e o adversário dobrou o braço, para lhe responder com um golpe do punho no queixo. Ambos cambalearam, com os corpos engalfinhados um no outro, e foram cair sobre outra mesa. Os copos caíram e partiram-se, salpicando o chão com marcas escuras das bebidas. Os outros clientes erguiam-se ou gritavam, enquanto a empregada se dirigia com ar cansado em direcção do telefone, por detrás do balcão.

Sem manifestar qualquer reacção no seu rosto, Rooker desviou-se para o lado, evitando o conflito. Já tinha visto muitas lutas em bares; esta era monotonamente igual às outras. Dirigiu-se à porta e embrenhou-se no meio da escuridão, sem olhar para trás. Concluiu que o melhor era ir para casa, sem que pensasse nela, neste contexto, como a *casa*. Ficava a dez minutos de distância dali, subindo de novo a encosta, mas no sentido contrário ao do novo hotel. Caminhou sem pressas, com as mãos enfiadas nos bolsos do impermeável, sem se dar conta do frio ou da neve que voltara de novo a cair.

A casa compunha-se de dois andares e tinha um aspecto mais antigo que as da vizinhança, com beirais salientes e um pequeno pórtico à frente. Nas poucas e preciosas semanas de Verão, iriam despontar flores nos vasos feitos com bidões de gasolina e pintados de azul, colocados de cada um dos lados da porta, debaixo dos candeeiros de ferro forjado. Mas agora havia ali apenas camadas de neve, a escorrer entre os galhos nus, e beatas de cigarro amontoadas ao acaso. Marta não permitia oficialmente que se fumasse dentro de casa.

Rooker arrastou-se para o interior. No átrio encontrou um aroma a carne frita, um bengaleiro de madeira e cerca de centena de quadros emoldurados. Marta adorava fazer bric-a-brac. No início, quando ela lhe alugara o quarto, ele tivera de batalhar para a obrigar a retirar metade da tralha que lhe atravancava o espaço.

Ao colocar o pé no primeiro degrau, Marta assomou a cabeça à porta que dava para os seus domínios, nas traseiras da casa.

— *Qué tal, Rook?*

Marta tinha uma gordura descomunal, mas um rosto encantador, com a pele clara e suave, e uns olhos escuros e melancólicos. O marido deixara-a e ela estava ansiosa por o substituir. Rooker saudou-a, sem suspender a sua subida das escadas.

Tinha alugado metade do piso superior da casa. As janelas davam para uma encosta rochosa e não havia ali muita luz, mas durante o tempo invernos não havia muita luz em lado algum, pelo que isso pouco importava.

Ele não sabia onde iria estar quando o Verão finalmente chegasse, mas era pouco provável que ainda se encontrasse ali.

Pendurou o casaco e desapertou as botas. Ao lado da pequena sala-mandra, havia um roupeiro, uma estante, uma mesa com duas cadeiras e um recanto recuado, com uma tina e uma cozinha rudimentar. Noutro recanto, estavam a cama e uma cómoda. A casa de banho ficava no exterior, e Rooker partilhava-a com o chefe de cozinha de um dos restaurantes para turistas, que alugara a parte da frente do piso.

— Serve perfeitamente — dissera a Marta, quando esta lhe tinha mostrado o quarto. E serviu, a partir do momento em que conseguiu que ela levasse todas as imagens religiosas, a par das toalhas de renda e das almofadas de lã que atulhavam o local. Não era esquisito com o lugar onde vivia, desde que este não chamasse demasiado a sua atenção.

Começou a preparar a sua refeição. Havia restos de um estufado de carne com feijão que Marta lhe impingira à força, pelo que colocou a panela sobre a placa eléctrica para a aquecer. Tinha pão, um pedaço de queijo de sabor forte e algumas salsichas fumadas. Quando acabava de colocar um prato na mesa, Rooker escutou o som pouco habitual da campainha da porta da frente. Devia ser um amigo de Guillermo, o cozinheiro, pensou. Por vezes, até Guillermo dispunha de uma noite livre no seu trabalho. Ou talvez a Marta tivesse arranjado um novo namorado.

Da entrada, chegava-lhe o som de vozes, a de Marta e outra. A visita era uma mulher.

Marta subiu as escadas, quase sem fôlego, e bateu-lhe à porta.

— Rook? Tem uma visita — anunciou ela.

Este olhou para a sala à sua volta, procurando instintivamente algo que pudesse revelar algo mais sobre si próprio. Mas o sítio estava praticamente vazio, sem contar com as roupas e alguns livros dispersos pelas prateleiras.

— Rook? — insistia Marta. Através dos painéis delgados da porta de madeira, conseguia distinguir-lhe a respiração arquejante. Da outra mulher, quem quer que ela fosse, não vinha qualquer som.

Abriu a porta. O corpo de Marta quase bloqueava a entrada.

— Entre, querida — convidou esta por cima do ombro, no seu sotaque forte em inglês americano. A visita não seria, portanto, uma pessoa da região.

Ouviu então o som de uns passos leves e rápidos, a subir as escadas. Marta encolheu-se para um dos lados e ele viu que era Edith.

— Edith? Santo Deus. O que fazes tu aqui?

Edith trazia consigo o cheiro do frio. A neve espalhava-se pelos ombros e reluzia-lhe no cabelo. Inclinou a cabeça e arqueou as sobrancelhas. — Que espécie de recepção é essa?

— Que espécie de chegada é essa?

A mulher não deixou que o sorriso se desvanecesse do rosto. Ele recordou-se de como os seus dentes pareciam sempre tão brancos, em contraste com a pele morena. — Uma surpresa.

— O diabo é que é.

Trazia consigo um saco de viagem. Deixou-o cair no chão com um ruído surdo. Marta olhou inquisitoriamente para Rooker, depois para Edith e, em seguida voltou a olhar para o primeiro.

Rooker suspirou. — Está bem. Entra. *Gracias*, Marta.

— *De nada*. — Esta sentia-se ofendida por não a apresentarem e não ter uma participação maior no acontecimento invulgar de uma visita ao hóspede das traseiras.

Edith deu um empurrão à mala, passou-lhe ao lado e fechou a porta com um jeito do ombro. Olhou em redor do quarto, atenta a todos os pormenores. — Então é esta a tua casa? Não é lá muito acolhedora, pois não?

— Não é a minha casa. É apenas o sítio onde vivo.

Em apenas dois minutos, Edith já se apercebera de que estavam a seguir pelo pior caminho. Rooker sentiu-a a deter-se e a tentar uma nova aproximação.

— Sinto-me feliz por te ver, Rook.

Alisou o cabelo e puxou-o para o lado, deixando que ele lhe caísse sobre um dos ombros. Conforme pretendia, ele reparou como ela era bonita, de compleição miúda e delicada. Os pés e as mãos eram pequenos como os de uma criança.

— O que fazes em Ushuaia?

Continuava a sorrir-lhe. E havia um brilho nos seus olhos. — Tu sabes o que eu vim cá fazer. E já que aqui estou, não me vais oferecer uma bebida?

Rooker sentiu-se apanhado. Olhou para a porta e para a panela de estufado, por cima da placa eléctrica. Viu-a a deitar fumo e teve de a retirar do lume. — Está bem, Edith. Tenho whisky. Serve?

— Claro. — A mulher desabotoou o casaco e pendurou-o nas costas de uma cadeira, descalçando a seguir as botas de neve. Ficou de pé, junto à salamandra, a esfregar as mãos e em seguida pegou no copo de whisky que ele lhe estendia. Rooker serviu-se também, acabando com o que restara na garrafa.

— À tua e à minha — disse ela suavemente, levando o copo aos lábios. Ele ignorou o brinde.

— Como vieste cá ter?

— Vim de Buenos Aires, de que outra maneira poderia ser? No voo desta noite. — Era o que ele tinha visto a preparar-se para aterrar.

— Edith, não percebo porque estás aqui. Não compreendo como deste comigo...

— Foi a Frankie que me disse.

— Não o devia ter feito. — Frankie era uma velha amiga de Rooker. Era mais nova e embora se conhecessem há quinze anos, nunca tinham dormido juntos. Gostava dessa sensação, que a tornava para ele uma pessoa diferente. Por vezes enviava-lhe mensagens de correio-electrónico, a partir do *locutório* da rua principal. Frances casara com um quiroprático, que conhecera no concerto de homenagem a Jerry Garcia, e residia agora com ele e os três filhos, em Nova Iorque. Para Rooker era ainda surpreendente pensar em Frances com filhos, mas tudo levava a crer que ela deixara para trás os seus dias de aventura e que agora tinha assentado para se tornar numa mãe e mulher de família. Ele gostava de receber as suas mensagens, onde ela lhe contava o que os filhos faziam e a última gracinha do bebé. O marido, Ross, era enfadonho, mas boa pessoa.

— Bom, mas fê-lo.

Controlou a cólera que sentia. Entre todas as namoradas de Rooker, Edith fora sempre a preferida de Frankie. E esta tinha a sua morada, porque lhe enviara um livro pelo aniversário. Dera-lhe *A Pior Viagem do Mundo*¹ de Apsley Cherry-Garrard. O livro encontrava-se agora na estante atrás de si. Já tinha lido algumas páginas.

— Rook? — proferiu Edith, baixinho. Pousara o copo em cima da mesa e aproximava-se dele, de mãos estendidas. Ao ver que ele não as agarra, puxou-o pelo colarinho da camisa e ergueu-se em bicos de pés para lhe poder beijar a boca. Sabia a whisky.

— Não faças isso — ordenou ele. Desprendeu-se do seu abraço e virou-lhe as costas. A sala era demasiado pequena e não havia sítio nenhum para onde fugir daquilo.

— Amo-te — disse-lhe Edith, com uma voz diferente, impregnada de um tom agudo e repleto de acusações.

— Não, não amas. Já te esqueceste.

Ele não esquecera. A última vez que estivera com ela tinha sido em Dallas. Fora para lá, para ocupar o lugar de piloto de uma companhia aérea de voos charter, mas o emprego tinha-se logrado ainda antes de começar, forçando-o a candidatar-se novamente a trabalhos na área da construção. Edith arranjara um emprego de bailarina. Estavam a viver juntos, desta vez numa ligação que durara apenas algumas semanas. Houve uma noite em que tinham saído para tomar um copo.

¹ N.T.: *The Worst Journey in the World* no original, consiste no relato da última expedição do capitão inglês Robert Scott à Antárctida, entre 1910 e 1912.

Edith sempre gostara de chamar a atenção, nomeadamente dos homens nos bares, e essa noite não fora uma excepção. Vestira uma saia curta que lhe realçava as coxas morenas e uma blusa justa, sem alças, ocultando-lhe apenas uma parte mínima dos seios. Antes de saírem de casa, ela andava já a voltejar à sua frente, a rir com exagero e a lançar-lhe pequenos olhares flamejantes por entre as pestanas. Rooker sabia que mesmo que a amasse, mesmo que a inundasse da admiração e do afecto suficientes para a sufocar, isso não seria o bastante para satisfazer Edith. Ela nascera para se sentir insatisfeita e estava condenada a querer mais do que podia alcançar. Se o possuísse a ele, o seu desejo de afirmação levá-la-ia a desejar também outros homens. Se o sentisse mais distante, iria adulá-lo, desafiá-lo e seduzir, até que ele se rendesse. Antes dessa noite em Dallas já se tinham separado duas vezes. Mas Edith sabia sempre qual o botão onde devia tocar.

Naquela noite ela estava com um comportamento bravo, instigado pela irritação que sentia por ele e pelo desprezo em relação ao resto do mundo. Mal acabara a primeira bebida, já tinha metido a língua na boca de um tipo qualquer. O homem enfiou logo as mãos no interior da camisola de Edith e Rooker empurrou-o violentamente para trás, apertando-o de encontro ao balcão. No entanto, ao mesmo tempo que o fazia, perguntava para si próprio porque agia assim. Não desejava estar ali com ela, mas não conseguia imaginar qualquer outro sítio onde quisesse estar.

— Não faça isso — disse Rooker calmamente ao novo amigo de Edith.

Este tentou sorrir. — Ah, peço-lhe desculpa. Só pensei... — nos pêlos, sobre o lábio superior, tinham-se formado gotículas de suor.

Rooker teve a sensação de que estava ao lado de si próprio e observava, contrafeito e desgostoso, o seu comportamento. Deixou cair as mãos ao longo do corpo.

— Vamos embora — disse para Edith.

No exterior, esta roçou o corpo por ele. Estava tensa e ágil como um gato. — Olá! — sussurrou-lhe ao ouvido. Como de costume, a agressividade de Rooker excitava-a.

A noite, que começara já mal, foi-se agravando de forma consistente. Seguiram-se outros bares e bebidas. Acabaram num lugar munido de uma pista de dança e no momento seguinte, Edith estava já a dançar, completamente fora de si, desprovida da pequena saia e da blusa justa. Andava um homem por ali, de braços grossos e vermelhuscos a condizer com um cabelo áspero e ruivo, e Rook reparou num daqueles braços a deslizar entre as coxas de Edith. Com uma sensação opressiva de tristeza, Rook puxou-a pela parte de trás do pescoço, como se ela fosse de facto um gato, desviando-a do

alcance do outro. A seguir enfrentou o homem ruivo, vendo pelo canto do olho o pessoal de segurança do bar a dirigir-se na direcção deles.

— Mariconço — rugiu o outro.

— Lá para fora — rispostou Rook.

A noite estava quente e pesada. De início, Rook quase não se conseguia mover, tolhido pela pressão da contrariedade e da repugnância, mas quando o punho do homem lhe bateu no canto do olho quase por acaso, a dor acendeu-lhe na cabeça um rastilho com a brancura do fósforo. Deu-lhe um soco, e outro soco logo a seguir. O homem caiu quase instantaneamente. Rook viu-lhe o rosto completamente descomposto, com os dentes e ossos diluídos numa massa de sangue, e teve a sensação de que o tinha matado. Um horror doentio e uma onda de memórias vieram ao seu encontro, fazendo-o recuar de mãos erguidas para ocultar aquela cena.

Deixou o homem jazido no meio do chão. Tinha largado Edith algures, no interior do bar, pelo que voltou para casa no meio de um movimento lento, doloroso e confuso. No chão da casa de banho viam-se as marcas dos pés de Edith, em contornos de pó de talco. Esfregou-as com o flanco do punho, parecendo-lhe que o chão se inclinava para ambos os lados e que a cara esmagada do homem o olhava fixamente, do outro lado do espelho.

Quando voltou a acordar, Rooker viu que estava na cama, completamente vestido, e que ela dormia a seu lado. Olhou-a de revés, porque só conseguia abrir um dos olhos. Edith tinha a cara esborratada de pintura à volta dos olhos e formavam-se bolhas entre os lábios inertes à medida que respirava. A luz do quarto tinha uma tonalidade cinzento-escuro e respirava-se um ar pesado. Sentou-se muito devagar, estremecendo com a dor. Na almofada onde pousara a cabeça havia sangue pisado. A saliva tinha um sabor amargo na boca.

Tenho de me afastar daqui, disto, pensou ele.

Antes de conseguir fazer outro movimento, Edith mexeu-se. Olhou para ele, com os olhos a piscar e concentrou-se por momentos no que via. — Meu Deus — murmurou.

Rooker levantou-se e virou lentamente a cabeça em direcção ao espelho do guarda-vestidos. O olho esquerdo estava inchado, com a pele num tom de carmesim brilhante. As pestanas estavam reduzidas a espigões pretos, envolvidas nos tecidos contundidos. Tinha um corte grosseiro cujos bordos, em sangue, subiam desde o centro do queixo até ao canto do olho. O homem devia usar um anel enorme. Ergueu os dedos para tocar naquela área, enquanto a memória do que tinha acontecido na noite anterior ia regressando em pequenos fragmentos nada agradáveis. Edith continuava no mesmo sítio, sem se mexer.

— O que aconteceu? — balbuciou ele. Queria perguntar o que tinha acontecido ao homem que tinha matado.

— Desapareceste e deixaste-me num bar merdoso com um monte de vândalos, foi isso o que aconteceu.

— Aquele tipo, Edith. Ele morreu?

Ela tossiu e a seguiu resmungou. — Morreu? Não. Mas precisou de ajuda para voltar para casa. Eu também precisei, mas tu já não estavas lá.

Rooker concentrou-se nos seus pensamentos.

É claro que o homem não estava morto. Claro que não. Sentiu imediatamente que a sua pena estava temporariamente suspensa. Afinal ainda dispunha de uma oportunidade, desde que a agarrasse desde já. Desde que partisse já. As palavras pulsavam-lhe na cabeça, assumindo contornos brilhantes, cor de néon, que lhe magoavam o interior dos olhos. Limita-te a *partir*, sai daqui, para longe disto.

Foi até ao roupeiro e retirou o seu velho saco de viagem em cabedal. Começou a atirar lá para dentro roupas e livros.

Edith soergueu-se, apoiada no cotovelo. — O que está a fazer?

— Dá para veres o que estou a fazer.

— Para onde vamos nós?

Veio-lhe à ideia o quanto odiava aquele *nós*. Todos os bares e esquinas de rua, todas as camas e apartamentos, em cidades diferentes, encerravam aquela pequena palavra, todos os argumentos e reconciliações e compromissos meio sentidos, firmados e depois repudiados, não só com Edith, mas com outras mulheres, e para quê?

— *Nós* não vamos a lugar nenhum. Eu vou. — Lançou a última pilha de pertences para dentro do saco e correu o fecho.

— Vai à merda, Rook.

— Como queiras. — Apercebeu-se de que não encontrava a carteira. Perdera-a algures, na noite anterior, entre o bar e a cama, ou o mais provável é que alguém a tivesse roubado. Não tinha importância. Edith sentou-se. As lágrimas assomaram-lhe aos olhos e depois jorraram, escorrendo por entre as manchas negras da maquilhagem. Mesmo com um aspecto horroroso, Edith era linda.

— Adeus — disse-lhe, colocando o saco ao ombro.

— Espera! — gritou ela. Mas ele já estava perto da porta. — Odeio-te — gritava Edith nas suas costas. — Eu *odeio-te*.

Rooker começou por se dirigir para Miami, onde um amigo de Christchurch possuía uma pequena empresa de viagens aéreas. O negócio corria-lhe bem. Rook ficou com ele até o olho passar do vermelho ao negro, e depois começar a adquirir uma tonalidade cor-de-púrpura, à medida que o corte sarava, embora num aspecto irregular porque não tivera paciência

para o mandar suturar. Chegou a ter esperanças de que Ken lhe arranjasse trabalho, mas em vez disso, este referiu-lhe em termos bastante incisivos que Rook, em três anos, não registara quaisquer horas de voo e que tinha de actualizar a sua prática, antes que qualquer companhia o admitisse.

— Voltar à escola de pilotagem? — argumentara Rook, de sobrolho franzido. — Tenho quarenta e seis anos de idade.

— Escuta, companheiro. Ambos sabemos que sabes voar. Mas esta empresa rege-se em cem por cento por princípios éticos, e sem habilitações actualizadas não entras em nenhum dos meus aviões. Percebeste?

— Obrigado — retorquiu Rook, encolhendo os ombros.

— Não é preciso agradeceres. E já agora também devias pensar em reduzir a bebida.

De Miami, Rooker fora para o Rio, principalmente porque nunca lá tinha estado. A seguir ao Rio, partira para Buenos Aires, mas o desassossego voltou a dominá-lo e deu então consigo a mudar de lugar em lugar, cada vez mais para Sul, como se fosse impelido a desviar-se do centro populoso do mundo, em direcção às suas margens a que pertencia. Não tentava remar contra a corrente. Esteve em Rio Gallegos e a seguir, como havia mais à frente um outro local ainda mais remoto, foi parar a Ushuaia. A cidade mais a sul da América do Sul, presa ao mundo entre a cauda dos Andes e as águas revoltas da Passagem de Drake.

Agora Edith tinha-o encontrado.

— Teria feito todo este caminho, se não me importasse contigo? — murmurou ela. Tocou-lhe na cicatriz vermelha e estreita que lhe unia o olho ao maxilar. — Rook?

— Não quero isso.

Com os dedos, ela levantava a lingueta do cinto para lhe desapertar a fivela grossa.

— Nem em memória dos velhos tempos? — Tinha os lábios e as pálpebras ligeiramente inchados, recordando-lhe que ficavam sempre assim, mais grossos, quando faziam amor. Não era uma memória oportuna, mas ainda assim conseguia excitá-lo.

Edith deslocou os dedos ainda mais para baixo. — Mas tu queres, não é? — segredou-lhe ela. — Estás a ver?

Bom, já que estás aqui, podemos aproveitar, pensou Rook. Se é por isso que percorreste todo esse caminho.

Empurrou-a mais para trás, até a depositar sobre a cama. Ela enlaçou-lhe logo a cintura com as pernas, para o prender. Lançou a cabeça para trás e o cabelo negro espalhou-se sobre a almofada. Antes de fechar os olhos, ele viu-lhe o brilho triunfante no sorriso.

Mais tarde, ela aninhou-se de encontro a ele, tão leve como um passarinho.

— Vamos arranjar um sítio melhor que este, Rook. Amanhã, vou começar a procurá-lo. Se calhar uma daquelas casinhas, lindas, com telhado de estanho, azuis e vermelhas, que vi ao longo do caminho, na viagem de táxi? E depois, assim que acabasse de a decorar, ia procurar trabalho. Talvez num dos hotéis ou no posto de turismo? Pode ser até que venha até a andar de uniforme azul, com o meu nome numa placa. Era engraçado, não era? E direi aos turistas, “Sejam bem-vindos a Ushuaia. Desejo-vos um dia agradável.” A seguir volto para casa e preparo o jantar para os dois. Bebemos uma garrafa de vinho, vemos televisão e a seguir vamos para a cama. O que te parece?

Rook achou este cenário tão realista, como se Edith estivesse a pensar ser eleita presidente e planeasse o que iria fazer em relação aos reposteiros da Casa Branca.

O quarto permanecia em sossego e não havia nada no exterior a interromper aquele silêncio. Rook estava sentado, sem nada ouvir à sua volta. Só nos dias de pagamento é que as ruas ficavam muito agitadas à noite.

Edith adormeceu, enroscada sobre os pulsos pequenos. Ele movia-se devagar, enquanto vestia o casaco e agarrava nas botas que deixara junto à salamandra. No limiar da porta, hesitou, e olhou para trás, na direcção dela, perguntando a si própria se iria sentir uma ponta de afecto ou de ternura. Não sentiu nada. Poderia estar a olhar para uma estranha a dormir no banco de uma estação, ou para a imagem de uma mulher numa revista.

Costumava ser insensível ao frio, mas ao transpor a porta da rua e começar a caminhar pela rua, Rooker ia a tremer.

Encontrou um conhecido seu num bar, num sítio diferente daquele onde tinha estado antes nesse dia, mas semelhante em todos os aspectos.

Dave era um neo-zelandês corpulento e louro, de aspecto hirsuto, que recorria a trabalhos ocasionais para custear as suas actividades de vela e escalada. — Andam a procurar pessoal lá para o Sul — disse ele para Rooker.

O único sítio mais a sul de Ushuaia, era o continente da Antárctica.

Rook deu outro gole na bebida. — Ah, sim? Em McMurdo?

McMurdo era a estação de pesquisa americana polar, que ficava mais para baixo, na plataforma de gelos de Ross. Rooker trabalhara ali durante uma das curtas estações de Verão, quando tinha pouco mais que vinte anos. Fora uma época sombria. Tinha passado a maior parte do tempo a conduzir um autocarro de serviço, entre a estrada de terra batida da base e o campo de aviação a uns quilómetros de distância. As poucas recordações que lhe restavam desse tempo, relacionavam-se com os tempos livres que passava num bar, desprovido de qualquer janela. Mas fora ao ver os pilotos dos heli-

cópteros e das aeronaves a levantar voo e descolar dos campos do aeroporto, embrenhando-se no branco do infinito, que descobrira o desejo de vir a ser um viajante do ar.

Dave abanou a cabeça. — Não. Trata-se de uma estação nova. Houve um tipo cheio de massa que comprou um base desactivada pelos ingleses e está a equipá-la para se candidatar à, como é que se chama isso na Europa? À União Europeia?

Rooker deu uma gargalhada. — Precisa de um sítio onde possa gastar o dinheiro, não é?

— Acho que sim. Ele chama-se Sullavan. Descobri a página esta manhã, quando andei a navegar. Embora, de certa forma, pareça uma coisa de loucos, acho a ideia interessante.

E era, pensava, Rooker. A ideia era continuar a andar. Continuar a andar, enquanto houvesse um sítio ainda mais remoto que chamasse por ele.

Recordou-se de como McMurdo lhe parecera distante, rodeada de gelo e oculta pelo pico do monte Erebus. Em comparação, Ushuaia parecia-lhe uma metrópole cintilante, no próprio epicentro do mundo.

Dave continuara a falar, dizendo que se não tencionasse ir para a baía de Byron, para fazer surf e vela durante o Verão, estaria inclinado a pensar no assunto.

— Ah, sim?

Rooker pediu outra cerveja para Dave e um whisky para si. Tinha uma longa noite à sua frente.

Por fim, acabou por se deixar ficar até o bar fechar as portas. Dave despedira-se e fora para casa algumas horas antes, mas Rooker bateu-lhe à porta até ele se levantar, para o deixar dormir num sofá. Quando a manhã finalmente chegou, não regressou ao trabalho. Às dez da manhã, com a barba por fazer, mas perfeitamente sóbrio, encontrava-se à porta do *locutório* à espera que este abrisse. À sua frente, na fila, estava um casal de turistas, com o mapa aberto contra o vento, os primeiros recém-chegados da migração do Verão.

Paula, a responsável pelo *locutório*, subiu os degraus de cimento e abriu a porta. Lançou-lhe um sorriso e cedeu-lhe o melhor terminal em troca de três pesos. Rooke ligou-se à rede e começou a procurar o sítio da Internet dedicado às actividades polares de Lewis Sullavan.

Capítulo Dois

O dia estava quente e tranquilo. Sob as árvores majestosas formavam-se grandes manchas de sombras e o rio reflectia a luz como uma folha amarrutada de papel de estanho. Atraída pela luminosidade do dia, Alice Peel abandonou a sua secretária num impulso e saiu em direcção aos parques da Universidade. Caminhava devagar, deixando que o sol lhe batesse no cimo da cabeça e na nuca. De uma vez, ergueu os braços à sua frente, reparando, abstracta, na palidez da pele. Era um dia de trabalho e parecia-lhe estranho, embora marcadamente agradável, andar por ali a vaguear a meio da tarde. Naquele local havia poucas pessoas deambulando ou reduzidas a pequenos pontos ociosos, que se destacavam no meio dos amplos relvados. Ainda faltava quase um mês até os estudantes regressarem e o novo ano escolar voltar a engrenar.

O cheiro da relva cortada misturava-se com o pó do caminho. Fora um Verão quente e as folhas tinham os bordos manchados de castanho. Ao olhar de relance para o céu azul, viu um rasto desenhado pela silhueta minúscula de um avião. Meditou por instantes sobre o destino do avião, com os seus passageiros e expectativas a bordo. Os pensamentos desvaneceram-se suavemente, tal como o rasto de vapor se sumia no céu.

Quando o caminho desembocou junto ao rio, virou à esquerda para contornar a curva da margem. À sua frente, a ponte pedestre e o seu reflexo confundiam-se um com o outro, formando um O, com a parte inferior difusa, como um olho a piscar. Concentrou-se no ruído dos seus passos e no som arranhado de uma música à distância. O som aumentou de intensidade, enquanto uma chata contornava uma das curvas do rio. Enquadrada pelo O da ponte, a barça imprimia na água sulcos cor de estanho e de verde-azeitona, à medida que se aproximava. Uma rapariga impelia-a vigorosamente com a vara. Ao erguê-la entre os vários impulsos, escorreram-lhe do braço gotículas de água, que foram salpicar os bordos de madeira e caíram na superfície da água, como gotas de prata. Os quatro ou cinco passageiros da chata, reclinados sobre almofadas, riam-se para ela. As vozes cruzavam-se com a música.

A blusa da rapariga ergueu-se um pouco, deixando ver uma tatuagem no ventre. A embarcação estava suficientemente próxima para Alice conseguir distinguir a imagem de uma borboleta, antes de reconhecer que era Peter o homem sentado na proa achatada, de costas para ela. Lá estava o seu cabelo espesso, com o seu corpo bem delineado e a camisa desbotada que ela tinha lavado na véspera e pusera a secar no jardim das traseiras. Recostava-se para trás e apoiava o peso do corpo sobre as mãos espalmadas. Aquela visão inesperada fez com que o seu coração saltasse.

A chata aproximara-se mais. As vozes e as risadas cresciam de tom, sobrepondo-se à estridência da música. A rapariga da vara não deu por ela. A longa embarcação deslizou à sua frente, despertando um cheiro vivo a lodo e a plantas, misturado com o da tinta do casco.

Peter moveu languidamente a cabeça e em seguida descobriu Alice, já a retroceder na margem do rio. Abandonou a sua posição e esticou-se — Al! Eh, Al!

Pôs-se de pé, a agitar os braços na sua direcção. A chata oscilou perigosamente, enquanto ele se tentava equilibrar descalço, sobre a madeira escorregadia. Ela notou-lhe um brilho breve de surpresa, como um sinal dissonante no rasgar imediato do seu sorriso.

— Aaaaa-al — gritou ele outra vez. No momento seguinte, preparava um salto, dobrando os joelhos sob o queixo, parecendo que o seu sorriso pairava no ar, quando o corpo atingiu a água. Uma pequena nuvem de espuma brilhante cruzou o espaço, acompanhada pelos gritinhos dos passageiros da chata. A rapariga não gritou. Ficou parada, a olhar para trás, por cima do ombro, descansando o peso sobre uma das ancas e formando com o corpo uma curva grácil que se destacava do fundo de salgueiros na margem oposta. A vara pendia-lhe imóvel da mão.

A cabeça de Peter emergiu à superfície e ele nadou em direcção a Alice. Um minuto depois, trepava para a margem. Em seguida, a rir e a escorrer água, agitou-se como um cão enorme. A terra ficou salpicada de gotas escuras.

— Olá — foi a saudação que dirigiu a Alice. — Adeus! — exclamou, em direcção à chata, enquanto esta se afastava.

Sem querer saber da roupa encharcada, Peter rodeou-a com o braço e assentou-lhe um beijo molhado na face.

— Pete — disse ela. Não se mostrava surpreendida. A gritaria, o mergulho intempestivo para dentro de água, tudo era típico dele. Mas sentiu-se perturbada ao perceber que lhe faltava a habitual tolerância tranquila, relativamente ao seu comportamento extravagante. O sol, em curva descendente, reflectia-se directamente sobre os seus olhos, levando-a a franzir a testa. — Quem eram eles?

Ele agitou o braço livre, lançando mais umas gotas que se misturaram à terra. — Estudantes.

— Julgava que hoje estavas a dar aulas.

Peter era um artista. Construía enormes esculturas cubóides com tubos, fios de ferro e metal retorcido, juntando-lhes ainda objectos que encontrava, como estruturas de carrinhos de bebé e manequins de alfaiate. Não conseguia vender grande parte das suas obras e dava cursos de arte durante o Verão, para arranjar mais algum dinheiro.

— Fizemos gazeta. E pensei que estivesse ocupada. Ouve. Já que ambos não estamos a trabalhar, anda daí e vamos lanchar a qualquer lado.

— Mas tu estás molhado.

— Tu estás suficientemente seca para nós os dois. — Beijou-a de novo, na ponta do nariz. — Linda, seca, e quente. Tens fome? Vamos lá. *Scones* com natas. Eu sei que te apetece.

Ela sorriu-lhe. Havia um café próximo dos portões dos parques. Dirigiram-se juntos para lá, com Peter a dançar de uma maneira cómica, de cada vez que os pés nus pisavam uma pedra mais aguçada.

No caminho, encontraram um escultor, que tinha o atelier ao lado do de Peter. Este apresentou-o a Alice e detiveram-se a conversar.

— Ia numa chata e Alice encontrava-se na margem, portanto o que poderia eu fazer, senão mergulhar e nadar até junto dela? — explicou Peter a rir.

— Hum, levar o barco até à margem e descer? — Mark era uma pessoa terra-a-terra.

— Tu não tens alma — escarneceu Peter.

Acabaram por se dirigir todos para o café.

Alice seguia ao lado de Mark, e Peter caminhava à frente dos dois, virando-se para trás para os ver e falar ao mesmo tempo. Já no exterior dos portões do parque, quando passavam junto ao contentor de uma obra, reparou numa cadeira de escritório, já desprovido do assento estofado e das costas. Içou-a pelos pés de metal e levou-a consigo, fazendo-a voar pela lança, enquanto falava.

Encontraram uma mesa livre, entre a pequena frisa da esplanada do café, e amontoaram-se à sua volta. Peter despiu a camisa e estendeu-a sobre o esqueleto da cadeira resgatada. Tinha os braços e os ombros bem musculados, graças ao esforço desenvolvido a transportar materiais pesados e a manobrar o maçarico de soldar. Das calças molhadas, saía um leve vapor.

Alice serviu o chá quanto este chegou. Os outros dois conversavam sobre arte.

Escutava, meia distraída, aquela discussão inflamada, à qual lhe parecia nunca ter prestado muita atenção desde que conheceu Peter. De acor-

do com a sua experiência, a arte estava sempre envolvida por argumentos. Era algo profundamente subjectivo. Para Pete, uma obra de arte podia ser magnífica e marcadamente impressionante, enquanto outra seria já tímida, um derivativo da treta ou um emaranhado fora de moda (para utilizar as suas palavras), mas Alice nunca conseguiria descobrir qual era o quê, ou se haveria alguma evidência empírica em que essas opiniões se baseassem. Achava difícil prever o que Pete iria admirar e o que iria rejeitar, e sempre que assimilava um léxico que poderia pelo menos aplicar-se à discussão de um assunto, toda a linguagem entrara já num processo de mudança.

Ao fim e ao cabo, achava que seria tudo uma questão de gosto e que não havia uma forma de o medir ou avaliar.

A ciência era outra coisa. Sendo ela uma cientista e filha de cientistas, Alice transportava no sangue a lógica e a razão. O conhecimento implicava a medição, a demonstração, a prova. As teorias poderiam passar a dogmas, mas era necessário fundamentá-las com dados concretos. Obtidas e analisadas as provas, o conhecimento ia sendo sedimentado de forma gradual mas firme, através de pequenas acréscimos sobrepostas em camadas, a partir das quais se formavam baluartes de factos inatacáveis. Era natural ocorrerem debates e teorias antagónicas, e havia uma competitividade internacional e pessoal, mas o movimento principal residia na construção e colaboração mútuas. Ao contrário da arte.

— Qual é a piada? – perguntou-lhe Mark. Alice não se apercebera de que estava a sorrir.

— Não é nada, de facto. Estava só a ouvir.

— Mas o que é que tu *achas*?

A luz do sol inundava a mesa. Na chávena de Alice, o chá reflectia uma auréola de bronze cintilante. Pete espreguiçou-se na cadeira, numa silhueta flexível e descontraída, sorrindo-lhe abertamente. A sua vida em comum era constituída por uma série de pequenos encontros como este. Costumavam conviver com os amigos, lanchar ou jantar, ou irem juntos a bares. Iam a festas e davam também as suas – de facto, ia até haver uma em sua casa no dia seguinte, ao começo da noite. Peter era uma pessoa sociável e para ele nada lhe dava mais prazer do que ter um monte de gente à sua volta. Isso significava que ela não o tinha muito tempo junto de si, mas não se importava. A vida proporcionava-lhe aquilo que ela desejava.

Alargou ainda mais o seu sorriso. — Acho que vou comer outro *scone*, antes que Pete acabe com o que resta.

Não lhe apetecia ser incluída numa discussão interminável sobre arte. De qualquer maneira, Pete nunca ouvia os que os outros diziam. Este parou com quase meio *scone* a caminho da boca e voltou a colocá-lo no prato. Depois de lhe adicionar mais compota, transferiu-o para o prato de Alice.

— Obrigada.

— O que é que fazes? És uma artista? — insistiu Mark.

— Sou uma cientista. Sou geóloga e estou especializada em rochas sedimentares.

— Meu Deus — desabafou o outro.

— Ele tem uma teoria. No entanto não existem muitos geólogos que a subscrevam.

Todos se riram. Alice deu uma dentada no *scone* coberto de doce, desfrutando do apetite e da tagarelice pachorrenha dos dois homens, e também da perspectiva de regressar com Pete para casa e para o entardecer do fim do Verão, no seu pequeno jardim.

Quando todos os *scones* já tinham desaparecido e o bule do chá fora cheio e esvaziado duas vezes, levantaram-se. À despedida, Peter convidou Mark para aparecer na festa do dia seguinte. Depois colocou os restos da cadeira ao ombro e seguiu com Alice para casa. O caminho era tão familiar a ambos, que o poderiam percorrer de olhos fechados. Atravessaram a avenida de St. Giles e desceram a Beaumont Street. No final do dia, o tráfego era intenso, mas o sossego regressou quando viraram em direcção ao Jericho. As pequenas casas, construídas em tijolo vermelho e com os detalhes góticos, tinham sido construídas no século XIX, para os funcionários e outros colaboradores da universidade com um estatuto mais antigo, mas mais tarde passaram a ser muito procuradas e caras.

Apenas com o ordenado proveniente das aulas, Alice não teria tido possibilidade de adquirir uma e claro que Peter não poderia ter dado qualquer contributo, mas a mãe dela ajudara-os com o dinheiro da entrada.

Enquanto abria o portão, esta série de memórias não lhe veio à ideia com toda a nitidez, mas de certa maneira pesou no fluxo dos seus pensamentos. Por vezes, Alice tinha a sensação de que a vida da mãe decorria num cenário crescentemente assertivo e tridimensional, perante o qual as suas próprias acções se reduziam a uma escala menor e mais difusa.

Peter largou os despojos da cadeira ao pé do muro, dando um safanão num dos ramos da roseira que ela andava a moldar para formar um arco. A cadeira ficou de pernas para o ar, com o tripé de rodízios a girar vagarosamente.

— Não há problema em ficar ali? — perguntou Alice, enquanto subia atrás dele o caminho de tijoleira que levava até à porta da frente.

Ele interpretou a questão unicamente numa perspectiva de segurança do objecto. — Não deve haver. Assim que puder, levo-a para o atelier.

No interior, a casa estava fresca. Ali onde estavam, no meio da entrada, com os lábios de Pete a roçar-lhe na nuca, Alice conseguia avistar o jardim através das portas da cozinha. Havia lá um banco pintado de azul e uma

pequena mesa rústica, e ainda uma macieira brava que lhes proporcionava alguma sombra.

Pete fez deslizar as mãos e rodeou-lhe os seios. — Hum? — fez ele. — Vem. Vamos para a cama.

O quarto também devia estar fresco, resguardado pelos cortinados brancos.

Subiram as escadas de mãos entrelaçadas.

Um minuto depois estavam estendidos sobre a cama coberta com a colcha branca. Alice encostou a cabeça para trás, de olhos fechados, enquanto a mão de Pete a agarrava pelos pulsos atrás da cabeça, para a impedir de se libertar. Na mesinha de cabeceira soou o toque do telefone. Pete praguejou, mas nenhum deles fez menção de o atender. A seguir a uma dúzia de toques, o atendedor de chamadas foi activado.

— Alice, estás aí?

Seguiu-se uma pausa, ouvindo-se então uma interjeição de impaciência. — Mas onde podes tu andar a esta hora do dia? Preciso de falar contigo. Telefona-me logo que possas, está bem? — Como de costume, a voz era enérgica e apressada.

— Sim, minha senhora — murmurou Pete. Susteve o corpo de Alice e fê-la girar habilmente, de modo a colocá-la por cima dele. Nunca manifestara qualquer aversão relativamente à mãe de Alice, a impressionante Margaret Mather, mas os seus afectos não passavam dali. Alice também não desejou avançar nessa linha de pensamentos. Não era altura para pensar em Margaret. Agora não era o momento para pensar em mais alguma coisa, à excepção *daquilo*.

Mais tarde, ficaram de pernas entrelaçadas um no outro, a escutar os barulhos tranquilos que lhes chegavam da rua, através da janela aberta. Por instantes, Pete improvisou, baixinho, uma sequência de notas que lhe ressoaram no fundo do peito. Alice sorria, com o queixo encostado ao ombro dele, ainda pegajoso da mistura do suor dos dois.

De manhã ia telefonar aos pais e visitá-los.

Margaret Mather estava sentada à mesa de abas, junta à grande janela de sacada, da sua casa em Boars Hill. De cada um dos lados do monitor e do teclado do computador, amontoavam-se livros, papéis e cartas, em pilhas desordenadas. Nunca fora arrumada nem sequer tivera o mínimo gosto pelas lides domésticas, pelo que a mesa estava atulhada de chávenas de chá meio vazias e de pratos sujos, em conjunto com os volumes dos seus trabalhos. O resto da sala estava desarrumado e com pó, e os tapetes persas estavam coalhados de pêlos de gato. O próprio gato, uma criatura branca e gorda, de aroma penetrante, encontrava-se instalado no sofá a lamber as partes traseiras.

Trevor, o marido de Margaret, trabalhava ou dedicava-se à leitura no seu pequeno gabinete no piso superior, de onde se avistava o jardim em declive. Em comparação, o seu quarto estava em ordem, constituindo juntamente com o antigo quarto de Alice a única zona arrumada de toda a casa. Embora Alice já tivesse saído de casa há muito tempo, o seu quarto permanecia exactamente igual ao que sempre fora. Os livros da adolescência alinhavam-se nas prateleiras, e nas paredes viam-se molduras com fotografias da escola e da equipa de *netball*². Isso não se devia ao desejo de Margaret de fazer do local uma espécie de santuário à infância da filha, mas antes ao facto de nunca se ter lembrado de lhe dar outro destino. Nessa mesma perspectiva, uma haste de lúpulo, trazida de umas férias no campo há doze anos atrás, continuava pendurada displicentemente na viga da cozinha, com a forma original reduzida a um fóssil empoeirado e gorduroso.

Margaret estava a ouvir música e a tratar das mensagens de correio electrónico que recebera de manhã. Perscrutava o ecrã através dos óculos bifocais e lia para si própria, em voz alta, as pequenas notícias interessantes, soletrando entre dentes as resposta que debitava no teclado. Entrara já na casa dos setenta anos, mas encarava com entusiasmo as novas tecnologias. O correio-electrónico tornava-lhe mais fácil a troca de mensagens complicadas com os amigos e os colegas cientistas de todo o mundo. Adorava explicar a quem para quem a quisesse ouvir, que agora podia comunicar diariamente com o seu velho amigo Harvey Golding, que vivia em San Diego, e a quem não via em carne e osso havia mais de uma dúzia de anos.

— E mantenho-me actualizada. Sei o que os outros andam a fazer. Sabe que está lá tudo, na net? Nos dias que correm, é tudo mais fácil.

Os “outros” eram os cientistas que trabalhavam na sua área, na biologia dos mamíferos marinhos.

Na década de 1960, Margaret tinha feito uma série para a televisão, dedicada às baleias e às focas que habitavam os mares em torno da Antárctida. Ao longo de um ano, passara meses a mergulhar debaixo do gelo, filmando até a maior parte das cenas com a sua câmara de filmar subaquática. Escrevera também os guiões, contidamente líricos, e narrara-os no seu sotaque cerrado de Yorkshire. A série trouxera-lhes a fama, a ela e à sua voz.

Nunca lhe faltara a energia. Mesmo depois de passar a ser uma celebridade, prosseguira com as suas pesquisas e mantivera a reputação de grande cientista. O seu trabalho meticuloso em torno dos hábitos de procriação das focas-de-weddell tinha sido pioneiro numa geração de estudos subsequentes, relacionados com a Antárctida.

² N.T.: Modalidade desportiva praticada em muitos países de língua inglesa, nomeadamente nos Estados Unidos e em países da Commonwealth. Assemelha-se ao basquetebol e é jogado maioritariamente por equipas femininas.

Nessa manhã, Margaret respondia a uma mensagem pessoal de Lewis Sullavan.

Antes desta, tinha havido já uma série de comunicações cada vez mais insistentes por parte da equipa deste, e agora chegara uma mensagem da própria grande personagem. Olhou para o jardim, abstraindo-se das grandes árvores debruçadas sobre o relvado, e a seguir deu um jeito ao corpo para começar.

— Meu caro amigo, não tenho qualquer possibilidade de aceitar o seu amável convite — dizia ela, enquanto escolhia as palavras. — Isso dar-me-ia muito prazer. Mas acontece que já fiz 77 anos e sofro de uma artrite severa. No entanto, existe ainda uma proposta alternativa.

O gato bocejou e ergueu-se para afiar as unhas nas almofadas do sofá. No andar de cima, Margaret ouviu os passos de Trevor a passar em direcção à casa de banho do seu gabinete. Sempre que isso acontecia, as traves do soalho rangiam.

— A minha filha está muito interessada neste projecto — escreveu Margaret e depois reclinou-se, assobiando entre dentes, enquanto lia as suas palavras.

— Vamos ver, não é? — disse ela, dirigindo esta última observação ao gato.

Ao ouvir o som de um motor, ergueu rapidamente a cabeça. Era o carro de Alice, a contornar o enorme canteiro de flores crescidas em excesso e que separava a casa do portão de acesso à estrada. O carro acabava de estacionar mesmo em frente à porta principal.

— Já de seguida — acrescentou Margaret. Guardou a mensagem destinada a Lewis Sullavan, ainda por concluir, e afastava-se do ecrã no seu passo trôpego, quando Alice entrou.

— Ah, até que enfim apareces — comentou Margaret energicamente.

Capítulo Três

Alice tinha trazido um ramo de lírios cor-de-laranja, com os cálices raiados de castanho num tom de chocolate, as flores preferidas da mãe. Rodeou Margaret com os braços e apertou-a de encontro a si. A sala estava igual ao que sempre fora; era a mãe que parecia mais pequena, como se a desarrumação a tivesse finalmente conseguido submergir.

— Olá Mãe. Aqui estou eu.

Após um abraço breve, Margaret inclinou-se para trás, aparentemente para ver melhor a sua filha.

O cabelo de Alice era espesso e ligeiramente ondulado, da mesma textura e no tom de louro prateado que Margaret em tempos tivera. O de Margaret estava agora branco, e ela usava-o num corte acentuadamente curto, a envolver-lhe o rosto. Ambas tinham uma figura delgada, mas Alice parecia estar cada vez mais alta, à medida que Margaret aumentava dolorosamente a sua curvatura. Margaret dizia que a filha tinha uma natureza muito mais contemplativa e séria do que ela, mas Trevor continuava a insistir que Alice era igual à mãe quando esta tivera a sua idade e que ambas poderiam passar por gémeas. Nenhuma das mulheres acreditava no que ele dizia

— Mãe, a música está muito alta. Posso baixar um pouco?

— Ai está? Sim, podes.

Margaret fez um gesto para o reproduzidor de CDs e ficou a olhar com uma ponta de inveja para o movimento espontaneamente fluído de Alice, ao virar-se para desligar o som.

— Como se sente? — perguntou Alice.

— Estou ótima — respondeu ela, embora naquele dia a sua dor se tivesse acentuado. — E dentro de três dias, vamos de férias, ainda que não trabalhe assim tanto que precisássemos de descansar de *alguma coisa*.

— Vá lá, tem um magnífico hotel na Madeira à sua espera e será agradável contar com pessoas que a possam servir por algum tempo. Não se quer sentar?

Margaret deixou escapar uma exclamação de impaciência, mas permiti-

tiu que a filha a conduzisse suavemente até ao sofá. Sentaram-se ali, assim que Alice afastou o gato para o lado.

— Onde está o pai?

— Ele vai descer assim que se aperceber de que estás aqui. Antes disso, quero falar contigo.

— Há algum problema? Foi consultar o dr. Davey?

— Não faças confusões, Alice. Sinto-me perfeitamente bem. — Margaret tinha os pés calçados com as meias elásticas, pousados firmemente no chão, bem unidos e com as pontas viradas para a frente. Sentara-se de costas direitas e de mãos cruzadas.

A mãe queria ser invulnerável, manter inalteráveis as capacidades e conhecimentos supremos, que sempre conseguira ter. Alice compreendia isso perfeitamente. Sabia que ela repudiava a sua crescente debilidade física, como se isso correspondesse a uma fraqueza moral. De facto, em Margaret não havia nada de frágil, nem nunca tinha havido. Fora uma das primeiras mulheres cientistas a penetrar no domínio masculino da pesquisa antártica; filmara as suas focas debaixo do gelo do mar glacial e nunca se sentira intimidada com coisa alguma, só por ser uma mulher, esposa, ou mãe. Em lugar disso, eram a sua grande energia e perseverança que faziam com todos se sentissem mais fracos, ao comparar-se com ela. Fora a constatação deste facto que dera origem a um dos laços mais fortes que uniam Alice e o seu pai.

— Não, o assunto relaciona-se contigo — anunciou Margaret.

Alice fez um esforço para não suspirar. — Diga. Estou a escutá-la — afirmou.

— Apetece-te um café? — Margaret olhava para a cozinha por cima dos bifocais, como se aquela correspondesse a uma região inóspita e inexplorada até então. Não porque a assustasse, mas porque não lhe oferecia quaisquer motivos de interesse. Era lendária a sua falta de habilidade para a cozinha.

— Mais tarde. Eu depois faço-o.

— Muito bem. Agora, onde é que nós íamos? Escuta. Tenho um convite muito importante para te fazer.

Margaret bateu com as mãos uma na outra e depois ficou parada, para provocar o efeito de *suspense*, enquanto Alice tentava imaginar qual seria o jantar ou a associação que distinguira a mãe com a honra da presidência, e à qual ela ia ser apresentada como uma substituta decepcionante de última hora. O facto de ser a filha de Margaret Mather não implicava que ela tivesse poderes para fascinar as assistências, à semelhança da mãe.

— Foste convidada para a estação de Kandahar — anunciou Margaret, com toda a solenidade.

Alice nunca tinha ouvido falar de tal coisa, pelo que não pode expressar demasiado entusiasmo ou relutância. — O quê?

— Foi Lewis Sullavan quem dirigiu o convite *em pessoa*.

— Lewis Sullavan não faz a mínima ideia de quem eu sou.

Mas Alice conhecia-o. Ele fundara o seu império de comunicação na década de 1960, no que correspondera à aposta numa das primeiras estações comerciais de televisão. Desde então, o seu império tinha-se expandido em todos os sentidos, abarcando presentemente jornais e revistas no Reino Unido e na Europa, uma produtora de cinema em Hollywood e participações em estações de televisão de todo o mundo.

— Mas se ele não me conhece, como é que me vem convidar, a partir do nada, para uma estação de que nunca ouvi falar?

Margaret nem sequer pestanejou. Com a idade, os olhos tinham ficado avermelhados e as pestanas adquirido um tom de areia seca, mas o seu olhar continuava acutilante como sempre fora.

Alice respondeu calmamente à sua própria questão. — Foi por sua causa. — Porque desde que se conseguia lembrar, ela tinha-se distinguido mais por causa da obra da mãe, que pela sua.

Sentira-se mesquinha e diminuída por se ressentir desse facto e com a maturidade aprendera a aceitar o que não podia modificar, embora ainda sentisse frequentemente o desejo de ser unicamente a Alice Peel e traçar o seu caminho, através dos próprios erros e triunfos menores. Em lugar disso, continuava a viver na penumbra do reflexo da glória. A casa onde vivia fora adquirida com o apoio financeiro da mãe e tinha até suspeitas, provenientes do lado oposto ao racional, de que o seu leitorado na universidade lhe tinha sido atribuído tanto por ser quem era, como pelo que poderia fazer.

Até a escolha do curso fora influenciada pela mãe. Talvez Alice tivesse desejado vir também a ser uma bióloga, mas não se punha em questão a possibilidade de poder, ou sequer aspirar, competir com a obra de Margaret. Em lugar disso, optara pela geologia, que era a especialidade do pai. Durante a sua adolescência, os dois iam acampar sozinhos, para observar as rochas. Esses momentos, em que pudera dispor da atenção exclusiva de um dos seus pais, contavam-se entre os mais felizes da vida de Alice.

Sentada ao lado da mãe, no sofá com aroma a gato, colocara as mãos secas de Margaret entre as suas, sentido o leve movimento de resistência a antecipar a submissão àquele gesto. Margaret nunca fora dada a manifestações de ordem física. Em sua opinião, os beijos e os abraços eram propriedade dos actores de cinema e não das pessoas reais.

— Então conte-me. Como conheceu este magnata da comunicação e o que é a estação de Kandahar?

— Conheci-o há muitos anos, quando fiz a primeira série para a televi-

são. — Tratava-se sempre *da* televisão, à maneira antiquada de Margaret.

— Não sabia.

O leve aceno de cabeça de Margaret pareceu confirmar que havia muitos episódios da sua vida, que a passagem dos anos e a acumulação de sucessos tinham deixado meio submersos. — Já foi há muito tempo.

Ela parecia *cansada*, notou Alice, com uma pontada de ansiedade. Era bom que Trevor a tivesse conseguido convencer a descansar na Madeira por um período de dez dias.

Margaret retirou as mãos e alisou as calças por cima dos joelhos. O tecido de lã tinha um aspecto lasso e estava salpicado de pêlos de gato. Alice recordava-se de que a mãe, quando fora nova, tivera uma atitude ambivalente em relação à roupa. Adorava a moda e poder transmitir uma imagem de originalidade, mas fora assaltada pela ideia de que isso não condizia a ciência séria. Por isso, adoptara um estilo muito próprio, em que os fatos simples e os vestidos de ar conservador contrastavam com sapatos extravagantes, ou colares de inspiração étnica, e ainda chapéus de abas largas, traçados com lenços. Mas neste momento, o conforto constituía a sua preocupação predominante em relação ao vestuário.

— A estação de Kandahar é a actual jóia da coroa de Lewis — prosseguiu a mãe, readquirindo a sua vivacidade. — Trata-se de uma nova base de pesquisas. Neste momento, ele é o seu principal investidor, mas existe também um apoio por parte da União Europeia. Como sabes, ele é um pró-europeu convicto. O seu objectivo é que Kandahar venha a proporcionar aos cientistas europeus e a iniciativas conjuntas de pesquisa europeias, um conjunto de serviços interdisciplinares.

Aquilo soava-lhe a discurso. E se Margaret andara a pesquisar o assunto, então o que iria dizer a seguir devia ser importante.

— E onde é que fica? — perguntou Alice, embora soubesse também a resposta a esta pergunta.

— Na Antárctida. Claro.

O som daquela palavra acompanhara de forma constante o crescimento de Alice. Ali, na sala de Margaret, havia ainda imagens daquela região a decorar as paredes e as estantes em redor da lareira. Na mais famosa de todas, via-se a jovem Margaret debruçada sobre uma abertura numa plataforma de gelo, envolvida nas dobras de borracha de um forte fato de mergulhador. Tirara o carapuço da cabeça e o vento impelira-lhe o cabelo para trás, lembrando uma auréola prateada. Do buraco de gelo assomava a cabeça de uma foca, parecendo que ambas estavam entretidas em amena conversa.

Noutra, um grupo de homens de barba perfilava-se, aprumado, no exterior de uma pequena cabana de madeira. Na ponta do grupo, a silhueta

de Margaret parecia minúscula, como se fosse um acrescento, mas a sua cabeça estava bem erguida e o queixo apontava firmemente em frente.

Margaret atingira a casa dos quarenta anos, antes de a sua filha única nascer, numa altura em que a maior parte das suas aventuras no gelo já tinha ocorrido, mas para a pequena Alice, a audição das histórias com os feitos da mãe e os de Scott e de Shackleton³, em conjunto com outros, contribuíra para a criação de uma mitologia perpétua, relativa à neve, a um frio terrível e a uma coragem heróica. Aninhada debaixo dos cobertores quentes, estremecia de admiração e de temor, a par do orgulho por a mãe pertencer àquela equipa de homens barbudos. Ao mesmo tempo, tomara a decisão infantil de nunca se aventurar a ir para um lugar daqueles, decisão que aparentemente fora reforçada pelo facto de o seu pai também nunca lá ter estado. Mais de vinte e cinco anos depois, Alice não via por que razão haveria de alterar a sua ideia. — Não — disse ela com um sorriso, embora não conseguisse impedir ao mesmo tempo uma nota de indecisão na sua voz.

— Alice, isto constitui uma honra. Sir Lewis pretende baptizar o laboratório de Casa de Margaret Mather. O que te parece isso?

— É uma honra — concordou Alice, gentilmente. — Seria um grande esforço para si, se a mãe fosse pessoalmente? Para voltar a ver o gelo?

Pelo rosto de Margaret passou uma sombra de nostalgia, mas ela abanou a cabeça. — Eu iria se...se não tivesse esta maldita artrite e se não me fosse tornar num fardo e numa maçada.

Quem quer que desejasse viajar até ao Sul, teria de se sujeitar a exames médicos e físicos. Margaret sabia que não conseguiria passar nesses testes. E era evidente que para ela a possibilidade de se poder tornar um peso seria inaceitável.

— Portanto, em alternativa quero que vás tu. Em meu lugar. Lewis pediu que fosses tu.

O tom imperioso daquela exigência soou desagradavelmente aos ouvidos de Alice. — Acho que não posso fazer isso — respondeu ela, de forma tão calma quanto conseguia. A Antárctida era a paixão da mãe e não a sua. No seu pensamento, a imagem do continente do Sul correspondia um sítio imenso, frio de morrer, que ficava no fim do mundo. Não desejava ver-se rodeada por aquelas paredes geladas.

Margaret ergueu a mão. — Ouve-me. Isto não é uma viagem de relações públicas, Alice. Oferecem-te um dos lugares da base, durante toda a estação do Verão. Estás a imaginar o que significa para uma geóloga a oportunidade de ir para a Antárctida? Poderás desenvolver o teu próprio projecto. Construir o teu sucesso. Vais dispor de um subsídio e terás à tua

³ N.T.: Os britânicos Robert **Scott** e Ernest **Shackleton** são nomes de referência da exploração heróica da Antárctida, no início do século XX, traçando rotas pioneiras para o interior do continente e realizando importantes descobertas no plano da geologia, glaciologia e meteorologia.

disposição as infra-estruturas de Sullavan. É uma sorte extraordinária, uma oportunidade de carreira a que não deves voltar as costas. E este ano, até dispões de tempo para o poder fazer.

Aquele aspecto, pelo menos era verdadeiro. Após cinco anos a leccionar para estudantes universitários, Alice tinha à sua frente uma pausa de seis meses, para desenvolver as suas próprias pesquisas. Planeara fazer algum trabalho de campo, a oeste da Turquia, onde poderia dedicar-se à observação exaustiva das estruturas de rochas sedimentares num sistema de falhas activas. Se fosse para a Turquia, dispunha facilmente da possibilidade de vir a Oxford, e de estar junto de Peter com a frequência desejada.

As ondas já familiares de entusiasmo e de determinação de Margaret iam de encontro a Alice. Esta sentia-se como uma zona costeira em estado de erosão, após enfrentar durante a vida inteira aquelas arremetidas violentas. Lutava contra aquela corrente submarina, tentando manter o equilíbrio e aguentar-se firmemente contra a corrente. — Sinto-me honrada. E compreendo que isto seria para Sullavan uma óptima jogada junto da imprensa.

Claro que era disso que se tratava. Imagens na televisão, artigos nos jornais e revistas sobre a filha da cientista que seguia as pisadas da mãe, fotografias da base, e uma boa desculpa para se irem recuperar ao arquivo as imagens do apogeu de Margaret. Tratava-se de mais uma forma de abordagem publicitária, através da qual aquele homem rico promovia o seu último brinquedo. Para Alice não era muito elogioso aquilo que já ouvira contar sobre Lewis Sullavan.

— Só que eu já tenho planos para o que vou fazer nos próximos seis meses.

Ouviu-se novamente o som do ranger do soalho.

— E agora vem aí o teu pai — anunciou Margaret, desnecessariamente.

Trevor Peel era um homem baixo, de faces coradas e cabeça em forma ovóide. Passou discretamente pela ombreira da porta, tentando criar a mínimo agitação possível com a sua entrada. Uma orla de cabelo ralo e branco rodeava-lhe a cabeça que, sem isso, seria perfeitamente calva. Por detrás dos aros dourados dos óculos tentava imaginar o ambiente entre a mulher e a filha. — Hum, ah. Estive a colocar algumas coisas na mala. É melhor fazê-lo agora que à última hora. Então, o que te parece? — perguntou a Alice. Estava ciente do convite de Margaret e também da resposta provável de Alice em relação à hipótese de viajar em seu lugar.

Alice adorava o pai. A brandura dele era enganadora. Possuía um cérebro brilhante, mas este era acompanhado por um feitio tolerante. Em comparação com a sua inteligência, a ambição para se guindar a um lugar cimeiro

como cientista era insuficiente e ele sempre tivera consciência dessa deficiência. Em vez disso, dedicara-se a apoiar a sua destemida mulher e nisso o seu casamento era perfeito. Ao longo da infância de Alice, Margaret ausentava-se com frequência, mas Trevor estava sempre presente. Os dois formavam um par solidário, que se movia em silêncio durante as vigílias de Margaret. Fazia já dez anos que Trevor se aposentara. Ocupava o seu tempo com leituras, palavras cruzadas, a jardinagem e as necessidades de Margaret.

O olhar de Alice cruzou-se com o dele. Não precisavam de falar. Ao longo dos anos tinham desenvolvido uma linguagem silenciosa própria. A mensagem daquele dia era a de *não fazer ondas*.

— Não a percebo — declarou Margaret. — Eu pensava que ela iria aceitar esta proposta logo a correr.

— Ah — comentou Trevor.

Todos sabiam que Margaret sabia que Alice não iria fazer uma coisa daquelas, mas partira do princípio de que teria capacidade para vencer a sua resistência.

— Dispões de alguns dias para pensar sobre isto, Alice. Vou dizer a Lewis que está a reflectir seriamente sobre este assunto. Ninguém estava a contar que tomasses a tua decisão logo no próprio instante. Embora fosse isso o que *eu* faria. Podemos falar melhor do assunto quando regressarmos destas férias. — Pronunciou a última palavra como se falasse do *Gulag* ou de uma câmara de tortura.

O olhar trocado entre Alice e Trevor dizia, *é melhor abafar isto à nascença*.

Alice respirou fundo. — Mãezinha, eu não quero ir para a Antárctida. Lamento estragar uma história bonita e, ao mesmo tempo, virar-lhe as costas, mas eu não vou. Isto não se enquadra nos meus planos.

Aquela tirada não lhe saiu como devia ser. Tencionava dizê-la de forma animada, mas acabou por falar num tom pouco firme e impertinente, o que acontecia com demasiada frequência quando era obrigada a entrar em conflito directo com a mãe.

— Dá-me só uma razão para a tua recusa — insistiu Margaret. Assim podia arranjar logo forma de a rebater.

Alice pensou que existiam várias razões, mas que estas se podiam agrupar sob uma só. — Porque estou feliz onde vivo — disse suavemente.

Reflectia sobre os momentos em que estivera sentada ao sol, na tarde anterior, a comer *scones* enquanto ouvia Peter e Mark. Recordava a luz do quarto fresco e o calor dos lábios de Peter na sua pele. Essa noite, a sua casa iria encher-se de amigos e música. Ela sabia onde estaria e o que faria na semana seguinte, e na semana a seguir a essa. A ordem e as certezas eram importantes para ela. Não gostava de colocar questões que não tivessem res-

posta, nem teses sem provas. Gostava do seu trabalho, adorava-o até, mas não queria torná-lo na única razão da sua existência. A Antártida era o desconhecido e Alice preferia o mundo conhecido.

As sobranças de Margaret estavam unidas uma à outra e ela colocara a cabeça de lado, como costumava fazer quando reflectia sobre um problema. — Não estou a ver o que a felicidade tem a ver com seja o que for — disse, por fim.

Não, comentou Alice para si própria.

Para a mãe as obras eram concretizadas, tendo como base as melhores capacidades de cada um e o aperfeiçoamento das mesmas. Não tinha medo, nem quaisquer dúvidas. Nem se importava com o conforto próprio, muito menos quando havia um fim em vista. Na sua lista de prioridades a felicidade ocupava um lugar muito abaixo. Era isso o que Alice achava embora pensasse agora, ligeiramente surpreendida, que as duas nunca tinham falado sobre o assunto.

— Lamento — repetiu.

Trevor tacteava os bolsos do casaco de *tweed*, à procura dos cigarros. Por imposição de Margaret, ele fumava apenas no exterior da casa, e esta era a sua forma de manifestar conscientemente o desejo de sair da sala.

— Vou fazer café.

— Ainda é cedo para tomarmos um cálice de xerez?

Trevor e Alice falaram os dois ao mesmo tempo, num tom efusivo. Margaret levantou-se com dificuldade e dirigiu-se vagarosamente para a sua mesa. Sentou-se de costas direitas, em frente ao teclado, aconchegando ao corpo o casaco de malha folgado.

Decepçionei-a, pensava Alice. Isso não era um facto novo. Avançou rapidamente para se colocar por detrás da cadeira da mãe, rodeando-lhe os ombros com as mãos carinhosas.

— Tomo uma chávena de café, obrigada.

Mais tarde, Alice e Trevor passeavam no jardim.

Tinham descido o conjunto de degraus atapetados a musgo, até alcançarem a sebe que separava aquela propriedade da do vizinho. Ao canto da sebe havia uma figueira-do-egipto que produzia demasiada sombra, pelo que nada crescia debaixo dela. A terra estava seca e nua, e cheirava a gato. Encostaram-se ao tronco irregular a fumar e a olhar para a casa de paredes amareladas, ao cimo do jardim. Esta era demasiado grande para duas pessoas de idade e tinha adquirido um aspecto descuidado. Nos caixilhos das janelas, a pintura estava já a descascar e havia uma longa faixa de humidade no reboco, debaixo de um algeroz roto.

Trevor traçou um sulco na terra com a ponta do sapato. — Tens a certeza? — perguntou, em jeito de tentativa.

Alice estivera a recordar-se da visão que tivera do jardim, depois de conseguir chegar até junto dos arbustos e construir as suas grutas nas sebes. Tão grande como o país inteiro, enquanto o lago pantanoso com as rãs lhe parecera um imenso mar.

— A certeza? — repetiu ela.

— Em relação a não ir para o Sul.

— Sim, tenho. Em termos realistas, em que iria consistir o meu estudo ali?

Era mais fácil falar assim com Trevor, não só porque ele se interessava pelos resultados das suas investigações nas rochas sedimentológicas, mas também porque ouvia o que ela dizia, quer se relacionasse ou não com a ciência.

— Daquilo que sei não vais precisar de te candidatar a um subsídio. Limita-te a ir, a investigar aquilo que te interessar e Sullavan paga a factura. Isso não acontece todos os dias, não é?

Quase todos os projectos de pesquisa pressupunham uma fase dedicada ao trabalho de campo, para o estudo das formações das rochas e a recolha de amostras destinadas à análise laboratorial. A organização das expedições a sítios remotos era dispendiosa e exigia um apoio complexo. As candidaturas tinham de ser redigidas em termos precisos e bem cuidados, de forma a suscitar a aprovação e o apoio financeiro suficiente da parte das organizações subsidiárias, o que acabava por ser habitualmente a parte mais difícil do processo. Alice estava ainda à espera de saber se lhe seria concedida uma bolsa para a pesquisa dos próximos seis meses.

— Em que é que consiste o projecto?

Não dera à própria Margaret a oportunidade de se alargar muito sobre o assunto, pelo que a mãe não era a única culpada em não ouvir. Por vezes, pensava ela, nós realçamos o lado pior de cada uma. Colidimos contra os princípios uma da outra, erguendo farpas e arestas.

Trevor lançou a beata do cigarro para a sebe. — Trata-se de uma produção independente, como seria de esperar de qualquer coisa que se relacionasse com Sullavan. Kandahar fica localizada na base da península da Antárctida. Foi construída na década de 1950 pela British Antarctic Survey, que acabou por a fechar no final da década de 1990, por se ter tornado demasiado dispendiosa. A baía gela durante o Inverno, tornando-se difícil abastecer a estação em termos anuais. Estavam prestes a desmontar os edifícios e a limpar a zona, quando Sullavan apareceu e se ofereceu para a comprar para servir de base ao seu projecto de estimação: a União Europeia na Antárctida. Para a BAS saía muito mais barato vender o local, tal como estava, que custear as despesas da limpeza, pelo que Sullavan conseguiu obter uma pechincha. Agora, ele precisa de dotar o projecto de uma compo-

nente científica respeitável; provavelmente não está muito preocupado em saber exactamente qual, desde que ela motive a adesão popular e que esteja associada, de preferência, a alguns nomes famosos. É aqui que Margaret se enquadra.

E a sua filha, por arrastamento, pensou cada um deles, sem o dizer.

— Estou a ver.

— Não te sentes tentada?

Algures, a uma distância curta, ouvia-se o chiar de um cortador de relva. O jardineiro seria provavelmente Roger Armstrong, um matemático cujos terrenos, do outro lado do relvado, eram cuidados com uma precisão milimétrica, num contraste total com o de Peel. Trevor gostava de deambular por entre a vegetação e balançar-se em bicos de pés a espreitar para os seus canteiros repleto de emaranhados de flores. Achava que um jardim devia ser um sítio para caminhar ou para se sentar a reflectir, um santuário e não um local de trabalho. Nesse dia, como a testemunhar o seu ponto de vista, aquele local resplandecia no meio do desalinho. As moitas de vergas-de-ouro reflectiam a luz do sol e até o mildio nos ásteres tinha um brilho esplendoroso. Graças à labuta de Roger Armstrong, o ar estava repleto do aroma luxuriante da relva no fim de estação.

— De forma alguma — afirmou Alice, a sorrir. Era fácil dizê-lo, com inteira segurança.

O pai rodeou-a com o braço e apertou-a de encontro a si. No seu cheiro havia, como sempre, uma mistura a tabaco, a lã e a algo de si mesmo, perfeitamente limpo, mas também animal, como um cavalo ou um cão. A filha roçou-lhe no ombro com uma das faces.

— Estão está bem. Fico contente por te sentires assim tão realizada — comentou Trevor tranquilamente.

Ao erguer a cabeça, Alice ouviu um suspiro seguido de um clique, como se o tempo tivesse parado pela segunda vez. Percorreu o caminho com o olhar, até se fixar nas vergas-de-ouro, vendo-as como nunca as antes vira, marcadas por ondas de cor em vários cambiantes, enquanto escutava o zunido do cortador da relva numa série de notas vibrantes, que se espalhavam no ar como gotas de metal fundido.

Era este o significado da felicidade? dizia para si. Apenas isto?

O pensamento reflectia-se na sua cabeça como uma nota surda.

Em seguida, o mundo voltou a lembrar-se do seu curso e seguiu em frente. Tratava-se simplesmente de flores amarelas irregulares, nada mais que ervas daninhas em conjunto com o som do vizinho a trabalhar no seu jardim, numa manhã de Verão cheia de sol.

— E em relação à mãe? — perguntou Alice. — Vai conseguir fazê-la descansar durante as férias?

Trevor arqueou os ombros, abrindo ligeiramente as mãos. Há anos que os dois dirigiam um ao outro aquele gesto. Abandonaram a sombra da figueira-do-egipto e subiram o declive relvado, em direcção à porta da cozinha. À sua passagem, sob o peso dos pés, os dentes-de-leão iam libertando as sementes, como pequenos pára-quadras. Margaret voltara a ligar a música. Os lírios cor-de-laranja encontravam-se agora jarra verde de louça esmaltada, colocada atrás do computador.

Os pais tentaram convencer Alice a ficar para o almoço. Margaret disse até, como forma de aliciamento suplementar, que pensava ter um pernil de porco frio em qualquer sítio.

— Não, tenho *mesmo* de voltar, porque esta noite vamos receber um grupo de pessoas, e ainda tenho de preparar a comida e comprar o vinho — explicou Alice.

— O Peter não pode fazer alguma coisa?

Não era que Trevor ou Margaret não simpatizassem com Peter. Apenas achavam incompreensível o facto de este não possuir planos específicos para a sua vida, nem sequer uma rotina capaz. Consideravam os seus hábitos e horários incompatíveis com uma existência produtiva. A visão de algumas das suas peças deixara Margaret sem palavras. Achavam que a arte se destinava às galerias ou às paredes das salas de visita, e que nela não havia lugar para conteúdos dos contentores das obras.

Por seu lado, Peter era sempre delicado para com eles, mas havia uma resistência naquela delicadeza, que o levava a parecer mais rude do que seria, se a dispensasse e se limitasse a ser ele próprio.

— Torna-se mais prático ser eu a fazê-lo. Ele encarrega-se dos grelhados. Têm a certeza de que não querem que os vá levar ao aeroporto na terça-feira?

— O teu pai arranjou um carro para nos vir buscar.

— Precisam que eu faça alguma coisa? Compras? Ajudar a fazer as malas?

— Ao longo da minha vida, já fiz algumas viagens, Alice. Consigo organizar uma viagem de dez dias à Madeira.

— Eu sei que já fez. Eu sei que consegue. Que tenham então uns óptimos dias. Limitem-se a ficar estendidos ao sol. Eu telefono-lhes, antes de partirem.

À saída, Alice abraçou a mãe. Nos seus braços, Margaret parecia tão leve e seca como uma folha. Alice estava consciente da mudança que se operara nos últimos dois anos, mas ainda era angustiante reconhecer que a mulher que toda a sua vida fora a personalização da força estava a enfraquecer.

— Pensa em Kandahar — ouviu ainda Margaret a dizer nas suas cos-

tas, como um desafio de despedida. Acreditava que ter a última palavra poderia ser eficaz.

Trevor acompanhou-a até ao carro, para se despedir. — Se estivesse no teu caso, eu iria — confessou ele, surpreendendo-a de tal modo, quando estava prestes a sentar-se no banco do condutor, que ficou a meio do movimento.

— Mas o pai nunca saiu daqui.

— Ah, *eu* não podia. Talvez o devesse ter feito, mas esse tipo de coisas estava destinado a Margaret. Ela era a aventureira, pelo que eu tinha de ser a pessoa que ficava em casa. Amava-a demasiado para me arriscar a fazer-lhe qualquer espécie de concorrência, e depois tu nasceste e não quis perder um só dia da tua vida. Mas no teu caso, hoje e agora, tudo seria muito diferente.

Não era a primeira vez que Alice reflectia sobre a total falta de egoísmo por parte do pai. Essa qualidade dava para os dois. Para os três, se se incluísse na conta. Ela ainda não tinha filhos ou marido, laços efectivos – à excepção de Pete, embora ele fosse suficiente para a manter solidamente ancorada. Pelo menos consegui avançar o suficiente, para reconhecer que *sou* egoísta, pensava ela. Trevor sorria-lhe. A brisa enfunava as penas brancas do seu cabelo.

— Nesse caso, o pai não teria sido a pessoa que foi. Ou a que é agora. Eu não desejo que seja diferente da maneira que é — afirmou Alice.

Ele assentiu com a cabeça. — Acho que não deves ter qualquer receio a esse respeito. Conheces o ditado: burro velho não aprende línguas.

— Ainda bem. — Beijou-o na face. Como sempre, Trevor transmitia-lhe a sensação de que o mundo era um local seguro.

— Boas férias. Cuide da mãe.

— Sabes que sim.

Ficou em pé, observando-a a afastar-se, com as mãos enfiadas nos bolsos das calças deformadas e o cabelo batido pelo sol, lembrando a lã de cardo.

Eram 5h30 e Alice estava a tomar um banho quente de imersão, quando Peter se assomou à porta da casa-de-banho. Viu-o primeiro reflectido na superfície embaciada do espelho, virando então a cabeça para lhe sorrir. Ele trazia uma garrafa de champanhe e dois copos.

— Acho que vou para o pé de ti — disse-lhe, com um grande sorriso.

Pete desabotoou a camisa e depois tirou o cinto e as calças de ganga. Tinha a pele morena, cor de azeitona, e o ventre liso. Alice ficou a observá-lo, reparando-lhe no movimento dos músculos nos braços e nas costas. Parecia estar limpo, inclusive nas mãos e nas unhas, o que não era habitual quando regressava do trabalho no estúdio.

— Estiveste a trabalhar?

Já estava despido, mas sem denotar a menor ponta de vulnerabilidade. Entrou na água, obrigando Alice a sentar-se para lhe arranjar lugar. Ao reclinar-se para trás, a água fortemente aromatizada transbordou da borda da banheira.

— Sim.

Ela não disse mais nada e depois de um segundo de silêncio, ele acrescentou. — Tinha uma barafunda de papéis para despachar. Facturas, guias, tretas desse género. Detesto fazer esse trabalho.

— Eu sei que sim. Pete?

Ia a dizer-lhe que passara por um momento nessa tarde, em que pensara *isto é tudo?* Tencionava perguntar-lhe se ele era feliz, se aquilo que existia entre dois era bom. Se era *o suficiente*. Mas ela sabia que Pete iria desvalorizar a questão como sendo de natureza tipicamente feminina.

— Sim? — Ele rodeou-a com as pernas. As bolhas de espuma voaram, quase chegando seus ouvidos. Pete passou-lhe um copo embaciado com champanhe e bateu-lhe com o seu, antes de o beber. Limpou com a língua um anel prateado de espuma no lábio superior.

— Fui convidada para ir para a Antárctida durante uma época.

— E?

E o quê? Pensava ela. E se eu lhe dissesse, *Vou e só voltarei daqui a seis meses?* Mas em vez disso, murmurou — É claro que disse que não.

Pete aquiesceu, acenando com a cabeça. Era isso o que esperaria. Estava habituado a ela, às suas maneiras precisas, à regularidade da sua vida em comum, que fornecia uma base estável ao seu comportamento errático. Quando tinham começado a viver juntos, surripiava-lhe páginas dos seus trabalhos e ficava de sobrolho franzido a olhar para as análises estratigráficas das estruturas rochosas. Depois manifestava a sua perplexidade, virando de pernas para o ar as equações representativas das deformações. Alice costumava tentar explicar-lhe que aquelas equações se assemelhavam a pinturas, a ilustrações abstractas das relações dinâmicas, que para si significavam muito mais que palavras ou fotografias. Para ela tinham o mesmo valor que as esculturas representavam para ele: eram uma expressão concisa de um estado sólido e, em simultâneo, um esboço mínimo e etéreo da realidade sublime. Elas expressavam o universo ou, pelo menos, tentavam fazê-lo.

De súbito, Alise sorriu. Estava a pensar com a linguagem dos artistas.

Pete sentou-se, provocando outra onda que transbordou dos bordos da banheira. Com as mãos, pegou-lhe no rosto e puxou-a mais para si, fazendo com que os lábios dos dois se tocassem. O copo que Alice segurava virou-se ligeiramente e algum do líquido caiu na água.

— Sabes uma coisa, Al? Quando sorris dessa maneira, ficas incrivelmente bonita.

Ela fechou os olhos e ele beijou-a. Mas não, sem que Alice lhe visse antes um trejeito nos cantos da boca e num brilho rápido nos olhos escuros, que não foi capaz de decifrar.

Pete foi o primeiro a terminar o beijo. Bebeu o resto do champanhe de um gole e ergueu-se, brandindo a taça como uma espada. A água e as bolhas de espuma escorriam-lhe pelas pernas, juntando-lhe os pêlos escuros em linhas muito finas.

— Vamos ter uma festa em *grande* — afirmou ele. Não fez qualquer outra pergunta acerca da Antártida. Alice fora categórica ao dizer que não iria, por isso não valia a pena voltar a falar do assunto.

Foi uma boa festa.

No jardim das traseiras, Pete remexia e revirava as salsichas e os pedaços de frango, no grelhador. Havia velas em pequenos potes de vidros, suspensos nos ramos da árvore, e a noite estava tão calma que as chamas ardiam sem qualquer tremor. Os convidados traziam para o exterior os pratos de papel com a comida e os copos de vinho, para se sentarem no meio da escuridão cheia de borboletas noturnas, com a música que vinha das janelas a flutuar sobre as cabeças. Entre os preparativos de última hora, Alice tinha arranjado dez minutos para enfiar um vestido preto que lhe destapava a linha dos seios e uma sandália novas com saltos de agulha, que a faziam sentir-se mais alta, embora lhe dessem também a ligeira sensação de estar prestes cair para a frente sobre os próprios pés.

— Que belo vestido — comentou Mark, o escultor, com os olhos fixos na parte da frente. Alice riu-se e enfiou o seu braço por debaixo do dele, para o conduzir até ao grupo de pessoas mais próximo. A casa e o jardim regurgitavam de pessoas diferentes, pintores, escritores, leitores e cientistas, e ainda os velhos amigos, com quem Alice crescera. Oxford fora a sua casa durante a maior parte da sua vida, e ela adorava esta miscelânea e a interação ente os elementos diferentes que a compunham. Movia-se entre a multidão, rindo e conversando, apanhando de vez em quando o olhar de Pete, para confirmar se ele também achava que tudo corria bem. Neste tipo de eventos actuavam numa sintonia perfeita. Ao perceber que a festa já adquiria o seu ritmo próprio, ela entregou-se ao prazer de a desfrutar.

Jo, a amiga mais antiga de Alice tinha vindo com Harry, o marido. Traziam com eles os gémeos de três meses de idade, que agora dormiam nas cadeirinhas do carro no quarto de Alice e de Pete.

— Al, ando tão esgotada — murmurava Jo. Estava com umas olheiras enormes e o cabelo liso pendia-lhe sobre o rosto. — Eles nunca dormem

ao mesmo tempo. É impossível descansar mais de uma hora. O que vou eu fazer?

— Em breve, eles vão começar a dormir melhor. — Alice segurou nas mãos da amiga e esfregou-as entre as suas.

— *Quando?* — perguntou Jo com um gemido. — Quero a minha vida de volta. Quero voltar a ser o que era.

— E vais voltar a sê-lo. É só uma questão de tempo.

Becky chegou atrasada. O seu companheiro actual era um psicólogo, um indiano atraente e calmo, que falava pouco. Como sempre, Becky falava o suficiente pelos dois.

— Desculpa, Al, já perdemos tudo? Nem te passa pela cabeça como está o trânsito de Londres para aqui. Vijay dizia que nos devíamos mudar para Oxford. Não era engraçado, se eu voltasse para cá? Jo! Vem cá, mãe-zinha, dá-me um abraço. Hum, olha para ti. Meu Deus, estás com umas maminhas fantásticas.

Alice, Becky e Jo eram amigas desde o quarto ano. Uma vez, Jo tinha comentado — Eu sou a boa rapariga, Alice é a rapariga inteligente e Becky a estrela do firmamento.

Nesse momento, Jo dizia — Tenho de ir outra vez lá acima para ver como eles estão. Não sei onde pára o Harry. — Parecia estar prestes a começar a chorar.

Becky e Alice trocaram olhares.

— Harry está no jardim com Pete. Eu vou lá e vejo se eles estão a dormir; *tu* ficas aqui sentada, a conversar com a Beck — disse-lhe Alice.

Deu um copo de vinho a cada uma e subiu as escadas em silêncio. Os convidados tinham começado a dançar e a música infiltrava-se pelas tábuas do soalho, sem parecer perturbar os bebés de Jo. Estes dormiam nos seus berços de plástico acolchoado. Um deles conservava o punho fechado junto à bochecha, com o polegar mal tocando na boca. Alice inclinou-se para o ver mais de perto e deu por si a desejar tocar com a ponta do dedo naquela pele rosada. Deteve-se para não o despertar, mas deixou-se ficar ali curvada durante um longo minuto, a observar e a ouvir. Lá em baixo, alguém acelerara ainda mais a música. A festa aumentara de velocidade.

Voltou a erguer-se quase com relutância, e encaminhou-se para a porta. Esta estava entreaberta e do quarto semi-escuro, a sua vista conseguia abarcar metade do patamar, onde uma bela janela em arco dava para o jardim. Pete estava na esquina das escadas, exactamente no ponto que ficava oculto para quem pudesse vir da entrada. A sua mão deslizava lentamente pelas costas de uma rapariga que se encostava a ele, e detinha-se na coxa. A rapariga vestia uma blusa rosa, justa e sem mangas, que lhe deixava à mostra uma grande parte do corpo por cima de umas calças a roçar o chão.

Alice ficou completamente petrificada. Ele curvou a cabeça e beijou-a, segredando-lhe a seguir qualquer coisa ao ouvido. Ela aconchegou-se ainda mais a ele, num movimento eloquente de intimidade e familiaridade. Os dois conheciam os corpos um do outro.

Um segundo depois, a rapariga afastava-se dele. Ergueu os polegares para prender o cabelo longo atrás das orelhas e sorriu-lhe com um ar insinuante, antes de se escapular pelas escadas. Pete encostou-se por segundos à parede, a fitar para o jardim. Se tivesse olhado na outra direcção, para o cimo das escadas, teria dado com os olhos de Alice. Mas não o fez. Ergueu-se nas pontas dos pés, como se estivesse a avaliar a iminência de algo delicioso, e depois foi atrás da rapariga.

Era apenas um beijo numa festa.

Dizia para si própria que aquilo não significava nada, que era para isso que as festas serviam. Ela poderia descer as escadas e ir beijar Mark ou, de preferência, Vijay.

Mas tudo o que se relacionava com aquele pequeno encontro lhe dizia que havia mais alguma coisa; que era muito mais que apenas um beijo numa festa.

Quando regressou, tanto Becky como Jo olharam para ela atentas.

— Então? — murmurou Becky.

— Eles estão bem? — Jo já estava a levantar-se.

— Estão óptimos. Acabei de ver Pete a beijar uma rapariga qualquer, nas escadas.

Agora eram Becky e Jo que olhavam uma para a outra.

— Que rapariga?

Alice olhou de relance para a sala cheia de gente. Entre o fumo e a música, viam-se os rostos agitados, movendo os lábios. Junto à parede havia uma pilha de pratos sujos e cinzeiros.

— Aquela. — Ela estava em pé, junto à prateleira do fogão. Entre a curva acentuada do seu osso íliaco e um umbigo perfeito via-se a tatuagem de uma borboleta.

— Nunca a tinha visto — afirmou Becky.

— É uma das alunas de Pete.

— E onde é que ele está? — perguntou Jo, no tom de quem se queria atirar a ele.

Alice forçou-se a sorrir. — É melhor que eu não lhe ponha a vista em cima durante uma hora.

Bebeu mais vinho e tentou reatar a sua animação anterior. Continuou a conversar e a rir, e depois dançou com Mark e com Harry. Via Pete a movimentar-se entre os grupos, chegando mesmo a captar-lhe o olhar, como acontecera ao princípio da noite, mas apenas num contacto breve. Gostaria

de ter dançado com ele, mas nunca se encontravam no sítio certo ao mesmo tempo.

À uma da manhã, Jo e Harry regressaram a casa, transportando as cadeirinhas pela escada, uma de cada vez. Becky e Vijay partiram às duas horas.

— Eu telefono-te amanhã — prometeu Becky, com uma expressão preocupada.

— Não te preocupes. Eu fico bem.

Os convidados mais resistentes ficaram até ao nascer do dia. Alice gostava de se ter embriagado, mas apenas sentia que estava gelada. Pete tinha passado a última hora a tocar a sua viola e a cantar com a meia dúzia de pessoas que iam ficando. Nesse momento, estava no sofá, de cabeça baixa, a dedilhar as cordas e a murmurar qualquer coisa. Aos seus pés havia um copo com whisky.

Alice parou em frente dele, e Pete ergueu a cabeça para a ver, sem conseguir fixar os olhos num ponto preciso. À volta deles, a sala parecia rodeá-los com um abraço sufocante, transbordando com o peso dos objectos de cada um e com os acontecimentos da noite.

Pete dedilhou uma corda e cantou — Só nós os dois, só tu e...eu.

— Pete, vem deitar-te.

Havia uma luz agreste no quarto. Alice despiu o vestido preto e pendurou-o no guarda-vestidos, e Pete desembaraçou-se da roupa, deixando-a caída num monte. Deitaram-se e Pete emitiu um longo suspiro, voltando-se a seguir para se encostar a ela e colocar o braço sobre as suas coxas.

— Quem era ela? — perguntou Alice.

— Quem era quem?

— A rapariga da tatuagem.

— Tatuagem? Não sei. Todas as raparigas têm tatuagens. Menos tu. — Riu-se com a boca próxima do seu cabelo e ela estremeceu com a primeira onda de saudade por uma intimidade que já desaparecera.

— Ela estava ontem contigo. Na chata.

— Na chata? Ah, sim, ela. Georgia.

Alice colocou-se de costas, a observar o tecto. Se ele disser mais alguma coisa, pensava ela, estava tudo bem. Se eu tiver de lhe perguntar o que fazia ele com ela, não está. Os segundos passavam. Pelo canto do olho, sentia o relógio digital em cima da mesa-de-cabeceira. Os números verdes iam mudando, 23, 24. Então apercebeu-se, pelo respirar lento de Pete, que este tinha adormecido.

Capítulo Quatro

— A tua mãe não está muito bem — informou Trevor.

Alice estava sentada à sua secretária, no Departamento de Geologia. Tentara concentrar-se no seu trabalho, mas o olhar persistia em fixar-se na moldura de céu que avistava da sua janela. Nesse momento, pressionava o auscultador do telefone contra o ouvido e os mapas que estava a estudar perdiam a sua definição, para desfilarem à sua frente envoltos numa névoa cinzenta. — O quê? O que é que se passa?

— Apanhou uma infecção nos pulmões. O médico do hotel está ligeiramente preocupado com o seu estado.

— Posso falar com ela?

— Neste momento está a dormir.

— Há quanto tempo está doente?

— Há um par de dias.

— Porque não me disseram?

Trevor suspirou. — Tu sabes como ela é.

Pequena, feroz, inabalável, impaciente a lidar com a fraqueza. Tão teimosa como uma formação rochosa. Sim, Alice, sabia como era a sua mãe.

— Vai trazê-la para casa? Quer que vá aí?

— Não há necessidade disso. Tudo o que precisa é de descanso e antibióticos.

— Tem a certeza? Eu telefono-lhe mais tarde para saber como ela está. Dê-lhe um beijo meu quando acordar.

Depois de Trevor desligar, Alice tentou regressar ao trabalho, mas sentia-se dominada pela ansiedade e acabou por desistir. Estava quase na hora de almoço. A casa de Jo ficava perto e ela teria umas palavras de conforto. Mas era com Peter que desejava falar agora. Ia ter com ele ao atelier, para lhe contar o que tinha acontecido a Margaret. Podiam comer uma sandes e tomar um café. Alice saiu da secretária de imediato e embrenhou-se com a sua bicicleta no meio do trânsito.

O atelier estava instalado num antigo armazém, ao fundo de um beco. As instalações de Mark encontravam-se fechadas, mas a porta pesada do

atelier de Pete estava meio entreaberta, descaindo ligeiramente dos gonzos. Alice prendeu a bicicleta, com uma corrente, a um sinal de trânsito que proibía o estacionamento na zona. Ao lado, estava parado um Mini reluzente, novinho em folha.

Esgueirou-se por entre a porta e entrou no atelier. Em contraste com a luz luminosa do dia, o interior estava envolto em penumbra. Então Pete não estava a trabalhar. Todas as cortinas das grandes janelas estavam corridas. O chão em cimento cheirava a pó e a resina, e houve algo de familiar que lhe roçou no subconsciente uma fracção de segundo, antes de estabelecer a associação. Era a música, a mesma melodia que tocava na chata, naquela tarde em que Pete se atirara para dentro de água.

O seu mais recente trabalho pendia sobre a cabeça de Alice. Era um ninho de pássaros, construído em metal retorcido, com alguns objectos encontrados na rua, suspensos por fios de metal, no interior do emaranhado da armação – o guiador deformado de uma bicicleta e uma forma para chapéus em poliestireno a lembrar uma cabeça descolorida rodavam lentamente, impelidos pelo sopro do ar condicionado. Alice tinha uma sensação de tensão na sua nuca, enquanto olhava à sua volta, tentando descobrir de onde provinha a música. O maçarico de soldar de Peter jazia no chão, com a máscara negra de soldar, que lhe dava o aspecto do Darth Vader⁴, abandonada ao lado. Deu três passos rápidos em direcção a uma porta interior, passando ao lado de outros destroços amontoados por ali.

A porta dava para um cubículo formado por uma divisória, onde se encontrava uma bancada de trabalho em metal, que Pete utilizava para os trabalhos de menor dimensão. Havia ali um armário arquivador cinzento, uma chaleira e um conjunto de chávenas manchadas com auréolas de tanino. O leitor de CDs estava pendurado na cadeira de secretária partida, que viera do contentor das imediações do parque. No chão estava a mala de uma rapariga em camurça, com franjas e de aspecto caro, com todo o conteúdo espalhado. A própria rapariga encontrava-se empoleirada na bancada em desalinho, apoiada sobre as mãos. As suas pernas, envoltas no tecido de ganga, estavam estendidas e rodeavam a cabeça de Pete.

Este não se apercebera da entrada de Alice. Mesmo ao lado do seu ouvido direito, Alice conseguiu distinguir a tatuagem da borboleta.

Os olhos da rapariga foram ao encontro de Alice, quando a música terminou.

— Oh, merda — exclamou ela.

Alice não se moveu. Seguiu-se uma confusão de movimentos por parte dos dois, enquanto Pete se punha de pé e a rapariga saltava para o chão e

⁴ N.T.: Famoso vilão ficcionado pelos filmes da saga *Guerra das Estrelas*, também referido como Lord Vader ou simplesmente como Vader.

puxava o fecho das calças. Depois, inclinou-se para o lado para apanhar a mala e segurou-a por instantes em frente ao peito, como se esta fosse parte de uma armadura de defesa.

Peter abanou a cabeça e passou a mão pelos cabelos. Durante instantes, permaneceu em silêncio.

Foi a rapariga quem falou primeiro. — Bem, o que posso eu dizer?

Tinha uma voz do tipo grave e arrastado. Alice sabia que o carro estacionado lá fora devia ser o dela, talvez uma prenda dos seus vinte e um anos, dada pelo papá. Pete apreciava raparigas que não dependessem dele. Ela própria se incluía nessa categoria. O pensamento fê-la sentir uma pontada de surpresa desconcertante. Pete estremeceu, ao percebê-la no seu rosto, afirmando-lhe então em voz rouca — Al, ouve, isto não é...

— Não é o que eu estou a pensar? É isso o que ias dizer?

Ele ergueu a mão. — Georgia, é melhor ires embora.

Com uma parte do seu raciocínio, Alice observava o quanto ela era bonita e como parecia tão jovem. Em contraste com esta rapariga deslumbrante, sentia-se velha e insignificante. Espantava-a também o seu autodomínio. Ela colocara a mala ao ombro e olhava impassível em redor da pequena divisória para ver se não se esquecia de alguma coisa. Inclinou-se para a frente e retirou o CD do leitor. Depois de o guardar no interior da mala, pôs-se em frente de Pete, com as costas voltadas para Alice. Esta seguia-lhe fascinada as linhas graciosas do pescoço e dos ombros estreitos.

— Quando volto a ver-te?

Ele teve o tacto de manifestar algum desconforto. — Não sei. Talvez leve algum tempo.

— Estou a ver. Bom, nesse caso, eu ligo-te. — Deu meia volta, olhando de passagem para Alice. — Tenho muita pena, sinceramente. Não estava previsto que isto fosse acontecer assim. Mas, como se costuma dizer, no amor e na guerra...

E partiu.

O que é que se podia dizer numa circunstância como esta? reflectia Alice. Pete aguardava, preparado para lhe pegar na deixa. Parecia um menino da escola, à espera de uma reprimenda, meio truculento, meio rebelde. Ela desejava dizer-lhe que ele era um adulto, um homem crescido. Não iria conseguir safar-se sempre com o truque do rapaz travesso.

— Vim até cá, porque a minha mãe não se encontra bem. Estou preocupada com ela. Pensei que pudéssemos almoçar. Só umas sandes ou qualquer coisa do género. — As suas palavras preencheram o espaço que os separava. A expressão de Pete deu lugar ao alívio, como se a sua pena estivesse suspensa.

— É claro que sim. Vamos então. Onde te apetece ir?

— O quê? Não. Não quero ir a lugar nenhum. Isso foi antes de eu ver... aquilo que vi.

Ele precipitou-se: — Al, acredita em mim, foi apenas uma parvoíce, isto não significa nada.

— É só sexo?

O rosto dele enrubesceu. — Não. Bem, se queres colocar as coisas nesses termos, sim. Acho que sim.

— Quantas?

— Quantas vezes? Por amor de Deus. Trata-se apenas de uma estudante.

— Quantas mulheres?

— Por favor, Alice. Por quem me tomas? Eu estou contigo, eu amo-te a *ti*.

Ela olhava fixamente para ele. Gostaria que ele a abraçasse e lhe dissesse que fora tudo um erro – não da forma comprometida e formal com que o estava a dizer, mas de uma maneira que a levasse a acreditar nas suas palavras. E ao mesmo tempo, ela sabia que isso era terrivelmente utópico, porque nunca mais iria voltar a acreditar no que ele lhe dissesse, nunca mais, no que quer que fosse. Ele tinha-lhe mentido e estava a mentir-lhe nesse mesmo instante.

Quando Pete concluiu os seus protestos, Alice ficou atenta, à escuta. Parecia-lhe ter ouvido um sussurro leve, ínfimo. Era o som das suas ilusões que desabavam de mansinho.

— Não me parece.

Ele deu uma pancada na bancada, com o punho fechado. Fora um gesto teatral. — Ouve-me, eu lamento. Isto não volta a acontecer. Foi um erro e eu já estava arrependido, mesmo antes de tu chegares. Mas aconteceu. — Da mesma maneira que as avalanches ou uma tempestade acontecem, presumivelmente. Uma catástrofe natural que ele não podia controlar.

Alice disse-lhe então, medindo as suas palavras. — Não me pareceu que estivesses com ar de arrependimento. Agora vou regressar ao trabalho. Temos de voltar a falar sobre o que vai acontecer, sobre como... — Queria referir-se à maneira de colocar um ponto final em tudo, mas não encontrou a palavra adequada. — Mas não o quero fazer hoje. Se não conseguires arranjar um sítio onde ficar hoje à noite, irei para casa da Jo.

Tinha os olhos secos e a voz firme, mas sentia que lhe faltava o controlo. O estômago ardia-lhe com uma sensação de náusea e tinha as palmas das mãos húmidas. Deu meia volta e encaminhou-se para fora do atelier. A cabeça de polietileno continuava a girar em torno do seu fio metálico. Nunca tinha compreendido a arte de Peter, pensava ela. Desejara muito fazê-lo, forçando a mente e os sentidos para a contemplar vezes sem conta, sem nunca

conseguir descobrir a lógica que ali existia. De facto, ela era igual a Trevor e a Margaret: apenas uma cientista, desprovida de grande imaginação.

Sem conseguir raciocinar, voltou de bicicleta para o escritório, escovou o cabelo e bebeu um copo de água. A seguir embrenhou-se, com cinco dos seus colegas, num debate exaustivo relativo à distribuição das verbas para o próximo ano. Dedicou-se à redacção da acta, anotando com precisão meticolosa os diversos pontos de vista em discussão. De uma ou outra vez, quando alguém lhe dirigia a palavras, dava consigo a olhar fixamente para a pessoa, enquanto se esforçava por incutir um significado ao seu discurso atabalhoado.

— Sente-se bem, Alice? — perguntou-lhe o professor Devine, assim que a reunião terminou. David Devine era o chefe do departamento e um velho amigo dos pais.

Ela encarou-o de frente e sorriu. — Sim obrigada, estou bem. — A verdade é que se sentia doente.

Já no seu gabinete, ligou para Jo. — Vais estar em casa? Posso passar aí, quando sair do trabalho?

— É claro que estou em casa. É onde me encontro sempre. Mas hoje, os bebés estão a ter um dia particularmente agitado.

— Eu dou-te uma ajuda.

Joe e Harry viviam em Headington. Alice subiu lentamente a encosta de bicicleta, fustigada pela deslocação de ar à passagem dos autocarros, sentindo que as pernas lhe pesavam como sacos cheios de areia molhada. Bateu à porta de Jo e encostou-se à parede do alpendre, enquanto aguardava que esta lhe abrisse a porta. Quantas vezes estivera ela ali?

Jo abriu a porta, com um dos bebés encostado ao ombro. Tinha uma mão a apoiar-lhe a cabeça e mantinha-o seguro com o queixo e o antebraço. Na outra mão, trazia um biberão. Alice beijou-a, sentindo uma mistura de cheiros do bolçar do bebé e do pó de talco.

— Entra — convidou Jo, Encolheu-se de encontro ao carrinho de bebé duplo, que lhe atravancava a entrada, e levou-a para a cozinha. O segundo gémeo encontrava-se num berço portátil, em cima da mesa. Estava acordado, com os olhos negros a mirar as sombras que passavam por cima dele, no tecto. — Queres uma chávena de chá? Ou vinho?

— Sabia-me muito bem uma chávena de chá, obrigada — disse Alice. Achava que não ia conseguir reter o vinho, embora o efeito entorpecente do álcool até viesse a calhar. — Posso pegar nele?

Jo passou-lhe imediatamente o bebé. Este franziu e pestanejou na direcção de Alice, que sentia que o estava a agarrar com aquele cuidado hirto e intranquilo de quem não tem qualquer prática. Ele reagiu, ficando igualmente tenso e voltando o rosto franzido para cima, preparando-se para chorar.

— Toma, põe-lhe isto na boca — pediu Jo, passando-lhe o biberão. Alice introduziu a tetina de borracha na boca do bebé e este começou a chuchar. Instalou-se numa das cadeiras da mesa da cozinha, na companhia do berço portátil, de um maço de fraldas descartáveis e de uma pilha de roupa de bebé mesmo ao lado do seu cotovelo. Através das portas abertas que davam para o jardim, conseguia avistar a vegetação e as cabeças irregulares e desordenadas das hortênsias em rosa escuro. O bebé retomara já o seu ritmo habitual, fungando e sugando com mais vigor.

— Como te sentes? — perguntou Alice a Jo, Estava com as costas meio voltadas para o lava-loiças e tinha aquela expressão, muito frequente naqueles tempos, em que parecia estar à beira das lágrimas.

— Nos últimos dias tive de passar a dar-lhes biberão. Não consigo continuar a amamentá-los. Assim, eles dormem um pouco mais entre as refeições e por vezes consigo ficar com duas horas para mim.

— Assim é muito melhor, não é?

Jo assentiu com a cabeça, não parecendo contudo muito convencida. Queria ser tão boa mãe, quanto era uma boa rapariga e isso implicava amamentá-los com o seu próprio leite. Alice percebeu-o, sem que Jo tivesse que acrescentar alguma coisa.

— Olha para mim, Ali — pediu Jo, em voz baixa.

Vestia uma camisa solta, debaixo da qual os seios se moviam como golfinhos dentro d'água. A orla da saia pendia irregularmente, deixando ver as barrigas das pernas pálidas e as canelas por depilar, e o rosto encantador estava abatido. Alice achava que ela tinha um ar mais velho, mas descobria-lhe também uma nova seriedade, uma dimensão elementar extra que realçava substancialmente o seu fascínio. Mesmo com a aparência frágil, ela estava mais sensual que estivera antes de engravidar.

— Às vezes, parece-me que ninguém já olha para mim, nem mesmo o Harry. Sou um acessório invisível. As minhas únicas funções são alimentar, limpar e cuidar do Leo e do Charlie. Sou apenas uma mãe. Gostava de ser eu própria, mas nem me consigo lembrar de como era antes disto acontecer.

— Tu estás igual a ti própria. Estás até melhor. Este tempo vai passar.

Alice desejou abraçar a amiga, mas estava tolhida pelo bebé que tinha nos braços. E era apenas um dos dois, durante alguns minutos. Ao olhar de novo para o jardim, apercebeu-se da exacta medida daqueles limites. Jo tinha-lhe falado no tempo que iria passar até ambos os bebés poderem sair de casa, nem que fosse para uma ida às lojas. Qual seria a sensação de imaginar que o mundo tinha minguado da sua dimensão infinita até às quatro paredes daquela casa e aos cem metros quadrados de um jardim suburbano?

— Só passaram doze semanas, desde que eles nasceram. Eles vão cres-

cer e começar a correr por todo o lado. — Ao ver nos seus braços aquela pequenina parcela indefesa da humanidade, Alice apercebeu-se de como esse futuro parecia distante.

Jo suspirou. — É claro que vão. E as coisas também estão a melhorar. Lembras-te que, ao princípio, nem tinha sequer tempo para me vestir? Desculpa, Al. Não quero estar a lamentar-me. Sinto-me apenas esmorecida, porque estive por minha conta o dia inteiro. Desejei tanto tê-los e amo-os verdadeiramente. Nem sequer sabia o que era amar antes de eles nascerem.

Colocou um bule de chá e duas chávenas sobre a mesa.

— Qual deles é este? — perguntou Alice, embaraçada.

Jo riu-se. — Leo.

— Desculpa. Hei-de aprender a distingui-los.

— Não te preocupes. Até o Harry se engana na maior parte das vezes. Queres umas torradas, umas bolachas, ou outra coisa qualquer? Que pena não ter feito um pão-de-ló.

Alice abanou rapidamente a cabeça.

Jo olhou para a amiga com atenção e depois sentou-se junto dela, à mesa. — O que se passa?

— Foi o Pete.

— Continua.

Alice contou-lhe. Enquanto falava, as pálpebras de Leo agitaram-se levemente até acabarem por se fechar. As gengivas deixaram de apertar a tetina do biberão, enquanto se iam formando bolhas de espuma esbranquiçadas e brilhantes aos cantos da boca.

— Desculpa — comentou Jo, no fim. — Desculpa por não parar de me queixar dos meus problemas, sem te dar oportunidade para falar.

— Não fizeste nada disso. Tu não és assim.

A cozinha ficou em silêncio por alguns momentos. Ambos os bebés dormiam e aquele oásis de paz silenciosa era ainda mais assinalável e precioso, porque apenas iria durar alguns minutos. O rosto de Jo ficou mais suave e luminoso, enquanto ela olhava serenamente para o jardim. A solidariedade de Alice em relação a ela deu lugar a uma inveja inesperada, e ela mordeu os lábios ao aperceber-se disso.

Em seguida, começou a falar. — Aquilo que me parece é que Georgia não foi a única. Agora que me apercebi disto, parece existir um conjunto de detalhes que se interligam entre si. Pete está muitas vezes ausente e talvez eu me tivesse convencido de que isso só acontecia porque ele é um artista e precisa de espaço, sem ter laços que o amarrem. Quando não vem para casa à noite, ou quando vai durante alguns dias para Falmouth, Londres, ou Diepee, eu limito-me a prosseguir com o meu trabalho e a sentir-me contente por sermos tão... autonomamente produtivos e partilharmos essa

sintonia mútua. O que de facto acontecia durante esse tempo é que ele devia andar com uma dúzia de mulheres, não te parece?

La dar uma gargalhada para afastar daquela possibilidade, mas um movimento súbito dos olhos de Jo bloqueou-lhe o riso na garganta.

— O que é que tu sabes? Jo, por favor conta-me.

Jo hesitava. — Harry viu-o numa noite. Num pub, próximo de Bicester.

— Todas as pessoas vão a pubs, Jo. De facto, uma grande parte da vida de trabalho de Pete parece processar-se ali. Como lhe chama ele? Uma inspiração providencial.

Mas ao ver que Jo ficava calada, Alice sentiu que ruía a sua última defesa. Eu *era* feliz? pensava. Ou estava apenas determinada a sê-lo? — Continua — pediu descorçoada.

— Pete não o viu, porque nessa altura tinha a língua enfiada na garganta de uma mulher qualquer. Foi assim que Harry descreveu a cena. Ele disse-me que eles não tinham o ar de quem iria sair do parque de estacionamento antes de... bom. Desculpa, Al, sou tão desajeitada. Já me desabitei de falar com pessoas a sério, não achas?

— Era Georgia?

— Não me parece que fosse ela.

— Não. Estou a ver.

No berço portátil, Charlie agitou-se e emitiu um queixume experimental. Jo comentou — Está a regressar à fase da animação. Vai ficar acordado até cerca das dez horas da noite. De certa maneira, pensava que tu sabias que Pete era assim e que era essa a maneira de lidares com isso. Sabendo sem saber.

— Talvez — murmurou Alice. A humilhação dava-lhe vontade de se dobrar ao meio, como se estivesse cheia de dores no estômago.

— Tu mereces melhor — afirmou Jo, retirando Charlie do seu berço, enquanto este irrompia num berreiro até ao máximo dos seus decibéis. Embalou-o e falou-lhe em voz baixa, para o acalmar.

— Talvez — disse Alice outra vez.

— Tu ama-lo?

Sim, ela amava-o. Ou seria antes a imagem dele, o conceito de Pete, o que ela amava? Não só a ilusão de um lar que ambos partilhavam, mas também a própria forma como a desordenação e ausência de precisão dele tinham levado a melhor, de uma forma anárquica, sobre a disciplina que se impunha a si própria?

Talvez fosse isso. A sua obra e as suas esculturas correspondiam apenas ao lado visível de uma pilha gigantesca de lixo. (Claro que são, dir-lhe-ia ele. Tudo corresponde a uma metáfora do mundo. Sistemas arbitrários agluti-

nados numa sociedade em desintegração, que se vai afundando no próprio desperdício. Ou algo do género. Nunca conseguira penetrar capazmente naquela linguagem). Enquanto ela crescera ao lado de Trevor, sentando-se nas rochas aquecidas pelo sol, a vê-lo a rabiscar de testa franzida medidas estratigráficas no seu bloco de notas. Adorara conhecer o nome das rochas. Gabro, dolerito e basalto. A aparente solidez da terra e a confiança no seu pai tinham-se fundido numa constante de tranquilidade. Fora somente muito depois, na altura já como estudante de geologia, que começara a apreciar a escala imensa da inquietude da terra. E agora, com trinta e tal anos de idade, à medida que o equilíbrio de forças entre os dois se modificava, os pais enfraqueciam e a imagem de Pete se alterava, as noções do que era sólido ou merecedor de confiança viravam-se todas do avesso.

— Não sei — disse para Jo. Sentiu-se chocada ao perceber que de facto não o sabia.

— O que vais fazer? Pões-lhe os pontos nos is ou quê?

— Já é um pouco tarde para isso. Vinha perguntar-te se posso ficar cá até ele se ir embora.

Cada uma delas segurava um bebé nos braços. O sol já desaparecera do jardim e a luz começava a diminuir.

Jo respondeu imediatamente — Claro que podes.

Alice preparou um prato de massa para o jantar e Jo deu banho aos bebés e alimentou-os de novo. Harry regressou a casa como rosto tenso do dia do trabalho e os gémeos acordados foram passando pelas mãos dos três, enquanto jantavam. Pete ligava para o telefone de Alice de meia em meia hora, mas esta não atendeu as suas chamadas. Ele ligou então para o telefone de Jo e de Harry, e este atendeu-o.

— Sim, ela está aqui. Mas se eu estivesse no teu lugar, deixava passar mais algum tempo, companheiro.

Depois disso não houve mais nenhum telefonema. Antes de se deitar, Alice ligou para o pai, no hotel da Madeira. — Ela está melhor?

— O médico veio vê-la de novo. Ele tem sido incansável. Achamos que é melhor ela ir para casa, pelo que estamos a pensar em apanhar o avião amanhã. Se tudo correr bem, claro.

— Pode passar-lhe o telefone?

Alice apoiou a palma da mão na parede do quarto de hóspedes de Jo, para sentir algo sólido.

— Que grande maçada — dizia Margaret do outro lado da linha. Eram as suas palavras, mas a voz estava quase irreconhecível, reduzida a pouco mais do que um murmúrio e um suspiro.

— Vai ficar boa. Assim que estiver em casa. Em poucos dias irá voltar a ser a mesma.

— Será que sim? — Parecia uma criança a colocar a questão.

— Sim — afirmou Alice com uma tremura na voz.

No seu quarto, Jo e Harry preparavam-se para se deitar. Um dos bebés dormia, enquanto o outro chorava de cada vez que Jo o tentava deitar. Ao longo da noite, iriam alternar-se um ao outro na mesma rotina. Por norma, quando Harry tinha de trabalhar no dia seguinte, acabava por dormir no quarto vago, mas nessa noite Alice encontrava-se lá. Jo caminhava num passo cadenciado, para a frente e para trás, a embalar o bebé e tentar persuadi-lo a adormecer.

— Ela é muito rigorosa. Não é exactamente desprendida ou fria. Mas não vacila nem muda de opinião. Se decidiu que está tudo acabado com Pete, então é porque está mesmo.

Harry descalçou as meias, enrolou-as numa bola e lançou-as para o cesto da roupa suja. — Ah, sim? Então provavelmente isso será o melhor.

— Talvez. Mas não tenho a certeza disso. Ela parecia ser feliz ao lado de Pete. Ele compensava a sua maneira de ser metódica. Tornava-a mais espontânea.

Harry deitou-se e fechou os olhos. — Não vens para a cama?

Jo sorriu, sentou-se na borda da cama e girou sobre si mesma para apoiar as costas na cabeceira, continuando a embalar o bebé. Sentia vontade de falar com Harry para ambos reunirem os acontecimentos e as impressões do dia. Apenas durante uns dez minutos, antes de ela penetrar no túnel emudecido de mais uma noite, em que todos os seres com vida pareciam estar adormecidos, à excepção de ela própria e de um, ou de ambos os bebés.

— Al é a minha melhor amiga. Mas por vezes, parece-me que não a conheço bem. Quer dizer, eu nunca tive provas disso, mas sob aquela lógica fria pode bater um coração apaixonado. Não te parece?

Não obteve resposta. Ao olhar para ele, viu que Harry já mergulhara no sono.

* * *

Alice foi para casa, para trocar de roupa. Pete tinha estado lá. Apercebeu-se disso porque havia migalhas no balcão e um prato e uma faca no lava-loiças, mas não encontrou outros vestígios. Nem havia qualquer mensagem, levando-a a pensar que tudo o que lhe pertencia permanecera nos locais habituais. Este foi o seu único pensamento e ele desvaneceu-se logo de seguida. A última conversa que tivera ao telefone com Trevor tinha-a deixado com uma enorme ansiedade no peito. Margaret passara uma noite difícil e estava com dificuldades respiratórias. Existiam até dúvidas sobre a possibilidade

de poder vir de avião para casa, ainda que ela insistisse que era essa a sua vontade. Alice propusera ao pai encontrar-se com eles no aeroporto, mas Trevor tinha-lhe dito que já pedira uma ambulância particular. Margaret iria ser transportada directamente do aeroporto para o hospital.

— Se calhar estamos a preocupar-nos demasiado. Mas isso não tem qualquer problema, pois não? — questionara Trevor.

— Não. Claro que não — respondera Alice. Partilhavam agora uma espécie de pacto do facto consumado, em que ambos fingiam ser aquela a forma normal de terminar umas férias.

O avião partiu, com Margaret e Trevor a bordo. Era ainda muito cedo para Alice ir ao hospital ao seu encontro. Lavou o prato e a faca de Pete e ar-
rumou-os, e a seguir pôs-se a deambular pela casa. Parecia-lhe ligeiramente estranha, como se tivesse estado mais tempo afastada que apenas uma noite. As louças que decoravam os armários e os livros nas estantes pareciam ter perdido a importância, como se já os visse através do véu distante da história.

Uma hora depois sentiu-se incapaz de aguentar por mais tempo aquele silêncio. Trancou a porta da frente e dirigiu-se ao Departamento. Poucos minutos depois de lá chegar, o Professor Devine assomou à porta do gabinete para lhe colocar uma questão sobre a acta da reunião do orçamento. Ela contou-lhe o que acontecera a Margaret e ele tirou os óculos e voltou a colocá-los, num sinal de consternação que percebeu ser habitual nele, mas em que reparava pela primeira vez. Ao seu redor, tudo adquiria uma clarividência assustadora que a fazia quase sentir-se agoniada.

— Se houver alguma coisa que Helen e eu possamos fazer, seja o que for — murmurava o Professor.

Ela não *morreu*, pensava Alice, enquanto agradecia, com uma expressão séria, aquelas manifestações de pesar. Ela não vai *morrer*.

Por fim, passado muito tempo, Trevor voltou a telefonar. Estavam na ambulância e Margaret piorara durante o voo. Ele já deixara de tentar sugerir que não havia motivos para preocupações. Neste momento o seu pacto passava por levar Margaret para o hospital o mais rápido possível.

— Encontro-me lá com vocês — disse Alice. Saiu do gabinete e seguiu para o hospital, sentando-se na sala de espera das Urgências. Pôs-se a observar as pessoas que iam passando ou se sentavam à sua volta de olhar absorto. Sob a abóbada da zona de chegadas, apareceu uma ambulância, com a luz azul a piscar vagarosamente. A equipa desdobrou os degraus das traseiras, mas tratava-se de uma mulher jovem com um bebé que, depois de ser ajudada a descer, se encaminhou rapidamente para o interior. A meia hora seguinte passou devagar, até aparecer um carro branco e comprido, de vidros fumados. Da parte traseira, saía uma maca, que foi depois

armada para adquirir as funções de cama rolante. Sobre a almofada azul, Alice avistou o cabelo branco da mãe. Abandonou a cadeira e correu atrás dela.

Os olhos de Margaret pareciam ter o dobro da dimensão habitual. O rosto, semelhante a um pergaminho triangular, tornava-se demasiado pequeno para os abarcar, e havia marcas cor de púrpura na sua pele semelhantes a contusões. Tinha uma respiração ténue e ofegante. A mão moveu-se, quase imperceptivelmente, sob o cobertor vermelho que a tapava e Alice introduziu a sua por baixo, para lhe pegar nos dedos gelados.

— Vai passar — disse-lhe suavemente e à sua memória veio-lhe a imagem de Trevor e o tom da sua voz quando ela era pequena e acordava depois de um pesadelo. — Já vai passar.

Margaret conservava os olhos suplicantes fixos no seu rosto.

A equipa médica invadiu o compartimento. Alice e Trevor recuaram para uma fila de cadeiras ali próxima. Em frente, sob a orla das cortinas dos compartimentos, distinguiam pés, tornozelos, rodas de borracha e formas metálicas. O casaco de malha de Trevor estava mal abotoado, com um botão a sobrar em cima junto ao bico, e outro na casa errada, sobre a pequena protuberância do estômago. O cabelo branco estava encrespado em redor da cabeça e Alice desejou poder alisar-lhe as rugas da pele sardenta, nos sítios onde a pele parecia estar a sobrar em relação ao crânio.

— O voo — murmurou ele. — Pensei... — Os olhos desviaram-se para o sítio onde Margaret estava deitada. Ele pensara que ela ia morrer. Depois de ver a mãe, aquele receio não pareceu irracional a Alice.

— O médico vai explicar-nos tudo. — Era importante disporem de informação e agirem com base nela.

Sentou-se em silêncio, à espera, segurando na mão húmida do pai. O ambiente do hospital era-lhe completamente estranho. Até esse dia, raramente estivera dentro de um. Nenhum deles chegara sequer a adoecer. Calçou o chão pintalgado de cinzento com as solas dos sapatos, espantada por este se manter firme, quando tudo girava à sua volta.

Por fim, uma médica veio falar com eles.

— Estou quase certa de que Mrs. Peel contraiu uma pneumonia — informou ela. — Estamos a fazer-lhe agora o exame de raio-X e também vamos efectuar análises ao sangue.

Margaret parecia uma estranha, sob o nome de casada, pensava Alice. Ela sempre fora Margaret Mather, sim, *a* Margaret Mather...

— Posso ir para o pé dela? — perguntava Trevor. Sentiu-se inesperadamente uma nota de súplica na sua voz. A ansiedade dissipava todo o seu controlo. Alice reparou que nunca se tinha apercebido, em toda a extensão, da forma como ele amava Margaret tão profundamente. Sentia-se uma pes-

soa estranha que escutasse o que se passava do outro lado das paredes do casamento dos pais.

— Primeiro, vamos estabilizá-la. Temos de a fazer sentir o mais confortável possível.

Regressaram à fila de cadeiras e a uma nova espera. Alice deixou o pai sentar-se, em silêncio, na sua cadeira. À sua frente, passava uma menina de cerca de dez anos, de perna engessada, transportada numa cadeira de rodas. Vestia o uniforme da escola, nos mesmos tons azul e cerise da antiga escola de Alice.

Alice recordava-se de ter tido, em tempos, onze ou doze anos. Margaret tinha ido à sua escola para exhibir um dos seus famosos filmes. Permanecera de pé, no palco, ao lado do ecrã branco que Mr. Gregory, o professor de biologia desenrolara diligentemente. Trazia um vestido irrepreensível, num tom de azul-marinho, sem nada que o distinguisse, mas calçava uns sapatos com saltos de agulha. A luz do sol jorrava pela grande janela atrás dela, dando-lhe ao cabelo o aspecto de uma rede brilhante e prateada.

— Vou levá-las numa viagem — dissera. — A um dos sítios mais fantásticos do mundo.

As cortinas tinham sido cerradas e a sala ficara envolvida pela penumbra.

As cenas do filme já eram conhecidas de Alice. Lá estavam as colónias dos pinguins-de-adélia nas falésias escarpadas da península da Antárctida. Numa margem rochosa estreita, entre o mar de superfície prateada e as escarpas íngremes de gelo e de neve, viam-se milhares de aves. O som intenso dos seus gorjeios crescia de intensidade e inundava a sala.

Margaret e o seu assistente moviam-se entre a colónia populosa a contar os ovos e as crias. As crias tinham acabado de nascer e a audiência, formada pelas alunas da escola, emitiu um *aaah* colectivo ao aparecer o primeiro grande plano de uma bola de penugem em cinzento-prateado, com um bico. Margaret interrompeu o filme, para prosseguir os seus comentários, despidos de emotividade.

— A época de procriação dos pinguins-de-adélia é curta. Cada fêmea põe dois ovos, mas apenas sessenta por cento das crias *Pygoscelis adeliae* consegue sobreviver até chegar à fase das três semanas.

O filme recomeçou e viu-se uma gaivota castanha da Antárctida, a emergir do céu esbranquiçado, num arco súbito, e a mergulhar sobre uma cria na extremidade da colónia. O pedaço de penugem foi engolido de uma só vez, a partir da cabeça. Durante uma fracção de segundo viram-se os pés minúsculos entre a abertura do bico da gaivota. Depois disto, a onda sentimental da audiência dissipou-se. Seguiram-se sequências dos pinguins

a mergulhar de cabeça no mar, entre os flancos estriados dos icebergues, entrecortadas com outras mostrando os seus movimentos subaquáticos entre os redemoinhos das manchas de krill. Alice sabia que Margaret não tinha recorrido aos serviços de um mergulhador; fora ela quem mergulhara no mar, entre as placas de gelo, para obter aquelas cenas. Tinha sentido vontade de acotovelar a sua vizinha do lado para lhe contar isso.

— Os pássaros adultos alimentam-se do krill, *Euphausia crystallorophias*, que existe no oceano, nas águas ricas em torno da orla continental.

Margaret oferecia à sua assistência a delicadeza de nunca falar com um ar superior e tinha ainda o condão de lhe dar a entender que partilhava integralmente a sua experiência. O seu filme incluía ainda cenas pessoais, que nunca tinham sido exibidas na televisão. Numa estava a cozinhar num pequeno fogão, no exterior da sua pequena tenda cor-de-laranja em forma de pirâmide. O fato de protecção vermelho e a tenda formavam uma mancha de cor no meio daquela imensidão em branco e azul-cobalto. Num dos grandes planos, olhava por cima do ombro e ria-se directamente para quem a estava a filmar. As madeixas de cabelo claro, sopradas pelo vento, afagavam-lhe as faces e colavam-se ali por causa do gelo. Alice erguia os joelhos contra o peito e estremecia, como se ela própria estivesse ali no meio.

No final, houve um aplauso estridente. Mr. Gregory veio ao palco e agradeceu à dra. Mather a sua vinda à escola e aquela prelecção. Margaret encontrava-se ao lado dele e, mesmo com os saltos altos, mal lhe dava pelo ombro. Olhava directamente para a assistência e parecia ser feita de outra matéria e ter umas cores mais brilhantes que o professor de biologia ou a directora da escola, que lhe dirigia um grande sorriso do outro lado. Alice compreendia agora que fora nesse momento que percebera o quanto a mãe era sedutora. Na altura Margaret deveria ter cinquenta anos de idade.

Margaret tinha outra comunicação para fazer depois da escola, pelo que partira logo a seguir, no seu Alfa Romeu verde de guarda-lamas dentado. Alice vira-se então rodeada de um grupo de raparigas.

— A tua mãe é fantástica — comentava Becky Gifford. A mãe de Becky era uma actriz conhecida da televisão e Becky era a rapariga mais sofisticada e segura de si no ano de Alice. Antes disso, nunca tinha reparado nela.

— Ela é uma cientista — explicou-lhe Alice, pretendendo transmitir-lhe que era isso o que importava.

— Então tu também vais ser uma cientista?

— Sim — dissera-lhe Alice.

Se calhar era verdade, reflectia Alice, que devia a Margaret e àquele dia a sua amizade com Becky.

De repente, viram uma enfermeira a dirigir-se para eles. — Podem vir para o pé dela — informou-os. — Vestem isto primeiro, por favor? Abotoam-se atrás. — Entregava a cada um deles uma bata azul de papel. Alice e Trevor ajudaram-se mutuamente a vestir aquelas capas crepitantes e a atar as fitas na nuca.

Margaret encontrava-se agora num outro cubículo, um compartimento envidraçado situado na extremidade daquela área do hospital. Do outro lado da divisória de vidro estavam instaladas mais três camas de rodas. Ela estava recostada sobre almofadas, com uma máscara plástica transparente segura ao rosto com uma fita elástica. A máscara parecia demasiado grande, como se fosse destinada a abranger todos os ossos das faces e do queixo. Havia ainda um tubo intravenoso ligado ao seu braço. Ao aproximarem-se, fixou-os com os olhos abertos pelo temor.

— Aqui estamos nós — disse Trevor. Os dois rodearam-lhe a cama. Logo a seguir ao vidro, havia uma cama ocupada por um jovem indiano, deitado de costas e de olhos fechados. — Aqui estamos nós — repetiu Trevor.

Alice olhou de relance para o lado, e viu uma cadeira do outro lado do corredor. Foi buscá-la e colocou-a junto de Trevor, para que este se sentasse. Ele deixou-se cair ali, bruscamente, como se as suas pernas estivessem quase a ceder. Inclinou-se para colocar a mão sobre o braço de Margaret e esta virou a cabeça para o ver melhor.

Algum tempo depois adormecia.

O tempo foi passando, enquanto os minutos eram assinalados pela cadência vagarosa do ponteiro de segundos, no relógio de parede mesmo na direcção de Alice. Ela foi buscar uma água à máquina de bebidas e deu-a ao pai, mas este não quis sair do seu lugar nem o tempo suficiente para comer alguma coisa.

De meia em meia hora, uma enfermeira vinha medir a pulsação e a temperatura de Margaret. O burburinho e as vozes nos compartimentos mais próximos da zona de urgências pareciam vir até eles através de ondas densas de ar saturado. O jovem indiano foi levado por um funcionário de bata verde, e o seu lugar foi ocupado logo a seguir por um homem idoso, que olhava em redor com uma estranheza amargurada. A noite foi chegando. Alice imaginava as filas dos faróis dos carros ao longo das ruas e as pessoas apressadas a dirigirem-se para os sítios familiares, no final de um dia igual aos outros.

Apareceu uma enfermeira nova para dar continuidade às observações, o que significava que a equipa da noite entrara ao serviço. Alice já tinha decidido que tinha de vencer Trevor a comer alguma coisa, quando Margaret abriu os olhos. Durante um momento de espanto, o seu olhar fi-

xou-se num ponto e depois foi dominado por um terror silencioso. Ergueu a mão livre e agarrou convulsivamente na máscara. Puxou-a para fora da cara, murmurando com a voz cava — Vou sufocar. — A pronúncia de Yorkshire, acentuava-lhe as vogais: *suufocaaar*.

Alice aproximou-se de um salto. — Não, não vai. Isto ajuda-a a respirar — disse-lhe suavemente.

— Mag? Maggie, querida, assim ficas melhor — murmurou Trevor.

A cabeça aureolada de prata rodou sobre a almofada.

— Estão aí? — perguntou Margaret.

— Sim — responderam ambos. Ela moveu a cabeça na direcção de Trevor e a seguir para o outro lado, até encontrar os olhos de Alice. Esta nunca vira antes a sua mãe com medo, mas o rosto desta agora estava lívido. Viam-se gotas de suor a inundar-lhe a testa. Respirava ruidosamente, com a boca aberta, enquanto Alice tentava colocar-lhe de novo a máscara e ela a rejeitava com impaciência.

— Quero que faças uma coisa por mim — dirigia-se a Alice. Mesmo nas actuais circunstâncias, conseguia conservar um ar de autoridade, mas este soava a falso, como se fosse a insistência vacilante de uma criança asustada.

— Claro que sim. Eu faço.

— Quero... — Margaret parou para respirar. — Quero que vás para o Sul. Para a estação de Lewis Sullavan.

— Não posso ir para lado nenhum, com a mãe assim doente.

Margaret agarrou convulsivamente na roupa que a tapava. — Isso não é uma razão. Não é motivo, de maneira alguma. Eu vou ultrapassar a situação. Mas quero que tu vás, enquanto dispões dessa oportunidade. Por... mim. Fá-lo por mim.

Alice compreendeu o que ela queria dizer, com a certeza nítida que nasce no momento mais intenso do drama mais profundo. Sabia que iria recordar este instante e a compreensão exacta dos desejos da mãe. Não haveria forma de negar ou esquecer o que aquilo significava.

Margaret olhava para o espectro da sua própria mortalidade. Não iria morrer ali. Ainda não chegara o momento, porque a sua vontade era demasiado forte para deixar que isso acontecesse. Mas sabia finalmente, e de forma empírica, que a sua força não era infinita. E queria que depois de si a sua vida se prolongasse no gelo, onde a vivera mais intensamente, através da sua única filha.

Alguns, por detrás do compartimento de vidro, um telefone tocava insistentemente. Soavam passadas, os metais emitiam sons ásperos — eram aqueles os sons que ouviam há horas. Alice olhou para Trevor e leu-lhe uma súplica silenciosa no rosto. Em toda a sua vida, Trevor nunca lhe tinha pe-

dido coisa alguma. Tudo quanto fizera fora amá-las às duas, às suas duas mulheres. O telefone parou de tocar, para recomençar logo a seguir.

— Eu vou — afirmou Alice suavemente.

O medo dissipou-se do olhar de Margaret, substituído por um brilho triunfante em cor de safira. E foi Trevor quem enxugou as lágrimas com as costas da mão.

— Estão lá todos os elementos. A mensagem, na minha caixa de correio electrónico — disse Margaret.

— Não se preocupe com isso agora.

Treveu ergueu gentilmente a máscara de plástico e ajustou-a à boca da sua mulher. Esta assentiu com a cabeça e voltou a fechar os olhos.

Às dez da noite, quando Trevor começava a descair a cabeça nos cobertores junto à mão de Margaret, um outro médico veio-lhes dizer com ar pesaroso que não haveria um lugar vago na enfermaria, antes da manhã seguinte. A própria Margaret estava adormecida, pelo que Alice levou o pai para sua casa, em Boars Hill. Aqueceu sopa e assim que acabaram de comer e ela se certificou de que ele se já se deitara, arranhou a cama no seu antigo quarto. Ficou ali sentada, com os joelhos recolhidos, como fazia quando era criança, a observar os livros antigos nas prateleiras pintadas de branco. Lá estavam *O Sul: Memórias da viagem do 'Endurance'* de Shackleton, e *A Travessia da Antártida*, de Fuchs e Hillary, ambos oferecidos por Margaret em aniversários distintos. Na primeira página, ela escrevera o nome de Alice e a data. Agora parecia-lhe distinguir, através daquelas capas duras, a paisagem antártica, onde a realidade dos filmes de Margaret e a das histórias dos exploradores confluíam num cenário fantástico de torres de gelo, desertos ondulantes de neve e fissuras de bordos azulados. O vento impelia os véus de neve em farrapos, com os uivos a crescerem na sua cabeça, atingindo um crescendo que despontava num guincho sobrenatural, fundindo-se na voz da mãe e nos trinados dos pinguins.

E agora era a Antártida que a aguardava, com as suas mandíbulas geladas escancaradas.

Alice sentou-se muito direita. Dormir estava fora de questão. Voltou a vestir-se, tiritando devido à atmosfera do quarto não aquecido, e desceu as escadas. A cadeira de Margaret, na mesa de abas junto à janela de sacada, dava para um buraco negro onde antes se via o jardim. Alice preparou uma chávena de chá e sentou-se em frente ao monitor do computador da mãe.

Faz isso, insistia ela para si própria. Tu prometeste. Faz pelo menos isso, antes que o dia de amanhã traga outras complicações.

Alice teclou no ícone da *nova mensagem* e começou a escrever.

Se assim fosse oportuno, e se estivesse a analisar a situação correc-

tamente, no seguimento da grave enfermidade da mãe sentir-se-ia honrada caso a sua participação na equipa da próxima expedição europeia à Antárctida viesse a ser considerada.

Anexou uma lista com as habilitações científicas. Por fim, no item relativo a Experiência Antárctica Precedente, digitou a palavra *nenhuma*.

O chá esfriara, mas ainda assim bebeu um golo. Voltou a ler a sua curta mensagem e modificou algumas palavras, certificando-se a seguir de que o endereço estava correcto. Introduziu o seu endereço de correio-electrónico pessoal e carregou rapidamente no *enviar*. A pasta de saídas iluminou-se por instantes, antes de a comunicação se estabelecer e ser direccionada a uma destinatária desconhecida, com o nome de Beverley Winston, a assistente de Lewis Sullavan.

Não havia mais nada a fazer naquela noite. Alice despejou o resto do chá no lava-loiças da cozinha e regressou à cama. Permaneceu ali imóvel, sob o peso familiar dos cobertores. Lembrou-se da sua própria cama, em Jericho, e pensou onde poderia estar Pete nessa noite. Passara tão pouco tempo desde que tinham acordado ambos na mesma cama, sem nada mais a separá-los que um beijo visto inesperadamente no meio de uma festa.

Agora havia a perspectiva de meio mundo.

A aceleração da mudança deu-lhe a sensação de que se abria um abismo por debaixo de si. Ao voltar a abrir de novo os olhos, para lutar contra outro acesso de náuseas, Alice analisou os contornos do seu quarto. Tinha tido uma vida profundamente resguardada. Sob a sombra de Margaret e a protecção benevolente do pai, ela fizera aquilo que se esperaria e o que ela própria desejaria. Nada mais, para além dos limites do que seria expectável.

E agora, sem Pete e com a sombra da mãe diminuída, surgia-lhe *aqui-lo*.

De súbito, no interior do peito, Alice Peel sentiu uma guinada acutilante de antecipação que a impressionou naquilo que continha de espantosa sofreguidão.

Capítulo Cinco

Com a aproximação constante do Verão, o gelo que se acumulara em toda a extensão da baía diluía-se lentamente com um ruído surdo. Naquela manhã, tinha a cor do marfim embotado, brilhando ali e acolá como um osso polido. Os veios de água, cada vez maiores, eram negros e da cor do cinzento-chumbo a condizer com a cor do céu e o véu ténue de nevoeiro gelado que pendia sobre os penhascos, moldando a parede do outro lado da baía. Havia um ar sereno, por entre os flocos de neve que caíam ociosos e flutuavam nos sentidos ascendente e descendente.

Depois de substituir a camisa do cilindro do motor, Rooker rodou a chave de ignição da moto de neve. O motor reagiu obedientemente, com um ronco e uma nuvem de fumo, e Valentin Petkov, o glaciologista, do local onde se encontrava no meio do gelo a colocar varas de bambu e bandeiras de sinalização, olhou de relance para erguer o polegar num gesto de aprovação. O assistente de campo, Philip Idwal Jones, estava ali ao pé, a enrolar uma corda. Acabou a tarefa com uma laçada e lançou o rolo de corda sobre o ombro, regressando através da neve em passadas vagarosas.

— Eh, Rook! — O silêncio permitia que a sua exclamação lhe chegasse com toda a sonoridade. — Chegámos à altura de se beber qualquer coisa?

Rooker baixou o punho da luva para olhar para o relógio. Era meio-dia e já andavam ali desde as oito da manhã. Petkov estava impaciente por colocar as suas bandeiras e fazer a primeira série de leituras. Tanto quanto Rooker conseguia compreender, nesta parte do estudo ele ia medir a velocidade da deslocação do gelo nas margens e compará-las com a do centro. Se aquilo se pudesse designar como velocidade, pensava ele, a uma taxa anual de milímetros.

Philip aproximou-se da moto de neve, libertou-se da corda e tirou o gorro para esfregar o cabelo negro e hirsuto. Usava uma barba irregular que condizia com o cabelo. Phil tinha apenas vinte e seis anos, mas desde dedicava a sua vida às viagens e às escaladas desde os dezassete. Esta era a sua terceira estação na Antárctida. Como guia de montanha, cabia-lhe apoiar os

cientistas nos trabalhos de campo e garantir que eles não corriam o risco de cair de uma ravina ou do cimo de um penhasco.

— Não me parece que isso seja fácil — desabafara ele uma vez com Rooker. — Aquela avezinha francesa pensa que sabe tudo, não é?

Rooker simpatizava com ele.

— Obrigada — agradeceu Phil, ao ver que Rooker lhe passava o termos com café. — Ufa. Está calor, não está?

E estava, em comparação com a temperatura de há uma semana atrás quando ali tinham chegado. Durante o dia, as temperaturas baixavam até aos -23° , acompanhadas de um vento forte e gelado. Neste dia registavam-se uns suaves e estivais 5 graus negativos.

— Achas que Valerie vai fazer uma pausa? — questionou Phil, a olhar para Petkoz, que prosseguia com os seus ziguezagues no meio do gelo. Phil achava que Valentin era tudo menos um nome, apenas um cartão que se envia a uma namorada, no caso de a pessoa se lembrar e se querer dar a esse trabalho, insistindo em chamar-lhe Val, que depois transformara em Valerie. Não havia ninguém que pudesse ter características menos efeminadas que Valentin. Possuía uma voz potente e profunda e uma barriga proeminente, tendo ainda uma predilecção por whisky e anedotas, cujos finais nem sempre conseguiam sobreviver à transição do búlgaro para o inglês. Na estação de Kandahar havia seis línguas nativas, mas o inglês era a língua comum.

— Demasiado comum — fora o comentário sarcástico e inevitável de Phil, no seu forte sotaque galês.

Acenou para Valentin, agitando a caneca num gesto abrangente. Tornava-se difícil avaliar as distâncias, através da superfície monótona e branco-esverdeada do glaciár. Apenas à esquerda, onde este se inclinava subitamente para a encosta e se precipitava em direcção ao gelo e ao mar, estilhaçando-se ao longo do percurso numa massa caótica de blocos salientes e de fissuras distorcidas, é que se poderia ter uma ideia mais precisa da sua escala.

Phil suspirou ao ver o cientista a retribuir-lhe efusivamente o seu gesto, talvez porque não o compreendesse ou porque não desejasse parar com o trabalho.

— Búlgaro idiota. Tenho de ir lá levar-lhe isto. Passa-me uma das bebidas, companheiro. — Pegou no termo e numa sandes embrulhada, e voltou a percorrer o caminho de neve.

A caminho da base, a moto de neve tinha dado sinais de se querer ir abaixo. Rooker encontrara e desobstruíra um bloqueio na saída do combustível. Neste momento, encontrava-se instalado sobre o veículo, com as costas apoiadas nos manípulos e os pés sobre o assento. Nessa manhã, ao passar

pela cabina de rádio-transmissão, Niki tinha-lhe dito que o tempo quente e a ausência de vento prenunciavam uma tempestade. Nikolai Pocius era o operador de rádio, um génio das comunicações lituano e esqualido, que estivera ao serviço do exército russo ao longo de dez anos. Era provável que Niki acertasse, mas tornava-se difícil acreditar, no meio daquele momento de perfeita quietude. Ao fechar os olhos, à parte a suave aragem fria que lhe passava sobre rosto, Rooker tinha a sensação de se encontrar dentro de um vácuo. A profundidade do silêncio era absoluta e cristalina, sem que houvesse a mínima hipótese – em contraste com o que acontecia no resto do mundo – de poder ser perturbada no segundo seguinte, por um avião a jacto a passar sob a sua cabeça, por uma explosão de música cacofónica ou pela chinfrineira do tráfego.

Sem contar com as nove pessoas que presentemente ocupavam as duas cabanas, na pequena elevação onde se instalava a estação de Kandahar, a habitação humana mais próxima era Santa Ana, uma base chilena a aproximadamente duzentos quilómetros, mais para o cimo da península. Os chilenos dispunham de uma pista de aterragem para as aeronaves no meio da neve, e a equipa de Kandahar tinha viajado até ali, sendo depois transferida de helicóptero para a estação. Numa parceria com os chilenos, e durante a estação do Verão, Lewis Sullavan alugara dois helicópteros Squirrel aos neozelandeses, a par dos respectivos pilotos e de um mecânico. Os veículos e a tripulação ficavam sedeados em Santa Ana, mas estariam disponíveis para transportar os cientistas de Kandahar para os locais de pesquisa que ficassem demasiado afastados para se recorrer à moto de neve ou ao trenó. Rooker invejava aqueles pilotos. Desejaria poder voar sobre a imensidão dos glaciares, a observar ou a tentar descortinar o tempo mais inóspito, mas essa oportunidade não estaria ao seu alcance. Já tinha expirado a licença para conduzir aeronaves e poucas tinham sido as vezes em que pilotara um helicóptero.

O silêncio cresceu e adensou-se à sua volta. Quase conseguia senti-lo, como uma matéria física a exercer pressão contra os tímpanos. Ao longo dos dez dias em que ali permanecera, a paz tinha-o acalmado. Sempre que podia, refugiava-se no exterior.

O abrigo estava repleto de gente. Era-lhe difícil viver numas instalações tão exíguas, com aquele grupo heterogéneo que Shoesmith ali reunira. O dr. Richard Shoesmith era o chefe da expedição. Rooker sentira uma antipatia instintiva e imediata por ele, mas em relação aos restantes pouco tinha a dizer. Era a interacção entre todos que lhe desagradava. As pessoas falavam continuamente, cada uma a tentar fazer-se ouvir sobre a algazarra das outras vozes. Todas pretendiam marcar o seu território. Até as piadas, na sua maior parte, aludiam aos pontos conquistados à custa de alguém ou

às mini alianças que se iam formando. Por vezes, essas cenas afectavam-no e noutras juntava-se ao coro das gargalhadas, mas sentia ser impossível comungar de tudo aquilo. As camadas que o protegiam tinham engrossado ao ponto de o tornar impermeável.

Desde que deixara Edith para atrás de si, acostumara-se a estar sozinho. Mesmo até antes disso, muito tempo antes, deixara de andar à procura de alguém, a não ser com objectivos de sexo ou para dispor de uma companhia com quem bebesse. É claro que ele bebia na base, embora Shoemith não permitisse que as pessoas conservassem ali reservas de álcool particulares. Havia sempre alguém com quem se podia beber, tal como em qualquer outra parte do mundo. Nem Phil, nem Valentim ligavam igualmente àquela proibição. Mas a Rooker não interessava as suas vidas para além de Kandahar, nem os seus sonhos, ou aquilo por que esperavam. Eles não lhe tinham feito perguntas sobre a sua vida e era isso o que ele desejava.

Sentia-se bem, quando se encontrava ali sozinho, no exterior. O jogo de luzes surpreendia-o permanentemente. Ao longo de uma hora, as propriedades da luz podiam modificar-se dez vezes, passando de um leitoso translúcido a uma claridade de um brilho cortante ou a uma luminosidade amarela e espessa. Costumava ficar sentado sobre uma rocha, com as mãos pendentes entre os joelhos, quase insensível ao frio, limitando-se a observar.

McMurdo, a base americana na extremidade do glaciador de Ross, não se podia comparar àquilo. Durante a estação do Verão, McMurdo conseguia albergar mais de uma centena de pessoas. Dispunha de bares e autocarros, e de uma roda-viva de festas, e presentemente ele encarava-a como uma versão de Ushuaia, ainda mais enfadonha e desagradável. Tratava-se de um lugar demasiado apinhado e isolado para o deixar apreciar a presença pujante do gelo, e o seu trabalho de condutor do autocarro de serviço forneceralhe motivos para nunca se afastar da base e do campo de aviação. Sullavan e Richard Shoemith tinham-no contratado para zelar pelos transportes e também para executar trabalhos de mecânica e de manutenção.

Era uma tarefa fácil. Rooker tinha jeito para lidar com as máquinas. Tinha cinco meses à sua frente em que tudo o que se esperava que fizesse era conduzir o Zodiac, consertar as motos de neve e manter a funcionar o abastecimento de água e os geradores. Ninguém viria ao seu encontro ou iria tentar pressioná-lo, exigindo-lhe respostas ou explicações. Em McMurdo, as aeronaves passavam todo o tempo num constante vaivém, entre descolagens e aterragens. Havia sempre outros destinos a tentá-lo. Mas aqui, à excepção de um helicóptero proveniente de Santa Ana ou de um navio a acostar na baía, ninguém poderia chegar ou partir. Incluindo ele próprio.

Conseguia impor um certo distanciamento em relação às outras oito

pessoas. No quarto reservado ao alojamento dos homens, havia um canto com uma cortina onde se podia isolar e lá fora existia sempre a luz inconstante e o silêncio, que apenas o vento conseguia romper por vezes.

Não, ele recordava-se de súbito que iriam passar a ser nove e não oito.

Nove pessoas, porque nesse dia ia chegar uma outra cientista.

Ao pequeno-almoço, Shoesmith proferira um dos seus anúncios sonantes: — Como a maior parte de vocês já sabe, a dra. Alice Peel, de Oxford, chega hoje mais para o fim da tarde. Peço-lhes que façam tudo o que estiver ao vosso alcance para a receberem nas melhores condições.

Do outro lado da mesa, Jochen van Meer, o médico da estação, erguera a sobrancelhas louras e espessas e dirigira um largo sorriso aos restantes homens. — Será um prazer.

Oito, nove, pensava Rooker. Não fazia qualquer diferença.

Através das pálpebras cerradas sentiu uma sombra a mover-se e ergueu-as para ver o que era. Uma enorme gaiivota castanha pousara a poucos metros de distância e observava-o com a cabeça inclinada. Estas gaiivotas escuras costumavam rodear os penhascos próximos da porta da base para debicar as migalhas de comida e tinham aprendido rapidamente a seguir os trenós quando estes saíam. Remexeu no bolso do anoraque até encontrar um quadrado de chocolate, já com fios do casaco agarrados, e atirou-lho. Ouviu-se um som crocante e o fragmento desapareceu no meio do bico adunco.

Do interior do bolso, chegou-lhe o barulho da rádio. A voz de Shoesmith irrompia entre o zunido da transmissão. — Base, aqui base Kandahar, base para Rooker. Over.

— Escuto — respondeu Rooker.

Tudo era irritante em Shoesmith, incluindo a maneira como falava pelo rádio.

Já no seu primeiro encontro no hotel de Punta Arenas que antecederia a viagem até ao Sul, Rooker apercebera-se que Shoesmith tinha aquela convicção, comum aos estudantes do ensino público inglês, de que tudo o que fazia era correcto porque sempre o fizera assim. A sensação que ele transmitia a Rooker era a de uma pessoa segura, mas essa segurança não se baseava em competência ou em visão.

O problema residia na sua voz, nos modos e até no rosto atraente e corado que levavam Rooker a recordar-se de Henry Jerrold, de Nuremberga, em Inglaterra, a quem desejava esquecer para sempre.

Rooker escutou a instruções do chefe. Enquanto a equipa de glaciologistas estava a trabalhar, Richard pedia-lhe que regressasse à base na moto de neve, e transportasse a bióloga francesa até uma das suas colónias de pinguins. A seguir, devia chegar o navio de abastecimento. Rooker teria de

ir no Zodiac, através das placas de gelo, para receber a recém-chegada e trazê-la para terra.

— Roger — disse ele.

Disparou com a moto de neve e a gaivota lançou-se num voo amplo e confiante. Rook foi seguindo pelo traçado deixado pelas marcas dos esquis, até chegar ao ponto mais próximo do local onde se encontravam os outros, desmontando para lhes dizer onde ia a seguir. Caminhou a custo, por entre o manto fofo de neve que cobria o gelo, com as botas quase afundadas até aos tornozelos.

— Não nos vais abandonar aqui durante a noite, só com uma sandes?
— inquiriu Valentin, a rir.

— Não te preocupes, Val, conseguimos ir para casa, sem problemas. Será o Rook quem vai ter de se preocupar quando lá chegarmos — ameaçou Phil.

Deixou-os com as suas bandeiras, desatrelou o trenó e acelerou com a moto de neve em direcção à base. O percurso da ida fora lento, porque ele e Phil tinham de parar para testar a neve à sua frente com uma sonda comprida, sempre que encontravam uma sombra ou uma cova. Durante a história já tinham já desaparecido demasiados cães e trenós, e até homens, sugados pelas entranhas do gelo, para que valesse a pena correr qualquer risco. Mas nesse momento seguia a toda a velocidade, ressaltando ao longo do caminho, sentindo o frio a fustigar-lhe o rosto, enquanto os esquis dianteiros planavam sobre os trilhos seguros já marcados pela viagem da vinda. O trilho desenrolava-se à sua frente, numa linha que serpenteava até a uma distância infinita. Com o entusiasmo, a boca abriu-se-lhe num enorme sorriso.

A base ficava a dez quilómetros de distância. Ao chegar à última elevação, Rooker avistou à sua frente dois pontos minúsculos em vermelho carmim, abrigados pela baía e rodeados por uma vastidão de neve, com a plataforma de gelo e uma língua de água negra como pano de fundo. De cada um dos lados erguiam-se escarpas de rocha exposta e, por detrás, o campo de neve em declive estava encimado por um afloramento rochoso elevado que delimitava a margem do glaciar. Na ponta estreita da baía, outra língua do glaciar despenhava-se em blocos traiçoeiros e fissuras até ao nível do mar.

Descreveu uma volta ampla em redor do emaranhado dos rochedos e desceu a encosta em direcção às cabanas, acompanhado pelo troar do motor.

Depois de fazer um novo círculo, Rooker arrumou a moto de neve debaixo de um abrigo tosco, nas traseiras das cabanas. Uma das suas tarefas extras envolvia a construção de um abrigo sólido, utilizando as estruturas de madeira deixadas por um dos navios de abastecimento, no início da estação.

O céu tinha escurecido, estando agora numa tonalidade de cinzento carregado e Rook reparou que o vento se estava a levantar. Em volta dos seus pés voavam pequenos redemoinhos de neve.

— Ah, já chegaste — foi o comentário desnecessário de Shoesmith. Este estava sentado à mesa coberta com um pano de oleado, ao centro da sala de estar, com um monte de papéis espalhados à sua frente. A outra zona de trabalho de Kandahar era composta pelas bancadas estreitas do laboratório gelado, pelo que a maior parte das pessoas preferia executar o trabalho menos exigente na atmosfera aquecida da área comunitária.

Na ponta mais afastada da sala, onde ficavam as duas janelas que davam para a encosta de neve, o encarregado da base, Russell Amory, e Niky ocupavam todo o espaço da cozinha. Niki descascava batatas para uma bacia de metal e Russ fazia pão. Rooker pensou que um dos principais atractivos da vida de Kandahar era o pão de Russ Amory.

Cada um deles parecia a antítese do outro. Niki era imensamente alto e de uma magreza cadavérica. Usava um cabelo longo e desalinhado e a sombra de uma barba que não lhe ocultava as faces cavadas. Quando ria, soltando umas gargalhadas estrondosas, repuxava a pele e os lábios delgados, deixando ver um dentes feios que pareciam estar na eminência de saltar das gengivas com mais um safanão da cabeça. Russell era baixo, estava queimado pelo sol e quase não tinha cabelo, à excepção de uns tufo por cima das orelhas. Nesse dia, amarrara um avental branco, que lhe punha em destaque a barriga proeminente.

Russ e Nikolai não interromperam as suas tarefas de descascar e de amassar. Niki deu uma sacudidela ao pulso e lançou uma espiral enorme de casca de batata para dentro da taça.

— A Laure? Já está pronta? — perguntou Rooker da entrada. Não lhe apetecia muito perder tempo a descalçar as botas e a roupa impermeável, uma vez que tinha de sair logo a seguir. Além disso, Russ não gostava que as pessoas patinhassem o chão com neve ou cascalho.

Como se lhe respondesse, a francesa Laure Heber emergiu da porta do dormitório das mulheres. Numa das mãos transportava uma mochila volumosa e na outra um par de botas impermeáveis. Os outros três homens ergueram a cabeça.

— *Merci, Jeeem* — disse com um sorriso. — *Tout prêt.*

Laure tinha o cabelo brilhante e negro, com um corte acentuadamente curto. Colocara nas orelhas uns brincos de pérola e até a camisola de lã estava favoravelmente talhada para lhe fazer sobressair o pescoço longo. Não falava muito, mas o seu hábito de erguer uma das sobranceiras sempre que alguém lhe dirigia a palavra, dava-lhe um certo ar de distanciamento e de cepticismo. Estabelecera-se uma rotina, em que cabia a um deles, em cada

dia, a responsabilidade das refeições e da limpeza da sala e dos quartos, e no dia de Laure esta fizera *boeuf bourguignonne* guarnecido com ervas picadas e uma *tarte tatin*. Os homens tinham devorado tudo. Jochen van Meer beijara as pontas dos dedos, em sua homenagem. O corpulento holandês fizera até questão de a ajudar com a loiça, após a refeição, enquanto os outros se deixavam cair nas cadeiras para verem o DVD do Matrix.

Laure retirou as calças impermeáveis e um anoraque vermelho de um cabide junto à porta, com a etiqueta ‘Heber’, e começou a vesti-los. Em seguida disse para Rooker — Jochen também vem à colónia. Vai ajudar-me a colocar as anilhas nas aves. Consegues levar-nos aos dois?

— Claro — afirmou Rooker. Laure era pequena. Aquilo significava que teriam de se comprimir um pouco, mas ele achava que Jochen não se iria importar.

Já em cima da hora, apareceu van Meer, saindo pela porta do dormitório que ficava no lado oposto. A sala de estar de Kandahar era muito pequena. Havia sempre alguém a passar com um objectivo qualquer, do dormitório para a casa de banho ou da cozinha para a porta da frente. Parecia uma daquelas farsas de teatro, pensava Rook, mas sem a comédia à mistura.

Ao lado da porta existia um quadro branco, com uma lista de nomes e um quadrado por debaixo de cada um. Um visto no quadrado indicava que a pessoa com esse nome se encontrava na base, em segurança. Caso alguém se deslocasse para algum local, escreveria o respectivo destino e a hora estimada para o regresso. Cabia a Phil, nas suas funções de zelador da segurança, e a Rook, como seu substituto, monitorizar a informação registada no quadro. Este percorreu a superfície com o olhar, para apagar a inscrição em que indicara estar a dar assistência no glaciar de Spaatz, escrevendo em seu lugar ‘transporte para a colónia do sudoeste’, acrescentando a seguir as suas iniciais. Iria regressar, assim o pensava, dentro de uma hora.

No fundo da lista, havia um nome novo: ‘Peel’⁵.

Laure e Jochen imitaram-no. Jochen retirou um receptor de rádio da prateleira ao lado do quadro. No quadro, as iniciais ‘TBC’⁶ indicavam que iriam necessitar de transporte, sendo a hora confirmada através da comunicação via rádio.

— Rooker, regressas a tempo para ir buscar a mulher ao navio? — recordou Richard. Os dois cientistas, carregados com as mochilas, as botas e os impermeáveis, avançavam já vagarosamente em direcção ao exterior.

— Salvo algum acidente — respondeu Rook, com ar impassível.

Niki assobiava baixinho, enquanto cortava as batatas e as deitava na panela.

⁵ N.T.: *Peel*, o apelido da protagonista, significa ‘descascar’.

⁶ N.T.: *TBC* = *To Be Continued*, poderia traduzir-se por *em processo*, sendo uma abreviatura utilizada normalmente em inglês para referir algo que irá ter novas sequências.

O céu carregara-se entretanto de nuvens escuras e espessas. A neve adquirira o mesmo tom luminoso de pérola dos brincos de Laure e quase o mesmo aspecto acetinado. Os contornos das brechas e das depressões tinham-se diluído e o vento impelia uma névoa densa a partir do piso macio, fazendo com que Rook franzisse o sobrolho para ver através dos óculos protectores, enquanto se curvava para a frente, concentrava a fazer a curva com a moto de neve. Laure e Jochen empilharam as mochilas no porta bagagens das traseiras, de cabeças curvadas a protegerem-se da brisa agreste, e Laure subiu para a moto, colocando-se atrás de Rook. Este sentiu-a deslizar no assento e notou também a ligeira pressão das suas ancas e coxas sobre o seu corpo, enquanto Jochen se sentava mais atrás. A moto de neve abateu ligeiramente sob o seu peso. Rook olhou por cima do ombro para se certificar de que tudo estava em condições. Para se proteger do vento, ela aconchegou a cabeça de encontro ao abrigo das suas costas, encostando-lhe o queixo à coluna.

— Vais bem agarrada, não é? — O pequeno sinal de aviso em tom sarcástico não teve qualquer efeito, porque o vento lhe arrancou as palavras da boca e as espalhou para longe dali.

Já tinham efectuado antes aquela viagem de quinze minutos até à colónia de pinguins-de-adélia. Rook acelerava, enquanto os delgados flocos de neve se iam depositando na estreita faixa de pele, deixada a descoberto entre o gorro passamontanhas e os óculos.

A colónia de pinguins-de-adélia era composta por mais de um milhar de casais em fase de procriação. Os machos tinham sido os primeiros a atingir a costa, saltitando e deslizando ao longo de um percurso extenso, a partir das margens exteriores do gelo onde tinham passado todo o Inverno, dirigindo-se para os rochedos a descoberto onde poderiam construir um ninho de pedras. As fêmeas tinham chegado a seguir, para um período breve de acasalamento, e em breve iriam ser depositados ali os seus dois ovos. Rook deteve a moto a uma centena de metros dos rochedos e Jochen desmontou, seguido de Laure. Jochen colocou a sua mochila ao ombro, mas Rook pegou no saco de Laure para o levar. Estava extremamente pesado. Ela dirigiu-lhe um sorriso breve de gratidão, do interior do capuz do impermeável.

Ao chegarem ao cimo da elevação, foram assaltados pelo barulho ensurdecidor da colónia. Era um coro consistente e maciço de chilreios guturais. Os rochedos estavam inundados por um maré de cores brancas e negras, à medida que os retardatários procuravam os parceiros do ano anterior ou companheiros novos, e os novos construtores dos ninhos tentavam surripiar as pedras aos casais já ali estabelecidos. Por toda a parte, havia um fervilhar de barbatanas e bicos a cobrir cada centímetro de rocha. O odor era tão intenso quanto o barulho. Sentia-se uma mistura penetrante de pei-

xe, com óleo e guano, que se depositava nas roupas e no cabelo, e até na pele de quem se aventurasse a chegar mais próximo. Numa noite, na base, após ter passado um dia a trabalhar na colónia, Laure enterrara a face nas luvas e exclamara '*Parfum de pingouin*' com tanto prazer, como se se tratasse do Channel Nº 5. Ela adorava tudo quanto se relacionasse com os pinguins e Rook simpatizava com ela por isso. Tinha bastante dificuldade em distinguir as especialidades dos outros cientistas. Em especial a de Shoesmith. Era o homem mais frio que já conhecera. Costumava sentar-se em frente aos seus papéis, com um ar tão impassível como se tivesse sido esculpido em cera.

Rook levou a mochila de Laure até a poucos metros da extremidade da colónia e onde um morro de neve lhes oferecia um pequeno local de visão privilegiada. Sentia prazer em ajudá-la, mas também gostava de observar os pinguins. Havia ali um completo universo de avidez e de ambição, de dedicação e determinação, a preencher toda aquela faixa de rocha nos confins do mundo.

Enquanto os observava, uma das aves voltou as costas ao ninho habitual e, no mesmo instante, dois rivais roubaram cada um a sua pedra e transportaram-na para os ninhos ali ao lado. O dono original virou-se e agitou-se freneticamente num movimento ameaçador, dirigido a cada uma das direcções com o bico aberto de raiva. Rook reparou então em três aves, aparentemente sem companheiro, que marchavam ao longo da neve para vir investigar. Avançaram sem medo, até junto das pontas das suas botas, e depois ficaram ali imóveis, com as barbatanas ligeiramente abertas. Colocaram as cabeças de lado, a observá-lo com os olhos rodeados de círculos brancos, fitando-o sem pestanejar. Passado um minuto, um dos pinguins mergulhou à sua frente como se o esforço da curiosidade o tivesse deixado exausto.

Laure e Jochen retiraram o equipamento dos sacos. Na fase actual, a sua tarefa consistia em sinalizar os locais dos ninhos e em marcar algumas das aves com uma anilha. Mais para a frente da estação, quando as crias já tivessem chocado os ovos e estivessem bem, Laure iria retirar amostras das penas e do sangue para se efectuarem análises ao DNA, em Paris. De acordo com o que Rook se apercebera, um dos seus estudos relacionava-se com a quantidade de metais pesados e de elementos tóxicos que se depositavam na penugem das aves. A acumulação anual dos agentes poluidores poderia assim ser medida e fornecer um bio-indicador preciso sobre os novos níveis de poluição no subcontinente.

Era esse o aspecto essencial do que ela lhe contara, numa noite, ao jantar, no seu inglês perfeito. Ao contrário do que esperaria, ele escutara-a interessado. Para realçar algo relativo ao comportamento dos pinguins, que a intrigava particularmente, ela pousara levemente a mão no seu braço.

Parecia ter-se já estabelecido que todos tinham um lugar certo à mesa, pelo que Laure se sentava sempre à sua direita e Phil à sua esquerda. Shoesmith, naturalmente, ocupava o lugar da presidência.

Laure levava a rede na mão. Descreveu um círculo silencioso ao longo dos ninhos das aves que já tinha assinalado, e a seguir acercou-se habilmente de um dos pinguins, sentado tranquilamente de costas viradas para ela. Assim que o apanhou com a rede, enfiou-lhe um capuz na cabeça. A extinção da luz do dia persuadia-o a permanecer imóvel, conforme ela já explicara a Rook, o que lhe possibilitava colocar a anilha na perna ou introduzir um microship numa barbatana. No seu papel de assistente zeloso, Jochen seguiu atrás dela, e os dois penetraram mais intensamente no universo dos pinguins.

Rooker teria desejado permanecer ali durante mais algum tempo a observar as aves, mas tinha à sua espera o navio e a recém-chegada. Era evidente que Russ ou o próprio Shoesmith poderiam fazer a viagem no Zodiac, só que enquanto este último era indulgente com os outros membros da expedição, em relação a Rooker parecia esperar que este fizesse tudo sob a alçada das suas responsabilidades, sem o apoio de qualquer um dos outros. Por isso, e após confirmar com Jochen se a comunicação via rádio estava em condições, deixou-os entregues ao seu trabalho.

Ao chegar ao cimo do cabo, Rooker avistou o navio de abastecimento já a despontar junto à entrada da baía. Tratava-se apenas de um pequeno cargueiro, dotado de uma proa alta e desgraciosa e de uma ponte de comando atarracada, mas estabelecia um contraste enorme com a água escura e os penhascos ponteados de branco. A cabina e as luzes dos mastros proporcionavam um cenário de luz àquele vazio imenso.

O mar estava a ficar picado devido ao vento, com o gelo a revolver-se devido à ondulação. Não iria ser fácil fazer a viagem com o pneumático. Era muito mais fácil se o navio se aproximasse mais da costa, só que a água da baía era pouco profunda. Esse fora um dos motivos que tinha levado os britânicos a abandonar Kandahar. Durante a estação do Verão não havia águas profundas para o desembarque, e no Inverno o mar gelava e a base ficava inacessível a qualquer barco.

Ou fazia a viagem nesse mesmo instante, pensava Rook, ou a recém-chegada teria de permanecer no navio até passar a tempestade.

Ao passar junto à cabina de rádio-transmissão, numa das extremidades das instalações do laboratório, ouviu a voz de Niki.

— *MV Polar Star, MV Polar Star*, aqui estação de Kandahar. Estão em escuta? Over.

A voz monocórdica do operador da rádio do navio respondia-lhe num som surdo. Rook aguardou até Niki retirar os auscultadores e fazer-lhe um sinal afirmativo com o polegar.

— A senhora está à tua espera.

Rook dirigiu-se em passos largos até às instalações principais e trocou o anoraque por um impermeável cor-de-laranja espesso. A queda no meio daquelas águas rodeadas de gelo implicava a morte em poucos minutos. Ao puxar o fecho, reparou que a mesa estava preparada para o chá, vendo-se ali o pão acabado de fazer por Russell, compota e um prato com pequenos bolos de chocolate. Shoemith andava a rondar por ali, enquanto Russ e Arturo, o pequeno espanhol metuculoso, especializado em climatologia, calçavam botas altas e impermeáveis.

— Vamos dar-te uma ajuda, companheiro — disse Russ.

Rooker pegou num fato impermeável extra. Os três foram-se equilibrando pela descida das rochas, até chegarem a uma praia coberta de seixos, correndo então sobre a amálgama de gelo e de neve na direcção do cais flutuante onde o Zodiac estava acostado. Este batia de encontro às amarras, impelido pelas ondas agitadas. Já com Rook a bordo, Russ e Arturo aguardaram a chegada de um momento de acalmia para darem um impulso ao pneumático negro, lançando-o em direcção às águas mais profundas. Rook desceu o motor de fora da borda e, para seu alívio, este reagiu ao primeiro esticção. Encontrava-se já no meio da corrente de vagas que investiam contra a baía. Uma das maiores bateu-lhe em cheio e quase fazia virar o Zodiac. Deu uma volta com o barco até apanhar o vento de feição e acelerou. O pneumático rugiu e seguiu em frente, com a proa mais elevada que a cabeça de Rook, vencendo as ondas e rumando em direcção à entrada da baía, enquanto o gelo e os salpicos de água lhe fustigavam o chão de borracha.

O ar estava denso com a espuma, a névoa marinha e as gotas de neve. Rook ligou a lanterna potente que trouxera consigo e esquadrinhou as águas agitadas à procura do navio. Descortinou a luz dos mastros a piscar à distância e dirigiu-se firmemente na sua direcção.

Capítulo Seis

Alice estava de pé, apoiada à amurada do navio, com os sacos de viagem aos pés. Já vira a estação à distância – apenas um par de manchas avermelhadas, rodeadas pela imensidão de um vazio hostil. A seguir, as nuvens de neve e o nevoeiro tinham voltado a cerrar-se para ocultar até esse imenso cenário.

A extensão daquele território desolado fê-la sentir-se apreensiva, ainda que ansiasse por este momento, desde que o navio partira do Chile. Ao longo de três dias fora acometida por uns enjoos insuportáveis. Apenas tivera uma visão única e fugaz da costa antártica, através da escotilha da sua cabina, quando esta finalmente surgira, elevando-se tanto como as montanhas. No entanto, agora que chegara o momento de abandonar o pequeno navio e a amável equipa espanhola, estava cheia de incertezas. Apertou convulsivamente as mãos na amurada. A base parecia-lhe tão minúscula e ela sabia como esta ficava tão longe de tudo. Seriam precisos mais de três dias de barco até atingir de novo ao ponto mais a Sul dum continente distante, e a seguir vinte e quatro horas de avião para chegar a casa.

Dois marinheiros lançaram as escadas metálicas para fora do barco. Com o movimento do navio, a plataforma inferior mergulhou profundamente na água gelada, voltando de novo a emergir no meio de uma cascata de espuma. Um dos marinheiros passou o dedo esticado pela frente do pescoço e piscou-lhe o olho. Em resposta, Alice dirigiu-lhe um sorriso débil.

Sobre o troar dos maquinismos do barco, conseguiu distinguir o barulho mais agudo de outro motor. Nesse momento despontava um halo de luz, no meio da névoa branca. Os marinheiros desceram a correr os degraus periclitantes, tão confiantes como se estivessem numas escadas em plena Benidorm. Ao chegaram à plataforma, desprenderam alguns cabos e ficaram a aguardar. Por detrás da mancha de luz, materializava-se um pequeno barco negro, navegando com uma inclinação arriscada. A bordo, um homem alto, vestido com um impermeável cor-de-laranja, descreveu um arco com a cana do leme, fazendo o barco elevar-se sobre a crista de uma onda até acostar em segurança junto à base da escada.

Um dos marinheiros prendeu-o firmemente aos degraus, obrigando o

Zodiac a navegar ao lado do navio. As ondas varriam o pequeno barco e a plataforma, e a água misturada com o gelo regurgitava por toda a parte. O outro marinheiro subiu as escadas a correr, agarrou de supetão na bagagem de Alice e gritou-lhe — *Vamos!* — Ela retirou as mãos da amurada.

Os degraus metálicos eram íngremes e escorregadios. Com as instruções em espanhol e as ordens concisas do homem a bordo, ambas inaudíveis no meio do estridor dos motores e da rebentação, Alice quase se atirava e escorregava ao mesmo tempo para a plataforma. Ficou imediatamente rodeada de água. O homem de cor-de-laranja lançou-lhe o braço e içou-a, enquanto a ondulação elevava o bote como se este fosse o carrossel de uma feira. Quando o barco desceu, Alice lançou-se para o seu interior com um soluço de pânico. As malas foram arremessadas logo a seguir, juntamente com alguns sacos de vegetais sofrivelmente frescos.

Depois de os cabos serem içados, o Zodiac começou a navegar, já libertado do costado do navio.

Sem tirar os olhos da crista branca das vagas, o homem do barco atirou com um pontapé uma roupa impermeável para o sítio onde Alice se encontrava agachada, entre os sacos de cebolas e de pimentos. O frio da água quase não a deixava respirar. — Vista isso — ordenou-lhe ele, sem retirar a vista do mar.

Alice debateu-se para conseguir enfiar os braços pelas aberturas e fechar as fivelas à frente. Uma vaga mais alterosa inundou o barco, lançando-lhe um chuvaireiro de gelo sobre o rosto. Embora já estivesse envolvida na roupa impermeável, sentia-se ensopada até aos ossos. Os dentes tremiam incontrolavelmente.

Atrás de si, da sirene do navio soava em dois toques longos. Do alto da ponte, o capitão e o contramestre desejavam à cientista inglesa *bon voyage*.

O homem do barco erguia-se à sua frente, de pés firmes no chão, com uma das mãos na cana do leme e a outra agarrada a um receptor de rádio. Gritou outra vez, e a Alice pareceu ouvir-lhe dizer *cinco minutos*. Sentou-se atabalhoadamente no chão do barco e rezou para que, decorrido esse tempo, estivessem já em terra ou mortos. Qualquer dessas opções lhe seria indiferente, desde que viesse depressa.

O Zodiac e as ondas corriam a par e passo em direcção à costa. Alice nunca estivera tão longe de casa e jamais sentira, com esta intensidade dramática, os efeitos dessa distância. Nem em vez alguma estivera tão apreensiva em relação ao que se erguia à sua frente.

Tudo acontecera a uma velocidade estonteante. Mal tinha passado um mês desde que fora à delegação londrina de Lewis Sullavan, para ter uma entrevista com o dr. Richard Shoesmith.

As paredes do átrio da Sullavanco estavam repletas de imagens das primeiras páginas dos jornais da empresa, reproduzidas em bronze, a par de ecrãs com a transmissão dos seus programas de televisão em todo o mundo. Por detrás do balcão de recepção de formas curvilíneas em madeira polida, estavam três recepcionistas, todas com sorrisos idênticos.

— A Direcção Polar? Queira subir ao quinto piso. O elevador fica mesmo atrás de si.

O elevador era daqueles que estavam instalados no exterior das paredes dos edifícios e que deslizavam através de um tubo em vidro, o que habitualmente lhe causava vertigens. Ao sair no corredor do quinto piso, a alcatifa pareceu crescer na sua direcção e ela teve de apoiar a mão na parede.

Encontrou a recepcionista da Direcção Polar sentada a uma secretária, com o mesmo aspecto luxuoso e as formas curvilíneas de madeira polida. Na extremidade havia um arranjo de flores, num tom de laranja quente, que a fez recordar-se de Margaret.

— O dr. Shoesmith não vai demorar — informou ela.

Enquanto Alice aguardava, uma secretária trouxe-lhe uma chávena de café. Tudo tinha um ar tão sóbrio, mas distintamente sofisticado, que lhe dava vontade de sorrir. Nada poderia ser mais diferente da desordenação tumultuosa do Departamento de Geologia, ou de qualquer outro organismo que já conhecera. Se fosse a guiar-se pela Direcção Polar, a estação de Kandahar devia estar apetrechada com uma piscina interior e uma manicura residente.

O dr. Richard Shoesmith acabou por a fazer esperar – ao todo vinte minutos. Quando este lhe apareceu finalmente, vindo do seu gabinete, Alice viu à sua frente um homem bem constituído, com talvez mais dez anos que ela. Era bastante atraente, mas notava-se-lhe a sombra de uma rugas verticais, gravadas entre as sobrancelhas que sobressaíam na pele curtida pelo tempo. Ao apertarem as mãos, ele envolveu completamente a mão de Alice na sua. Parecia estar em boa forma física e ligeiramente deslocado no meio das instalações sumptuosas de Sullavan.

— As minhas desculpas, dra. Peel. Estive a falar com os franceses. Como será do seu conhecimento, eles desenvolvem no Sul um programa completo de investigação. A Antárctida tem as suas políticas, tal como existem políticas em qualquer parte do mundo, de resto.

— Claro — concordou Alice, com um sorriso.

Sentaram-se, Shoesmith por detrás da sua secretária e Alice de um dos lados, numa cadeira ligeiramente mais baixa.

— Não tem experiência antecedente na Antárctida — começou ele.

— Nenhuma — respondeu ela, com firmeza.

O seu interlocutor olhava para um conjunto de papéis metodicamen-

te arrumados. Alice conseguiu descortinar algumas cópias dos artigos de investigação que ela publicara, uma cópia do seu curriculum vitae com as habilitações académicas, que enviara a pedido de Beverley Winston, a assistente de Lewis Sullavan. Havia ainda uma excelente recomendação feita pelo professor Levine.

— Hum. Estudos de doutoramento, rochas de carbonato sedimentares, a oeste da Turquia. Leitora de sedimentologia, Universidade de Oxford ... área de estudo proposta...cartografia, análise estratigráfica e datação das formações rochosas sedimentares na proximidade de...Estou a ver. — Richard ergueu subitamente a cabeça para olhar fixamente para os olhos de Alice. — Lewis está muito interessado em contar com a sua participação na expedição.

Alice aquiesceu cautelosamente com a cabeça.

— Talvez me pudesse indicar os seus motivos.

Ela encarou-o de frente. Teria de ser honesta. — O entusiasmo partiu originalmente da minha mãe. Ela foi, é...

— Sim, eu sei quem é a sua mãe.

Era evidente que ele sabia.

Seguiu-se um pequeno silêncio. Shoemith continuava à espera. Alice acrescentou — Pensei muito neste projecto, desde que a sugestão me foi apresentada.

A verdade é que se apossara dela um desejo completamente inesperado.

Este não se relacionava com a pesquisa geológica ainda que, do ponto de vista académico, sentisse ser cada vez maior a sua atracção por um novo domínio, nos rochedos da Antárctida. Nem era sequer por causa de Margaret, embora naturalmente esta estivesse relacionada com isso. Ele provinha muito mais do facto de se querer libertar do canto seguro da sua vida, do lugar que as ilusões desfeitas por Peter tinham deixado vazio e par-dacento, e substituir a desilusão pela descoberta.

Tudo o que conhecia do Sul era em segunda mão, espartilhado pelos livros ou visto através do túnel das lentes das câmaras. Não havia lá qualquer parte da sua própria história, ainda que vivesse rodeada pela história dele. Fechara-se-lhe ao longo dos anos até que Margaret e Lewis, em simultâneo, lhe tinham aberto uma porta. E agora era o próprio carácter longínquo e a página em branco que ali se lhe ofereciam que a começavam a atrair, tão tenazmente como outrora os rejeitara.

Começara a sonhar com a Antárctida, em sonhos agitados, pintados com as cores do gelo e invadidos por tempestades de neve. Acordava desses sonhos aliviada por se ver na própria cama, mas acima de tudo contrariada com os limites da sua vida banal.

Por detrás das janelas fumadas da Direcção Polar, ficava o rio em verde azeitona, polvilhado de barcos de turistas e lanchas da polícia, em conjunto com a catedral de St. Paul e as pontes repletas de movimento, a teia complicada e familiar de Londres. Alice pensava nas ruas que divergiam do centro, nos emaranhados de auto-estradas a passar junto aos aeroportos, na estrada que a iria levar de regresso a Oxford, à casa tranquila em Jericho, onde Pete já não vivia, e nas outras avenidas e nichos de um mundo cheio de agitação. A ida para a Antárctida seria apenas a forma de fugir a algo tão demasiadamente comum, à sua actual desilusão face à realidade?

Ninguém que fosse para a região do gelo voltava igual. Alice ouvira já aquela frase demasiadas vezes, mesmo até a Margaret, o expoente da objectividade. Talvez todos os que se tinham sentido atraídos pelo Sul estivessem a fugir de alguém, ou de alguma coisa, e isso incluiria Richard Shoesmith. Mas também ela corria para lá, cada vez mais depressa, à medida que os dias passavam. O som dos próprios passos estava marcado na sua cabeça, como o rufar de um tambor.

Ela estava pronta para mudar.

Richard Shoesmith esperava a sua resposta. Alice sentiu as pernas a tremer e as mãos húmidas. Cruzou os tornozelos na direcção oposta e pôs as mãos sobre o colo, mas mesmo assim teve a certeza de que ele decifrara um brilho não científico que lhe passara pelo olhar. Já reparara que Shoesmith era um homem atento. — Desejo vê-la com os meus próprios olhos — afirmou.

— Continue, por favor.

Com a percepção de que não era a altura para se referir a sonhos no gelo, ou à ideia de fugir para uma qualquer parte, ela falou sobre a cooperação científica europeia, a geopolítica antártica e a oportunidade ímpar de poder empreender uma pesquisa de imenso valor. Media cada uma das suas palavras, mas estas saíam coloridas pelo seu desejo, o qual lhe transparecia no tom da voz marcado por uma veemência absoluta.

Richard Shoesmith assimilou tudo isso. Enquanto a escutava, manteve a sua expressão impassível, mas pareceu libertar-se de alguma rigidez.

— Trata-se de uma oportunidade que qualquer geólogo agarraria com as duas mãos, dra. Peel. Uma estação completa de trabalho de campo, totalmente subsidiada, a oportunidade de imprimir a sua própria marca ao fazer parte de uma equipa numa estação com um novo espírito.

— Sim, isso é algo que eu valorizo bastante.

Shoesmith pegou numa rocha de aspecto macio, em forma ovóide, e rodou-a entre os dedos, com ar meditativo. Alice conseguia distinguir os contornos distintos da belemnite jurássica em forma de bala, cravada na pedra de areia escura. — Devido ao carácter dos nossos fundos actuais, ao

seleccionarmos a equipa para esta expedição existe a questão inevitável de, como posso dizê-lo, saber quem é e com quem está relacionada.

Olhava para o fóssil e não para ela.

Alice sorriu, antes de lhe responder delicadamente — Acho que ambos entendemos isso.

Porque ela sabia tanto sobre Richard Shoesmith, quanto este sabia sobre ela e sobre a reputação da mãe.

Shoesmith era um nome famoso, mas isso não se devia à actividade do próprio Richard. Este era um paleontólogo. Completara em Cardiff o seu doutoramento, fizera a tese subsequente na universidade do Texas e tinha uma posição de investigador em Warwick, onde exercia actualmente as funções de leitor de paleontologia. Alice pesquisara alguns dos seus trabalhos e lera-os atentamente. Ele tinha efectuado alguma investigação pioneira em matéria da evolução e extinção de alguns cefalópodes e gastrópodes, no final do período cretáceo, mas não adquirira uma reputação especial nessa área.

No entanto, o seu avô era Gregory Shoesmith.

Alpinista, poeta e amador de botânica, aos vinte e dois anos de idade, Gregory fora um dos membros mais jovens a integrar a expedição de Scott à Terra Nova. Distinguiu-se com uma sóbria bravura e dignidade e a montanha de Shoesmith, o pico majestoso que se eleva sobre o glaciar de Beardmore, fora baptizada em sua honra. Mas tinha sido o seu poema, *Lembrem-se Disto, Quando Mais Nada Recordarem de Mim*, que o tornara famoso. Em todas as escolas do ensino primário do século anterior, esse fora o epitáfio da época gloriosa da exploração polar.

Gregory regressara a casa, vindo da região ártica com o que restara da expedição de Scott, e alistara-se quase logo a seguir. Conseguira sobreviver à guerra e fora condecorado com a *Victória Cross*. Enviuvara ainda jovem e voltara a casar por volta dos quarenta anos. Teve três filhos da segunda mulher, o mais novo dos quais fora um oficial de carreira e era pai de Richard Shoesmith. A carreira militar do pai e os seus vários destacamentos tinham levado Richard a diversos pontos do mundo, mas a maior parte da sua educação processara-se em colégios internos.

Alice estava a par de tudo isso. Sabia também, por intuição, que tanto ela como Richard Shoesmith tinham em comum os efeitos da glória e da sombra da reputação das respectivas famílias. Para Lewis Sullavan fazia todo o sentido contar com o neto de Gregory Shoesmith para liderar a sua primeira expedição, como o fazia incluir a filha de Margaret Mather entre os cientistas. *Quem se era*, tal como Richard o referira, dotava-os a ambos de oportunidades invejáveis. E ambos tinham de viver, sem a certeza de que o que tinham adquirido resultara dos seus próprios méritos.

Richard pousou a pedra de belemnite, mas deixou os dedos apoiados

sobre ela, como se isso lhe transmitisse confiança. Reflectiu durante um momento e pareceu então chegar a uma decisão. — Tem disponibilidade para viajar para o Sul com esta brevidade? A maior parte dos participantes vai estar em Kandahar em meados de Outubro.

Em pouco mais de duas semanas.

Alice raciocinou rapidamente. — A minha mãe esteve bastante doente há pouco tempo, mas está a recuperar. Ela é que iria estar aqui se isso tivesse sido possível, e é por não poder concretizar esse projecto que deseja muito que eu vá em seu lugar. À parte os meus pais, não possuo quaisquer outros laços. Poderei estar em Kandahar dentro de um mês, se considerar esse prazo favorável.

Seguiu-se um momento de silêncio. Richard reflectia, com a cabeça dirigida para a vista da cidade, repleta de torres e gruas, acariciando a pedra a cada momento. Na parede atrás de si havia um quadro com uma fotografia aérea, que mostrava uma fatia da costa antártica. Era uma imagem a branco e preto, com o mar numa cor negra de tinta e os picos montanhosos do continente a destacar-se na sua brancura empedernida, contornados com sombras quase tão negras e profundas como as águas. Nos relevos das baías recortadas em forma de U, o gelo era o elemento dominante nos seus turbilhões leitosos, tão diáfanos como uma musselina despedaçada. Àquela distância os glaciares traçoeiros pareciam tão inofensivos como a superfície engranitada de um imenso pudim de leite refrescante e gelado. Algures, na margem daquela península, entre as águas negras e o gelo branco, ficava a estação de Kandahar.

— Tal como lhe referi, Lewis mostra-se extremamente a favor da sua vinda. E eu teria prazer em ir ao encontro do seu desejo.

Alice pensou que esta expressão de concordância objectiva iria ser a sua última palavra, mas ele surpreendeu-a logo a seguir.

— Amo a Antártica apaixonadamente. Sempre a amei, primeiro em imagem e a seguir com base na realidade. É o único sítio, a única coisa que sempre considere ser mais bela que as descrições dos seus admiradores, mais sedutora e traçoeira do que o refere a sua reputação. Nunca a poderemos esquecer e ela nunca irá deixar de exercer a sua influência sobre nós. Espero que para si ela venha a ser assim tão marcante.

— Também o espero — confessou Alice. E a seguir sorriu. Era o seu sorriso largo, raro e de um brilho deslumbrante. — Obrigada.

Richard tossiu e desviou a atenção para um conjunto de documentos que estavam separados sobre a secretária. — No entanto, existe uma série de disposições que terá de tomar antes de se juntar a nós em definitivo. Exames médicos e dentários, e por aí adiante. Beverly Winston vai providenciar para que lhe seja entregue o conjunto de roupas e de acessórios. Tudo o que lhe

for fornecido tem o logótipo da Sullavan Company, bem como a bandeira da União Europeia. Terá ainda de receber alguma formação básica em matéria de sobrevivência. A British Antarctic Survey aceitou amavelmente a fornecer-nos os nossos quatro membros britânicos, no espírito da unidade e cooperação europeias. — Sorriu com frieza.

— Com este prazo tão curto, provavelmente não vai ter a oportunidade de conhecer os outros membros da expedição, em conjunto ou mesmo individualmente, antes de chegarmos todos a Kandahar. Temos um grupo amplo, falando numa perspectiva geográfica. O que de resto faz parte da essência do projecto – não se trata de juntar um pequeno círculo restrito de amigos que passaram todos por Cambridge.

Richard Shoesmith não pertencia a um círculo restrito daquela natureza, concluía Alice. E o mesmo não acontecia com Lewis Sullavan.

— Dispomos de uma equipa completa para toda a estação, formada por dez pessoas. Seis cientistas, a contar consigo, e quatro pessoas para serviços de apoio.

Alice percorreu a lista de nomes que ele lhe estendeu, do outro lado da secretária.

Oito pessoas que ainda não conhecia e com quem iria passar cinco meses, numa cabana debruçada sobre uma orla branca, na distância mais longínqua da terra. Lá fora, em Londres, os barcos do tamanho de brinquedos subiam e desciam diligentemente o rio e os táxis eram disputados pelos homens de negócio para irem almoçar.

— Seis nacionalidades — prosseguia Richard. — Sete, se considerarmos a galesa. Não se trata de uma estação imensa como McMurdo, ou até Rothera. Iremos ser pioneiros numa base antiga e seremos nós próprios quem define as regras, à excepção das de segurança. Estaremos lá para nos ajudarmos mutuamente e cooperar em todos os aspectos, desde a ciência ao entendimento internacional e à limpeza da cozinha da base. Se houver uma tarefa para fazer, seja ela qual for, espera-se que participe na sua execução.

Um fluxo de cor inundava lentamente as faces já coradas de Richard. Aquilo motivava-o, aquela rede forte de um grupo multinacional que trabalhava ao arpejo das convenções comuns, e isso levava Alice a sentir-se igualmente motivada.

— Conhece a nossa história dos Pólos? É claro que conhece. Sabe que a aposta de Amundsen⁷ em relação ao Pólo se relacionava com os interesses da Noruega. Era uma questão de orgulho e de ambição nacional. Já Scott ambicionava conquistar o Pólo, claro, mas a verdadeira razão das suas expedições, o ideal pelo qual ele e a sua equipa lutaram e arriscaram a vida, eram

⁷ N.T.: O explorador norueguês Ronald **Amundsen** foi o primeiro homem a chegar ao Pólo Sul, em 14 de Dezembro de 1911. Amundsen disputou a obtenção desse marco com Robert Scott, o qual acabou por morrer na viagem de regresso, com parte dos seus companheiros.

a exploração e a descoberta científicas. Nós estaremos lá, igualmente, pelo bem da ciência.

Constatava que Richard Shoesmith era um cientista de uma ponta à outra. Devia ser um investigador meticoloso e obstinado, mas não conseguiria certamente escrever um poema com uma tal paixão que viesse a inspirar duas gerações, tal como o fizera o seu avô, o amante da botânica. Alice sentia que a boa impressão e a simpatia em relação a ele estavam a aumentar.

— Sim — anuiu.

A reunião estava a aproximar-se do fim. Falaram mais alguns minutos sobre aspectos práticos relacionados com os preparativos e a viagem, e em seguida Alice levantou-se e Richard acompanhou-a até à porta. Estavam a apertar a mão, quando ele lhe perguntou — Tem disponibilidade para almoçarmos?

Passavam vinte minutos do meio-dia e combinara encontrar-se com Becky à uma da tarde, num bar em Clerkenwell. — Lamento. Ia agora encontrar-me com uma amiga.

Ele não tinha obrigação de a convidar para almoçar. Isso não estava incluído no processo de selecção. Estava a perguntar-lho porque isso lhe interessava. Ambos o sabiam. Ela sorriu-lhe de novo.

— Claro. Bom, então desejo-lhe boa sorte nos exames e em tudo o resto. Voltaremos a falar.

— Sim. Obrigada pelo seu convite para participar na expedição. Estou ansiosa por começar.

Quando os olhos dos dois se encontraram pela última vez, ambos deixavam transparecer que esta tinha sido uma declaração ridiculamente supérflua.

Becky já estava à sua espera. Entrelaçara as pernas no banco do bar em metal martelado e tinha uma bebida ao seu lado, inclinando a cabeça sobre o *Evening Standard*. As madeixas de cabelo macio pendiam-lhe para a frente, formando uma cortina a emoldurar-lhe o rosto: Ao erguer a cabeça, avistou Alice. — Como correu? Espera, eu consigo perceber. És a rainha do pólo. Vais mesmo para lá? Meu Deus, Al, tu *vais*. Anda, vamos brindar a isso.

Alice ria-se. Ainda não conseguia respirar descontraidamente. — Vou — confirmou, com um ar desfalecido. — Mal consigo perceber como tudo aconteceu, mas vou.

— Por quanto tempo?

— Cinco meses. A estação de Verão. Parto no final de Outubro e regresso em Março.

À sua frente materializou-se uma bebida. Um copo alto com gelo e

uma palhinha de cores festivas. Sorveu-a demoradamente e quase sufocou com a intensidade do sabor. O álcool inebriou-lhe de imediato os sentidos.

Becky vestia uma camisa de estilo militar, com bolsos, botões e dragonas, mas o tecido era contraditoriamente de cetim coleante. O modo como a luz ali incidia e se reflectia em diferentes cambiantes prendeu a atenção de Alice. Recordou-se que Pete costumava associar as cores à comida ou ao sexo.

Olha para esta cor-de-carmim, repara neste amarelo-açafrão. Não queres comê-lo? Não sentes o desejo de o *lamber*?

— Alice? Tu está bem?

— Sim, estou ótima. Preciso só de me habituar à ideia.

— Então vamos falar sobre isso. Conta-me tudo. — O interesse de Becky sobre a vida das outras pessoas era tão intenso como o que dedicava à sua própria vida.

Alice falou-lhe de Richard Shoesmith, da lista de nomes e da partilha de trabalhos, e de tudo o que tinha de fazer antes de poder partir. Ao mesmo tempo, pensava que deixava para trás tudo quanto conhecia, para ir para um sítio ao qual tinha sempre voltado deliberadamente as costas, desde que se lembrava.

Acontecerá o mesmo na vida das outras pessoas, pensava ela? A partida, a mudança e a aleatoriedade que pareciam nunca a ter afectado a ela, mas apenas às pessoas que conhecia? E ainda a série de acontecimentos e coincidências que se tinham cruzado uns com os outros, e a sensação de que o que era impossível num momento se tornara inevitável no outro?

— E em relação à casa? — perguntava Becky.

— Oh, vou deixá-la durante o próximo ano académico – respondeu Alice, decidindo nesse preciso momento. — Talvez acabe por viajar durante alguns meses, quando regressar. Seria uma pena não o fazer, não achas? Nunca estive na América do Sul.

Becky olhava para ela. — E em relação a Pete?

— Não há muito a dizer. Ele já se mudou.

— Só isso?

Enquanto Margaret estivera gravemente doente, Alice tinha ficado na casa de Boars Hill. Pete telefonava uma e outra vez, e ao ver que ela não queria falar com ele, tinha aparecido subitamente, numa tarde, no seu gabinete. Ao levantar a cabeça da secretária, deparara com ele no limiar da porta. Ou com uma versão dele, com a barba mais desmazelada do que era costume e o cabelo ainda mais desalinhado e alvoraçado. Trazia um ramo de rosas, em vermelho escuro.

— Pete, não faças isso.

— O que posso eu fazer? — perguntou-lhe ele. — Não me queres ver, recusas-te a falar comigo. Não me deixas explicar aquilo que aconteceu.

Olhou à sua volta, para enfiar de seguida as flores num jarro que ela usava para regar as plantas dos vasos. Atirou-se para a única cadeira vazia e colocou a cabeça entre as mãos. O cabelo erguia-se hirsuto, como se tivesse passado os dedos por ele, vezes sem conta, num desespero permanente. É claro que Pete iria transformar a rejeição no amor, numa peça de arte performativa. De acordo com os seus princípios, iria deixar de se barbear, comer ou dormir.

— Não consigo dormir. Perdi o meu apetite. Alice, isto não tem *graça*. Porque tens de ser tão exasperantemente empírica em tudo? Eu amo-te e sinto a tua falta, e é isso o que importa. Quero que voltes para casa.

— Pete, eu fui ao teu atelier e vi-te no meio de uma cena de sexo oral com uma das tuas alunas. A mesma com quem te tinha visto no rio e a mesma que estavas a beijar na nossa festa. Por outro lado, Harry viu-te num pub, próximo de Bicester, a beijar uma pessoa inteiramente diferente...

— O quê? Não me parece que isso seja possível. Em dez anos nunca estive num sítio próximo da maldita Bicester.

— ...sou empírica se interpretares assim a minha reacção em sequência à minha observação. De que outra maneira poderia reagir àquela evidência? “Oh, vejam, está ali Peter com a Georgia. Aquilo que ele está a fazer é uma prova do seu amor por mim”.

— Não consigo suportar esse teu modo assim tão sarcástico. Isso não condiz contigo.

— De facto, já deixou de me interessar aquilo que consegues ou não suportar em mim.

— Alice, *por favor*. — Ergueu-se e aproximou-se dela. Enlaçou-a e tentou puxá-la para si. Depois, rodeou-lhe a cabeça com a palma da mão e acariciou-lhe o cabelo. Teria sido fácil, sabendo como sentia tão intensamente a falta do seu calor e do seu cheiro, entregar-se, enterrar a cabeça no seu ombro e fingir que acreditava nele. Mas tudo não passaria de uma farsa e Alice preferia os factos objectivos às especulações mais coloridas e persuasivas em relação à verdade.

— Quero que te mudes. Vou ficar em casa dos meus pais, até o fazeres. Dispões do tempo que precisares para encontrar outro sítio, mas esse é o meu desejo.

O rosto dele mudou de expressão.

Sob a capa do remorso existira uma autoconfiança, porque ele partira do princípio que ia conseguir demolir as suas resistências. Ao constatar isso, Alice sentiu-se ainda mais abatida. Se ele assim o pensava, era óbvio que Pete nunca a tinha conhecido verdadeiramente. Tinham partilhado uma

cama e construído uma casa e uma vida juntos, e mesmo assim ela poderia ter sido uma estranha, ou Georgia ou a mulher do pub. Aquela sensação deu-lhe vontade de chorar, mas também não podia dar largas a esse impulso. Olhou para ele, de ar inflexível e com os olhos secos.

— Estou a ver — disse ele, finalmente.

Pelo menos, a partir dessa altura, deixara de argumentar com ela. E em dois dias arrumara as suas coisas e abandonara a casa. Deixou-lhe uma mensagem na mesa da cozinha, presa num canto pelo bule ainda meio cheio de chá frio. Na mensagem dizia que a amava, ainda que tivesse uma forma estranha de o demonstrar e que, pelo seu lado, não encarava aquilo como o fim da relação entre os dois. Alice fez uma bola com a folha de papel e lançou-a para o balde de lixo da cozinha.

— Sim, é só isso — respondeu a Becky.

— Lamento, minha querida. Acho que ele te fez feliz. Foste feliz durante todo esse ano. Rias-te constantemente e não encaravas as tuas responsabilidades com o ar sério com que o costumavas fazer. Pete fez-te um pouquinho mais frívola.

— Eu sei disso.

Tinham encomendado os pratos e estes estavam agora à sua frente. Sentindo uma fome devoradora, Alice pedira atum no forno com sementes de sésamo e macarrão. Reparava, nesse momento, que havia sementes de sésamo na sua roupa e que estas lhe pareciam pequenos miriápodes. Estava convencida de que se os visse ainda mais de perto, iria conseguir distinguir os filamentos das pernas. Cortou muito resolutamente um pedaço do peixe, enrolou-o nos fios da massa e colocou-o na boca. A comida tinha um gosto estranho a metal.

— Alice, tens a certeza de que estás bem?

— Sim, claro que estou. — Sorriu para Becky. — Aprendi a ser frívola. Já consegui ultrapassar a situação. Não preciso de Pete e das suas velharias. Estou prestes a largar tudo, na perspectiva de ir vaguear uns meses para a Antárctida, não é?

— Para mim, não me parece que isso tenha a ver com descontração e impulsividade. Soa-me a algo penoso e bastante perigoso

— Mas vou ter a hipótese de estudar rochas sedimentárias com 400 milhões de existência, que até agora quase ninguém viu. Vou andar vestida com um fato de explorador masculino, aprender a conduzir uma moto de neve, a conseguir salvar-me sozinha de uma fissura e, quando os dias correrem realmente bem, irei dedicar-me à limpeza da cozinha da base. Foi o dr. Shoesmith quem mo prometeu. — A sua boa disposição era, pelo menos, convincente para si própria.

— Oh, Deus — exclamou Becky, com um sorriso amarelo.

Através da abertura das sandálias Christian Loubotin, viam-se-lhe distintamente as unhas dos pés. Estavam pintadas com um rosa pérola, suave e luminoso, e cada unha tinha sido delicadamente rematada com um círculo branco. As pernas eram macias e bronzeadas e as unhas das mãos também tinham passado pela manicura. Nas orelhas viam-se pequenos brincos de diamantes e tudo nela dizia *perfeito*. Olharam uma para a outra e desataram a rir.

Alice apercebeu-se de que já terminara a bebida e que bebera a maior parte do gelo já derretido.

— Pedimos mais duas?

— Infelizmente tenho de trabalhar esta tarde. Mas não quero saber. Vou beber uma taça de vinho — decidiu Becky. — Tu vais regressar de lá a *salvo*, não vais?

— Vou — prometeu Alice.

Ninguém voltava igual ao que fora, recordou-se.

— Como vai a Jo? — perguntou Becky.

Beberam o vinho e Becky terminou o seu prato. Falaram sobre Jo e os bebés, e sobre se Vijay seria exactamente, ou apenas satisfatoriamente, o homem que Becky procurava. Nada daquilo diferia das dúzias de almoços que ela e Becky tinham partilhado ao longo daquele ano, mas Alice sentia-se ligeiramente longe dali. Nos seus ouvidos havia uma voz, um turbilhão de sílabas. *Antárctida*.

Da sua cadeira de espaldar alto, ao lado da cama, Margaret avistou Alice a caminhar pela enfermaria, na sua direcção. Não queria que a filha descobrisse como estivera ansiosamente à sua espera, pelo que se permitiu apenas um olhar rápido, antes de dobrar compenetradamente o jornal sobre o colo. Mas num só segundo conseguira ver que ela estava mais corada e tinha o rosto aberto como uma flor ao sol. As novidades deviam ser boas.

Um fluxo de memórias tomou conta de si e aliviou-lhe a visão da enfermaria abafada. Tinham passado quase quarenta anos exactos em que se sentira tal como Alice estava agora: prestes a iniciar os principais anos da sua vida, com a vasta imensidão da Antárctida à sua espera. Mesmo nesse momento, em que as dores lhe dominavam as articulações, conseguia recordar-se da sensação de estar deitada numa tenda com o vento a assobiar de encontro à lona, ou de olhar extasiada para a garganta azul e voraz de uma fissura, com a ponte de neve a ameaçar desmoronar-se sob o sol do fim da estação. A Antárctida era um local penoso e perfeito. Havia um sabor áspero a inveja na boca de Margaret, e esta frisou para si própria que era

absurdo sentir inveja naquela idade. Alice regressaria em seu lugar. Através de Alice, ela iria viver na Antártida mais uma vez.

— Finalmente chegaste. Por onde andaste tu, quando estou morta por ouvir tudo o que se passou? Senta-te. Não, espera. Podias pedir àquela rapariga para nos trazer um chá, não te parece?

Alice beijou Margaret no alto da cabeça, onde se percebia a pele rósea e brilhante do crânio, através das madeixas do cabelo já a enfraquecer. — Quer tomar chá, antes de eu lhe contar?

— Não sejas tão exasperantemente maçadora. Poupa-me o sofrimento.

— Sim. Eu vou. Está contente?

Com a satisfação, o rosto Margaret amoleceu por momentos, enquanto se adensava o emaranhado de linhas delgadas sob os seus olhos. — Que bom — comentou serenamente, voltando a controlar a sua expressão.

Alice sentou-se e Margaret escutou-a atentamente, enquanto ela lhe descrevia a hora que tinha passado com Richard Shoesmith.

— Conheci o avô, sabes? — informou Margaret.

Gregory Shoesmith era um homem já idoso, sentado com uma manta escocesa sobre os joelhos e a bengala encostada à cadeira — *tal como eu, agora. Para onde fogem o tempo e as forças?* — Mas segurara-lhe a mão entre as suas, e inclinara-se, até os rostos quase se tocarem. Depois dissera — ambos fomos uns privilegiados. Vimos lugares que nunca iremos esquecer. — Assistira à guerra e a muitas mortes, e tivera uma vida longa, mas o gelo preenchia os seus pensamentos. Mesmo já velho, era um homem cheio de força.

Alice não ficou surpreendida. — A mãe conheceu toda a gente.

Margaret escutava-a, acenando com a cabeça a cada passo do que Alice ia relatando, mas estava dominada por uma massa fervilhante de memórias. Estas rodopiavam ao seu redor, cada vez mais velozes e densas como uma tempestade de neve. Alice iria herdar aquelas memórias. Seriam diferentes nos seus aspectos concretos, mas feitas da mesma matéria. Era como se houvesse a transmissão de genes de mãe para filha. A Antártida foi feita para mim, pensava Margaret. E será também feita para a minha filha, e Alice precisa dela. Foi sempre muito controlada e agora vai florescer.

Margaret não sentia receios pela filha, tal como não os tivera em relação a si própria.

A chuva começara a cair e escorria pelas janelas em regatos grossos. Aquela visão fazia-a a sentir os olhos turvados. Para contrariar a sensação, olhou para baixo, para as mãos pousadas sobre o cobertor azul macio que lhe cobria os joelhos. Para ela era sempre surpreendente constatar que aqueles apêndices rugosos e de veias salientes, com articulações inchadas e man-

chas acastanhadas eram as suas próprias mãos, antes tão fortes e hábeis. Por vezes, as dores nas articulações e no peito pareciam também pertencer a outra pessoa que se debruçava sobre ela, e de cujo fardo ela se conseguia libertar e distanciar ligeiramente.

Alice falava-lhe agora sobre testes médicos.

— Não te preocupes com isso — tranquilizou-a Margaret. Alice era tão jovem, movia-se tão espontaneamente e com tanta confiança. — Tu és exactamente como eu. Como eu era. Forte como um cavalo.

— E menos espantadiça. — Alice sorria. — Que um cavalo, claro.

Margaret sentia-se cansada. Desejava deitar-se e fechar os olhos, e pensar no que tinha feito e no que Alice iria fazer.

Alice percebeu isso e levantou-se, fingindo olhar para o relógio. — Amanhã, volto cá.

— Faz isso. Há muitas coisas que tens de saber.

Despediram-se com um beijo.

— Estou contente, mãe. Estou contente por ir.

— Ainda bem — afirmou Margaret. Ao mesmo tempo pensava, posso ser velha, mas não sou pateta. Eu sei o que é preciso para nos sentirmos lá bem e tu tens isso, minha Alice. És mais parecida comigo, que aquilo que queres admitir.

Tinham-se seguido três semanas a um ritmo febril. Alice conseguiu tratar dos assuntos necessários, mas estes absorveram todo o seu tempo. Consultou o dr. Davey, que era o médico da família desde que ela nascera.

— Nunca tiveste doente na tua vida, nem um só dia, minha querida. Não preciso de te mandar fazer um rol de exames caros para saber que te encontras em perfeita saúde.

Em seguida, foi colocando um visto numa longa lista de perguntas, escreveu umas linhas no fim e assinou o atestado médico. Alice assinou por baixo e enviou-o a Beverley Winston.

Deslocou-se ao seu dentista e este fez-lhe um exame a todas as obturações. Foi a Londres para levantar o seu equipamento polar de um armazém de Sullavan, junto à Via Circular do Norte. Este foi-lhe entregue por um homem com uma forte constipação, que lhe disse ter passado seis estações de Inverno no gelo. Deparou com uma pilha surpreendente de abafos feitos em lã e tecido impermeável polar, destinados ao interior e ao exterior, todos identificados com a bandeira da UE e o logótipo da Sullavanco, tal como Richard lhe descrevera. O anoraque vermelho de protecção máxima tinha um aspecto maciço, ostentando nas costas um grande rectângulo com os dizeres “1ª Expedição à Antárctica da UE”. À frente havia uma fita aderente em *velcro* que dizia simplesmente “Peel”. Recebeu um par de botas com

forro impermeável. E também um gorro passamontanhas que lhe cobria toda a cabeça e o pescoço, deixando unicamente à mostra a faixa estreita dos olhos. O armazém estava aquecido e só o trabalho de provar toda esta indumentária deixou-a a transpirar, sentindo o suor a correr-lhe até ao fundo das costas.

— Boa sorte — desejou-lhe o homem da constipação, quando ela se afastou esmagada sob o peso do novo guarda-roupa.

Passou por Cambridge, para um curso de integração de três dias que a British Antarctic Survey costumava ministrar às próprias equipas, quando estas partiam para as expedições, sendo então alvo da curiosidade e da inveja.

— Ouvi dizer que vocês dispõem de fundos ilimitados — comentou, com ar despeitado, uma climatologista de cabelo cor de areia. — Enquanto nós temos de nos candidatar a cada saco de amostras e às rações de campo.

Um homem de blazer e gravata riu-se, debruçado sobre a caneca de cerveja. — Sullavan vai precisar de gastar uns quantos milhões para voltar a pôr Kandahar novamente de pé. Há quanto tempo abandonámos aquilo?

— Ele nem vai sequer reparar, custe o que custar. Um bocadinho diferente daquilo que nos espera, não é Jack?

Os homens da BAS riram estrondosamente e Alice sorriu delicadamente.

Assistiram todos a conferências relativas aos perigos das ulcerações causadas pelo frio, às deslocações nos glaciares e à eliminação ecológica em matéria de desperdícios. Sucederam-se igualmente aulas práticas sobre montanhismo e sobrevivência. Trevor ensinara a Alice os princípios básicos da escalada nas rochas, quando os dois passavam férias nos Alpes. O instrutor perdeu um pouco o ar paternalista quando percebeu que ela sabia colocar um arnês de escalada ou fazer um nó de oito numa corda.

Os preparativos absorveram-lhe as atenções a um nível; noutra, ela olhava para a sua própria agitação como se se tivesse tornado numa estranha. Até o corpo lhe parecia ligeiramente desconhecido. Perdera o apetite, e quando se sentava para tentar reflectir, entre o trabalho, as reuniões e as listas, dava por si quase a adormecer. Associava esse estado à actividade demasiado intensa, a uma ansiedade extemporânea em relação a Margaret e talvez a uma reacção à ausência de Peter. Este surgia frequentemente no seu pensamento, mas não o queria ver e nem sequer sabia onde ele agora vivia.

E a última semana chegou. Os bilhetes para a complicada viagem de avião até ao Sul, foram-lhe remetidos pela Direcção Polar e ela enfiou o envelope na pequena prateleira junto à lareira do seu quarto. Empacotou e voltou a empacotar os seus livros e roupas nos grandes sacos cor-de-laranja que lhe tinham sido fornecidos para esse propósito. A casa estava limpa e

vazia – tudo o que não necessitava de levar para a Antártida tinha sido colocado num armazém e os inquilinos iriam ocupar a casa no dia em que partisse. Parecia estranho desviar o olhar das salas nuas, para observar o céu de Outubro que se via das janelas e pensar que ia estar ausente durante todo o Inverno. Quando voltasse, as árvores estariam já a revestir-se de folhas novas. Observava, com ar confuso, os estudantes que enchiam as ruas, imaginando-os já com um ar de pessoas experientes na altura do seu regresso.

Dois dias antes de partir, Jo e Becky ofereceram-lhe uma festa de despedida em casa de Jo.

— Achas que consegues aguentar? — perguntara Alice, apreensiva.

— As coisas estão a melhorar bastante. Ontem à noite, Charlie acordou apenas uma vez e Leo duas. Houve duas horas inteiras em que nós os três conseguimos estar a dormir ao mesmo tempo.

Foi uma boa festa, embora diferente.

Alice tinha vestido a roupa interior térmica, o passamontanhas e as enormes botas impermeáveis, até se sentir demasiado abafada debaixo daquela indumentária, refugiando-se atrás do sofá de Jo para a tirar. Ao despir a abafada camisola interior, expondo momentaneamente o seu melhor soutien de renda preto, que encolhera na lavagem e deixava ver uma parte considerável da linha dos seios, olhou para cima e deu de caras com Pete. Os olhos deste percorriam o seu corpo. Tinha feito a barba e, à parte a sua expressão melancólica, estava com o aspecto de sempre.

— Foi a Jo...? — começou Alice, pensando que preferia ter sabido que ele ia aparecer.

Pete abanou a cabeça. — Não. Não fui convidado, mas vim à mesma e Harry não me fechou a porta na cara. Estás linda. Deves sentir-te tremendamente entusiasmada.

— Oh, Pete.

Ele estendeu-lhe os braços e ela hesitou, deixando-se depois envolver por aquele abraço.

— Danças? — perguntou-lhe ele.

Alice assentiu com a cabeça e eles deslizaram sobre o soalho de madeira polida e escura de Harry. Tinham sempre acertado bem um com o outro quando dançavam, pensava ela.

No final da noite, Pete ainda lá se encontrava, depois de a maior parte dos convidados se despedir de Alice com um abraço e uma série de recomendações para regressar a casa sã e salva. Não bebera muito, falara com toda a gente e era frequente ouvir-se um coro de gargalhadas à sua volta. Quando queria, conseguia ser sempre o centro das atenções. Ainda que não o desejasse, Alice seguia-lhe as deambulações pela sala e ouvia-lhe a voz a

sobrepor-se à algazarra da música. O passado ficara para trás, o futuro era uma incógnita e o presente resumia-se apenas a esta margem estreita e momentânea entre o sentimento e o desejo. Suspeitava que a sua lucidez, desde sempre o seu melhor trunfo, a abandonava de modo inexplicável.

E chegara a hora de ir para casa. Tinha recebido uma mão cheia de presentes simbólicos com desejos de boa sorte, e entre eles muitos ursos polares, ainda que os verdadeiros ursos polares mais próximos da Antártida vivessem no Ártico.

Becky beijou-a, segurando-lhe por momentos a cara entre as mãos. — Regressa depressa, Rainha do Gelo, ouviste?

Agora que o momento tinha chegado, parecia que ele se iria prolongar para todo o sempre. Alice sorriu o mais confiantemente que pôde. — Serão seis meses, ou sete, no máximo. Vou estar de volta, mesmo antes de darem pela minha falta.

Jo e Harry estavam à entrada, com a luz a projectar-se para lá do pórtico, no meio da escuridão. A casa estava repleta do calor e das gargalhadas da noite. Alice sentia-se prestes a abandonar um círculo de amizade e de intimidade.

Jo deu-lhe também um beijo.

— Que passes uns tempos maravilhosos e emocionantes. — Estava com inveja. Alice conseguia entendê-lo. Jo gostaria também de poder ir, mas encontrava-se presa à sua casa, por causa dos bebés e de Harry. Será que eu gostaria de trocar de posição? Pensava ela. Sim, concluiu, ao pensar no cenário desolador da sua própria casa já vazia, à excepção dos últimos caixotes arrumados à entrada, mas ainda assim com Pete junto dela, como se os seus problemas nunca tivessem existido.

— Boa sorte, Al. — Jo, Becky, Harry e Vijay estavam ali a despedir-se. Alice olhou para trás, para aquela cena, e arquivou-a no seu pensamento.

— O Pete acompanha-me a casa — disse-lhes e todos assentiram com a cabeça, acenando-lhe e compreendendo perfeitamente.

Foram no carro de Alice, com esta ao volante, mas ele saiu do carro assim que chegaram, para lhe abrir a porta. Seguiu-a pelo carreiro familiar, tirou-lhe as chaves da mão e abriu também a porta de frente. Ficaram hesitantes, ligeiramente virados um para o outro, e Pete ergueu-lhe o rosto na direcção do seu. — Como desejava que me deixasses dizer quanto estou arrependido.

— Podes dizê-lo. — A voz embargara-se na garganta.

— Desejava que me deixasses mostrar-te o quanto estou arrependido.

Alice ergueu a mão. Pretendia fazer um gesto de dissuasão, mas os dedos pareciam derreter-se. Resvalaram sobre o decote da blusa, que lhe parecia apertá-la demasiado como ali só lhe coubessem os seios, e depois deixou-os descair sobre o ventre. Parecia que na sua pele se desenvolvera

um milhão de centros nervosos.

Porque não? Pensava ela.

Porque não só uma vez mais, depois de tantas outras vezes?

— Em despedida? — murmurou.

Pelos olhos dele passou um clarão de triunfo, que se extinguiu no mesmo momento. Mas estás enganado, o triunfo é verdadeiramente meu, pensou ela.

— Se é isso o que realmente pretendes dizer — respondeu ele.

Seguiu-a para dentro de casa e fechou a porta atrás de si.

No quarto, as prateleiras, o tampo da cómoda as mesinhas de cabeceira, tudo se encontrava vazio. Os sacos de viagem de Alice, com a bandeira e o logótipo, estavam encostados à parede.

Pete deslizou com as mãos no seu corpo, acariciando-lhe os seios, e puxando-lhe os quadris de encontro aos seus. — Estás diferente. Estás mais encantadora — murmurava ele.

Estarei? Nem eu mesma me consigo reconhecer, pensou ela.

Mas o seu corpo recordava bem aquele movimento íntimo, que agora se intensificava ainda mais. As relações sexuais entre os dois tinham sido sempre emotivas, activas e quase invariavelmente satisfatórias, mas nessa noite foram muito mais longe do que isso. Na ausência da intimidade e da verdade, ambos estavam expostos e insaciáveis.

Mais tarde, Pete descansou a cabeça contra o seu coração, escutando-lhe o seu batimento. Ela apoiava-lhe levemente a mão na cabeça. Sentiu os seus membros a tornarem-se cada vez mais pesados, enquanto ele adormecia lentamente.

Obtive exactamente aquilo que queria, pensava ela, sem medir se isso o iria afectar ou não.

Nunca lhe passara pela cabeça a noção de vingança e não era isso o que sentia, mas havia ali alguma simetria.

Fechou os olhos e pensou na longa viagem à sua frente e no gelo que a aguardava no seu final.

De manhã, Pete sentou-se na cozinha a tomar chá e a observá-la. Alice fazia torradas com o que restara do pão de forma, tirando a seguir as migalhas da caixa do pão e limpando o seu interior com um pedaço de papel do rolo de cozinha. Iria passar essa noite, a sua última noite em Oxford, em Boars Hill, com Margaret e Trevor.

— Posso retirar o teu prato?

Ele olhou para Alice e esta devolveu-lhe o olhar com firmeza.

— Vais para tão longe por minha causa? — perguntou ele.

Ela sorriu. — Não, Pete. Vou por minha causa. E em parte por causa de Margaret.

Peter suspirou. Ergueu-se e olhou em redor, para a cozinha. — Fiz uma bela obra com aquelas prateleiras.

Estas tinham vindo embaladas do Ikea. Ele montara-as e fixara-as à parede.

De súbito, Alice deu uma gargalhada. Sentiu um assomo de felicidade. Tudo ia correr bem. — Sim, fizeste — concordou suavemente.

— Acho que é melhor voltar para o atelier. Sabes que ainda ando a trabalhar na *Desiderata*?

Era a escultura com a cabeça de polietileno.

— Como está a correr o trabalho?

— Parece-me que lhe detecto alguma rebelião.

— Estou a ver.

Foi a vez de Pete dar uma gargalhada, com os olhos franzidos e deixando ver o interior da boca vermelho. — Minha querida Alice. Aquilo que vês são números e gráficos.

— Então não mudei assim tanto.

Ele retomou o ar sério. — Acho que talvez tenhas mudado. A *Desiderata* vai estar terminada quando regressares a casa. Nessa altura gostaria de te mostrar. Poderemos falar sobre ela.

— Se eu encontrar a linguagem certa.

Ele assentiu com a cabeça, sem compreender realmente a sua reserva. Ela acompanhou-o até à porta e ele depositou-lhe um beijo de despedida suave, sobre os lábios.

— Ainda somos amigos, Alice, não somos?

— Sim, somos — tranquilizou-o.

Margaret tinha passado um longo tempo na cama, desde que saíra do hospital e voltara para casa, mas nesta noite levantara-se e vestira um fato de casaco e calças, com um lenço leve, em verde-esmeralda, a rodear-lhe a cabeça. Ela e Trevor, num trabalho de parceria, tinham até preparado uma ementa de pernil de porco com beterraba. Trevor acendeu as velas dos castiçais, na sala de jantar raramente utilizada, e Alice trouxe a comida numa travessa da melhor louça de porcelana que havia em casa. Era uma noite festiva.

Trevor ergueu a sua taça de vinho e propôs um brinde. A luz do castiçal fazia resplandecer a sua cabeça calva. — Às minhas duas heroínas da Antárctica. Sinto-me muito orgulhoso de ambas.

Margaret bateu as palmas. Com um ar tão excitado como se fosse uma criança, obrigou Alice a contar-lhe tudo sobre os preparativos finais. Ouviu-a com uma atenção extrema, acenando em aprovação no tocante aos blocos de apontamentos e às etiquetas, e à selecção complicada dos livros e

dos CDs. Comeu muito pouco, mas estava mais animada que alguma vez a tinham visto nas últimas semanas.

— O que sabes tu? Não tens a minha experiência polar nem a de Alice — disse ela a brincar, quando Trevor se intrometeu com uma deixa.

— Graças a Deus que assim é. Não podemos ir todos para os confins do mundo, não é verdade? Dar-me-ei por satisfeito quando Alice regressar a casa. Como sempre fiquei quando tu voltavas, minha querida.

Os olhos de Margaret brilhavam cheios de recordações. Lembrava-se das reuniões e daquilo que as precedera. Ao observá-la, Alice teve uma ideia ainda mais profunda de como o pai se deveria ter sentido, há tantos anos atrás. Não tentara ir atrás da mulher até ao Sul, ou impedi-la de fazer aquilo em que ela era realmente competente, só porque isso não o incluía ou não se reflectia sobre ele. Limitara-se a dar um passo atrás e a oferecer-lhe espaço. Como dizia o velho ditado? Se queres conservar alguém, primeiro dá-lhe liberdade? Meditou por momentos sobre se seria isso o que estava a fazer em relação a Pete, e riu-se para si própria. Aquilo que estava a fazer era a libertá-lo, ponto final, parágrafo. A Antárctida ocupara o seu lugar.

No dia seguinte, ia iniciar a sua viagem. A vastidão inimaginável e o fascínio do gelo prendiam-lhe a respiração e levavam-na a estremecer de ansiedade. Questionava-se se a mãe também sentiria o mesmo e, ao olhar para o rosto de Margaret do outro lado do castiçal, teve a certeza de que era exactamente assim.

Havia em Margaret um halo secreto de prata e de azul-cobalto, forjado no que ela vira e no que fizera. Talvez agora conseguisse aprender a conhecê-la melhor.

Trevor sentava-se calmamente entre as duas, a comer e a beber o seu vinho.

Apenas quando a refeição terminou e Alice acabou de arrumar a mesa é que repararam no grande cansaço de Margaret. Trevor apagou as velas e Alice ajudou Margaret a subir lentamente as escadas. Sentou-a na cama, para lhe descalçar os sapatos e retirar-lhe as meias. Estava com os pés gelados e Alice esfregou-os para reactivar a circulação.

— Costumávamos fazer isso durante o trabalho de campo. Aquecíamos os pés uns dos outros — recordou-se Margaret.

— Quem irá aquecer os meus? Richard Shoemith?

Margaret deu uma pequena gargalhada e Alice aliviou-a das calças e do casaco. A pele era tão fina, que quase parecia translúcida como um tecido em papel.

— Onde está a sua camisa de dormir?

— Debaixo da almofada. Querida, não vais para o Sul só por causa da tua... por causa do Peter, pois não?

Alice tinha desdramatizado a situação. Dissera a Trevor e a Margaret que ela e Pete tinham apenas optado por seguir caminhos diferentes.

— Não, vou porque me parece ser uma boa ideia. — As duas mantinham até então um acordo silencioso, na base do qual a partida de Alice era encarada como uma coisa trivial. — São só cinco meses. Aconteça o que acontecer, não irá demorar muito e a seguir regresso a casa. Volto para o Departamento e para as investigações de campo na Turquia e na Islândia.

Margaret ergueu os braços, enquanto Alice lhe enfiava a camisa pela cabeça, afirmando quase para si própria — Não é uma questão de tempo. Vais entender-me, quando lá chegares e verificares que não existe maneira de te libertares. Irás olhar para a tua vida a cada instante através desse prisma. Através de um véu de pó de diamante.

— O que é isso?

— A precipitação do ar cristalino e gelado. Abaixo dos -40ç formam-se cristais de gelo por nucleação espontânea, e estes depositam-se normalmente através de pequenas deflagrações. Tempestades de pontinhos reluzentes de gelo, que caem de um céu azul. Um encanto.

Margaret recostou-se sobre as almofadas. Alice sentou-se ao seu lado e deram as mãos.

— Vou pensar em ti, na altura em que o pó de diamante estiver a cair — acrescentou Margaret, com o tom da mais profunda satisfação na sua voz. Não recomendou à filha que tivesse cuidado, nem insistiu para que ela voltasse para casa em segurança. Alice sabia que a mãe lhe estava a oferecer aquilo que fora a melhor e a maior experiência da sua vida. Um gesto que encerrava, em simultâneo, uma expansividade e um egoísmo profundo, mas que, por isso mesmo, expressava perfeitamente a natureza de Margaret.

Curvou-se e beijou a mãe na fronte. Esta tinha os olhos quase fechados.

— Obrigada — murmurou Alice. — Também irei pensar em si, no momento em que o pó de diamante cair.

Trevor levou-a até ao aeroporto, para apanhar o voo nocturno para São Paulo, de onde apanharia o avião para Santiago e, em seguida, o outro para Punta Arenas na extremidade do Chile. Aí, iria embarcar num navio espanhol de abastecimento, fazendo uma viagem de três dias ao longo dos mares revoltosos da passagem de Drake, até à península da Antárctida e à estação de Kandahar. Richard e os restantes membros da expedição tinham-na precedido duas semanas antes. Na sua condição de membro retardatário, esta viagem tormentosa fora o melhor que a Direcção Polar lhe conseguira arranjar.

Não falaram muito ao longo do percurso, até verem as luzes de

Heathrow a piscar à distância. Trevor fora, desde sempre, um condutor assustadoramente rápido.

— Como te sentes? — perguntou ele.

— Sinto-me uma impostora. Não sou a mãe, nem uma pioneira ou uma exploradora. Receio o que possa vir a acontecer lá e que alguém me toque no ombro e diga “desculpe, nós estávamos à espera de Margaret Mather.” Tenho medo de os desapontar. — E de me desapontar a mim própria, poderia ela acrescentar, ainda que a ideia nunca a tivesse assaltado no meio de todas as suas expectativas.

Trevor retirou a mão do volante para lhe dar uma palmadinha no joelho, ao mesmo tempo que ultrapassava um camião, e Alice encolheu-se no seu assento.

— Nunca penses nisso — ordenou. — Jamais serás uma impostora.

Ela sorriu e ele voltou a colocar a mão no volante, endireitando de novo o carro.

— Vamos ver — condescendeu. Deixava muita coisa para trás, mas transportava consigo o amor do pai, um laço tão harmonioso e consistente como o fio de seda de uma aranha.

Despacharam a bagagem e foram tomar um café num dos bares deprimidos do Terminal Três. Trevor tinha-lhe comprado um monte de jornais e de revistas, e as asas do saco de plástico cravavam-se nos dedos, enquanto os dois deambulavam para matar o tempo. Ela pensou que nunca o tinha amado tanto como agora.

— Como é que foi, ao vê-la partir há tantos anos atrás?

— Sentia-me tentado a implorar-lhe que não partisse. Por isso, ficava contente quando ela se ia embora e eu tinha resistido a fazer essa súplica. Limitava-me então a esperar que ela voltasse.

Se queres conservar alguém, primeiro dá-lhe liberdade.

Trevor ficou imóvel junto à porta de embarque, a observá-la na fila para a apresentação do passaporte. Alice voltou-se para trás, antes de passar à frente do painel que a iria ocultar da sua vista.

Atirou-lhe um beijo e o pai ergueu a mão.

Depois seguiu em frente, desaparecendo-lhe da vista, em direcção à zona de detecção de metais e ao distante Sul.

Entre a névoa e os salpicos de água, as instalações de Kandahar pareciam ir crescendo.

Ao olhar de novo para lá, Alice avistou uma linha de rochedos negros e a zona de rebentação. No meio do nevoeiro, despontava um cais e dois outros homens vestidos com impermeáveis laranja. Um deles, curiosamente, abria a boca num largo sorriso. O outro assobiava, como se aquela fosse

uma cena de todos os dias.

O motor parou. Os dois homens pegaram na corda presa ao longo dos moitões e puxaram o Zodiac através da rebentação, até o encostar ao ponto de amarração. Alice ergueu-se da sua posição desgraciosa no fundo do barco. O condutor do Zodiac, ocupado em conduzir a acostagem, estava de costas voltadas para ela. Tinha o rosto oculto por detrás do passamontanhas e dos óculos de protecção, e ela não fazia a mínima ideia de quem seria ele, entre todos os membros da equipa. Os dois homens estenderam-lhe os braços, com os pés na água. Ela inclinou-se na direcção do pontão e eles ergueram-na, sem esforço, por cima da rebentação, para a depositar sobre a praia gelada. Alice cambaleou, ao sentir a terra firme sob os seus pés, e eles agarraram-na e ajudaram-na a equilibrar-se.

— Bem-vinda à Antárctida — disse-lhe o mais pequeno dos dois.